

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
Faculdade de Ciências Sociais  
Curso de História  
Mestrado

Thomaz Neuber

A complexa teia da neutralidade espanhola durante a Segunda Guerra Mundial  
e a cobertura do jornal Correio Paulistano

São Paulo  
2023

Thomaz Radino Neuber

A complexa teia da neutralidade espanhola durante a Segunda Guerra Mundial  
e a cobertura do jornal Correio Paulistano

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em História Social, sob a orientação do Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Denise Bernuzzi de Santanna.

São Paulo

2023

BANCA EXAMINADORA

---

---

---

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, que desde sempre me apoiaram e estiveram ao meu lado nos meus momentos mais difíceis.

Ao meu irmão gêmeo, Rodrigo, que me acompanha desde o início da vida.

Aos meus professores, que me fizeram chegar até aqui, especialmente à minha orientadora, Professora Denise Santanna, que me ajudou com toda a dedicação e paciência e contribuiu para que eu chegasse preparado.

À Laura, minha psicóloga, que fez o possível e o impossível para manter o meu psicológico alto e para prepará-lo para os desafios que viriam.

## RESUMO

O estudo tem como objetivo analisar alguns aspectos da neutralidade espanhola durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Busca-se perceber as principais razões que levaram o país a se manter neutro no conflito mundial, considerando a questão do enclave de Gibraltar e o ponto de vista político do jornal *Correio Paulistano* diante da neutralidade espanhola. Investiga-se como o jornal *Correio Paulistano* interpretou a postura espanhola e sua neutralidade. Para tanto, analisam-se as trocas de correspondências entre os governantes da Espanha, da Itália e da Alemanha, assim como livros que abordam o tema e edições do jornal *Correio Paulistano*. Pode-se concluir que, por meio das fontes investigadas, a Espanha de Francisco Franco manteve o título de “neutra” ao longo do conflito, porém conservou relações que favoreciam a si própria e aos países do eixo. Ao mesmo tempo, o enclave de Gibraltar serviu como uma estratégia para Franco postergar a entrada de seu país na guerra. Pela análise do *Correio Paulistano* podemos concluir que, inicialmente, o jornal apresentava uma atitude mais favorável ao governo espanhol. Contudo, o posicionamento mudou à medida que a guerra se virava contra os países do eixo e, após o conflito, adotou uma postura mais crítica ao caudilho espanhol.

Palavras-chave: neutralidade, guerra, Francisco Franco, Hitler, nazismo, enclave de Gibraltar, Espanha.

## ABSTRACT

The study aims to analyze some aspects of Spanish neutrality during the Second World War (1939-1945). It is about realizing the main reasons that led the country to remain neutral in the world conflict, considering the issue of the enclave of Gibraltar and the political point of view of the newspaper *Correio Paulistano* in the face of Spanish neutrality. Our aim was to investigate how the newspaper *Correio Paulistano* interpreted the Spanish posture and the interpretation of its neutrality. For that, correspondence exchanges between the rulers of Spain, Italy and Germany were analyzed, together with the analysis of books that addressed the subject and the archive newspaper *Correio Paulistano*. It can be concluded that through the investigated sources, Francisco Franco's Spain maintained the title of "neutral" throughout the conflict but maintained relations that favored itself and the axis countries. At the same time, the enclave of Gibraltar served as a strategy for Franco to postpone his country's entry into the war. Based on the analysis of the newspaper *Correio Paulistano*, we can conclude that it initially had a more favorable attitude towards the Spanish government. However, the posture changed as the war turned against the axis countries and after the conflict, he adopted a more critical attitude towards the Spanish caudillo.

Keywords: neutrality, war, Francisco Franco, Hitler, Nazism, enclave of Gibraltar, Spain.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>08</b>
<b>CAPÍTULO 1 - NEUTRALIDADE: UM CONCEITO COMPLEXO E DIFÍCIL.....</b>	<b>15</b>
<b>CAPÍTULO 2 - VISÕES DA GUERRA E DA ESPANHA DO JORNAL CORREIO PAULISTANO.....</b>	<b>44</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>59</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>66</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>70</b>

## INTRODUÇÃO

Este trabalho aborda alguns aspectos da neutralidade durante a Segunda Guerra Mundial, em particular, a situação da Espanha entre 1939 e 1945. O intuito é perceber as principais razões que levaram o país a permanecer neutro durante o conflito mundial, considerando a questão do enclave britânico de Gibraltar e o ponto de vista político do jornal brasileiro *Correio Paulistano* diante da neutralidade espanhola.

Como a maioria das nações europeias que permaneceram neutras no conflito, a Espanha, embora não estivesse envolvida na guerra, passou por diversas situações extremamente complicadas que poderiam tê-la arrastado para o conflito e, conseqüentemente, mudado o destino europeu. Contudo, na época da guerra, a Espanha era governada pelo ditador Francisco Franco, cuja ideologia era bastante parecida com as dos ditadores da Alemanha (Adolf Hitler) e da Itália (Benito Mussolini).

Na Espanha, o regime de governo era denominado “franquismo”, caracterizado por uma ideologia que existiu na Espanha de 1939 a 1975. Assim como a Alemanha nazista e a Itália fascista, a Espanha franquista procedeu à censura dos meios de comunicação de massa, ao combate dos opositores ao regime, à interferência do estado na economia e a uma forte oposição à democracia. Outro fator que aproximava o país ibérico da Alemanha e da Itália era o temor e o desprezo constante pela União Soviética e a possibilidade real de a influência de sua ideologia se estender aos seus respectivos territórios, o que contribuiu positivamente para a aproximação de Franco com ambos os países extremistas citados, principalmente com a Alemanha nazista.

A Alemanha contribuiu ativamente para a vitória de Franco na guerra civil espanhola, que terminou pouco antes do deflagrar da Segunda Guerra Mundial. Após a guerra civil, a Espanha ficou com uma condição econômica fragilizada, o que fez com que a renda do povo espanhol fosse reduzida de forma abrupta e significativa, além de ter perdido um milhão de vidas, tanto de civis como militares.

Com o deflagrar da Segunda Guerra Mundial, e considerando a situação do pós-guerra civil, Franco optou por não entrar na contenda europeia. Porém, como conseguiu conduzir a neutralidade espanhola com tantas afinidades com os países do eixo? Permaneceu mesmo neutra a Espanha no sentido literal da palavra?

Conforme já foi mencionado, este trabalho pretende questionar alguns significados da neutralidade espanhola durante a Segunda Guerra Mundial, e também perceber como o jornal *Correio Paulistano* se posicionou diante do governo de Franco e da situação espanhola entre 1939 e 1945. O trabalho está dividido em dois capítulos: o primeiro trata da complexidade do conceito de neutralidade; e o segundo foca no jornal *Correio Paulistano*.

Antes de começar, acredito que seja necessário explicar por que o jornal *Correio Paulistano* é utilizado como fonte principal do presente estudo. O *Correio Paulistano*, fundado em 1854 por Joaquim Roberto de Azevedo Marques, foi o primeiro jornal diário de São Paulo (e o terceiro do Brasil), circulando por mais de 100 anos, até 1963, com alguns períodos de interrupções. O jornal nasceu liberal, mas, com a criação do Partido Republicano Paulista (PRP) em 1873, o periódico tornou-se seu órgão de divulgação. Em 1874, foi comprado por Leôncio de Carvalho, adotando uma linha reformista. Durante o período imperial, foi um forte formador de opinião pública; notabilizou-se pela defesa do abolicionismo e da causa republicana. E, posteriormente, apesar de ser dirigido e sustentado por oligarcas tradicionalistas, foi o único entre os grandes jornais de São Paulo a apoiar a Semana de Arte Moderna de 1922.

Durante a Segunda Guerra Mundial, o *Correio Paulistano* fez uma cobertura extensa, informando detalhadamente, através de notícias e editoriais da imprensa estrangeira, o desenrolar do conflito desde o início da invasão da Polônia, em 1939, até o final da contenda mundial, em 1945.

À época de sua fundação, ele foi o primeiro jornal independente não atrelado a um partido político ou a uma escola literária; o primeiro a ser publicado diariamente em São Paulo e por um longo período de tempo; o primeiro a ser impresso em máquina de aço (abandonando o sistema de prelo manual à mão escrava capaz de rodar 25 jornais por hora); o primeiro que montou oficinas a vapor; o primeiro que saiu às segundas-feiras, o primeiro a ser impresso em uma máquina rotativa, e o primeiro a sair em grande formato. Foi ainda o primeiro jornal matutino a estampar clichês e a contratar fotógrafos para o seu corpo de redação num momento em que notícias ilustradas eram privativas dos vespertinos escandalosos. (THALASSA, 2007, p. 2)

O presente trabalho pretende usar a imprensa como fonte, e sabe-se que ela é comumente usada em diversos trabalhos provenientes da área de Ciências Sociais e Humanas. De fato, sua presença se faz sentir

“Nos diversos campos de pesquisa, da comunicação à semiótica, da crítica literária à educação, a imprensa aparece como fonte e também como objeto de pesquisa. Nos diversos níveis de ensino e em diversas áreas, a imprensa se configura, de forma crescente, em suporte didático-pedagógico na sala de aula. Professores de português e literatura buscam em textos da imprensa um espaço para aprendizagem de uma norma escrita mais viva e atual do que a dos clássicos; na geografia busca-se uma compreensão do espaço mundial globalizado mais atualizado, nas ciências sociais os temas do tempo presente.” (CRUZ, PEIXOTO, 2007, apud VIEIRA, 2013, p. 1)

Schuab menciona ainda a disciplina de História e considera que todo tipo de documento, não só a imprensa, tem importância e

[...] é também monumento, remetendo ao campo de subjetividade e da intencionalidade com o qual devemos lidar. Nesse momento, a imprensa periódica, seja nas suas variedades históricas e de veículos, jornais regionais e locais, grandes jornais diários, revistas nacionais, revistas de variedades, culturais, especializadas ou militantes, gibis, jornais alternativos ou de humor; seja em suas diferentes partes e seções, como editoriais, noticiário corrente, carta de leitores, seção comercial, artigos assinados; (...) tem sido, segundo Heloisa de Faria Cruz e Ana Maria do Rosário da Cunha Peixoto, amplamente utilizada na pesquisa acadêmica e no ensino de história. (VIEIRA, 2013, p. 1)

O estudo das notícias oriundas do jornal *Correio Paulistano* contribui para o entendimento de alguns dos principais problemas relacionados à neutralidade espanhola.

Para se compreender esse tema, faz-se necessário primeiramente perceber alguns aspectos da guerra civil espanhola ocorrida entre 1936 e 1939. Essa guerra envolveu o combate de dois lados distintos: os nacionalistas, liderados por Francisco Franco, cuja facção era composta pelo alto comando militar, do qual o próprio Franco era líder, com o apoio dos movimentos políticos conservadores, como a Falange Espanhola, fundada por José Antonio Primo de Rivera e considerada um movimento e partido político inspirado no fascismo, e da elite empresarial; e os republicanos, liderados, por sua vez, por Manuel Azaña, grupo composto pelos setores fiéis ao governo e encabeçado pela Frente Popular, pelo Partido Socialista Operário Espanhol, pelo campesinato e pelos movimentos bascos e catalães, além de incluir o “[...] conflito de classes, interesses corporativos, luta pela reforma agrária, ideias de supremacia cultural e de identidade nacional” (BUADES, 2013, p. 9).

Entre as principais causas do conflito destacam-se: a tensão que pairava devido à polarização política e ao enfraquecimento da democracia, tendo em vista a violência dos setores conservadores; a vitória do partido republicano nas eleições de 1936, que tirou do poder os militantes antirrepublicanos e a conspiração militar; e o golpe de julho de 1936, no qual a maior parte das forças armadas se levantou contra o governo, na intenção de tomar o poder. Os nacionalistas obtiveram o apoio militar da Alemanha nazista e da Itália fascista, lideradas por Adolf Hitler e Benito Mussolini, respectivamente, o que contribuiu para a vitória desses na contenda espanhola, enquanto os republicanos receberam o apoio da União Soviética, já que suas ideologias eram bastante parecidas, se não iguais.<sup>1</sup>

Podemos dizer também que a guerra civil espanhola foi:

[...] o enfrentamento político e militar mais importante registrado na Europa durante a década anterior à Segunda Guerra Mundial. Sua polarização não só afetou a Espanha, como também resultou em uma intensa reação em milhões de europeus e americanos. A guerra recebeu muitos nomes. Os esquerdistas e também muitos progressistas a entenderam de diversas maneiras: um combate “entre o fascismo e a democracia”, “entre o povo e a oligarquia” (ou “contra o exército”), “a revolução contra a contrarrevolução” e também “o futuro frente o passado”. Em diversos momentos, direitistas e conservadores a qualificaram de luta do “cristianismo contra o ateísmo”, “a civilização ocidental contra o comunismo”, “a Espanha contra a anti-espanha” e “a ordem pública contra a subversão”. Ainda que estas etiquetas sejam antiéticas, nem sempre são totalmente excludentes, porque a guerra foi enormemente complicada e contraditória, e em todas essas denominações havia, em maior ou menor medida, algo de verdade, apesar que algumas tenham sido mais precisas do que outras. (PAYNE, 2014, p. 4)

Entre as consequências da guerra civil espanhola, houve a perda de milhares de vidas, tanto de militares como de civis, somando um milhão de mortos, a completa devastação da Espanha, tanto fisicamente, devido à destruição maciça de sua infraestrutura, como economicamente, o que levou a uma redução da renda do povo espanhol em 30%. Tudo isso fez com que a Espanha voltasse a ser um país agrário, e acarretou o estabelecimento da ditadura de Francisco Franco, que permaneceria no poder até 1975.

---

<sup>1</sup> A esse respeito ver por exemplo: “A Guerra civil espanhola”, de Hugh Thomas (1962); “A Guerra Civil Espanhola”, de Josep. M. Buades (2013); “A Guerra Civil de Espanha”, de Bernard Michal (2016); “Breve história da Guerra Civil de Espanha”, de Helen Graham (2006).

Devido à ajuda militar que recebeu de Hitler e Mussolini, Francisco Franco ficou permanentemente em dívida com a Itália e, principalmente, com a Alemanha, acabando por fortalecer as relações dessas com a Espanha franquista, tanto militarmente como economicamente. Rafael García Pérez explica um pouco essa relação da Alemanha de Hitler com a Espanha de Franco:

A opinião geral mais difundida é que a chave para as relações hispano-alemãs neste período não reside na abstenção espanhola de participar militarmente de forma completa na Segunda Guerra Mundial, mas na existência de um importante elo de natureza econômica entre os dois países, forjado a partir da intervenção alemã na Guerra Civil e materializado principalmente na criação de uma organização econômica ligada à produção da guerra alemã e na existência de uma dívida de guerra volumosa, e na clara primazia desta ligação na evolução econômica das relações bilaterais. (PEREZ GARCIA, 1994, p. 245)

Rapidamente, podemos dizer que o Franquismo defendia a consolidação da autoridade do governo, pregava a reforma da organização administrativa e do ensino, além de atacar constantemente o rotativismo partidário, comum na Espanha. O Franquismo também foi “[...] uma longa ditadura fundada com o golpe de Estado de 18 de julho de 1936, e ratificado em 1939, e que durou até 1977, dois anos após a morte de Franco”. De acordo com Nájera, o franquismo

[...] tinha um tom semelhante aos regimes fascistas, aos quais sobreviveu após a vitória dos aliados em 1945, que ordenaram mudanças em sua ordem política e econômica que lhe permitiram sobreviver a um longo período pós-guerra de 20 anos, caracterizado pela miséria, fome e repressão. Assim, nos anos 60 teve o seu auge quando abriu a economia espanhola para o grande crescimento econômico ocidental que permitiu um forte desenvolvimento e uma profunda transformação social, embora uma estrita imobilidade política tenha sido mantida. (NÁJERA, 2022)

Embora o franquismo tenha sobrevivido por tanto tempo e tenha aberto a economia espanhola, o que permitiu um forte desenvolvimento e uma grande transformação social, houve pouca mudança no lado político espanhol, razão pela qual fala-se em imobilidade social.

Já o fascismo foi um movimento que surgiu na Itália em 1910 e alcançou o poder de fato em 1922, tendo como líder Benito Mussolini. Possui uma retórica

populista que tem como foco a corrupção, as crises da economia e o declínio dos valores morais e tradicionais da sociedade.<sup>2</sup>

[...] caracterizou-se por organizar os trabalhadores em conselhos que estabelecem sociedades cooperativas, com uma política baseada na violência, através da qual se baseava em um grupo de choque criado em 1920 chamado "Camisas Negras", que tinha controle sobre a mídia, proibindo qualquer forma de organização social e política, e através do controle absoluto da educação e da economia. (GRANJA, 2020, apud NÁJERA, 2022)

O nazismo, por sua vez, teve as suas raízes na Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e tinha como líder Adolf Hitler. Possuía uma ideologia semelhante ao franquismo e ao fascismo, pois era conhecido pelo

[...] Autoritarismo e autoridade total do líder, Estado totalitário, Antiparlamentarismo, Liberdades individuais, Racismo/Estado racista, Uso da força, Espaço vital. Assim, o fúrer exerceu o poder em sua totalidade, apoiado pelo partido nazista, através de organizações que facilitaram a submissão total da população que instilou uma ideologia de culto à força, obediência ao chefe e a primazia dos arianos; bem como o controle total de todos os meios de comunicação e da economia. (DELGADO, 2009, apud NÁJERA, 2022)

Contudo, apesar de ser semelhante aos outros autoritarismos, existia um porém que diferenciava o nazismo dos outros regimes ditatoriais. Era a visão de purificação racial, que tinha como objetivo resguardar a pureza da raça alemã e eliminar as chamadas "raças impuras": judeus, ciganos, dissidentes políticos, os chamados "inimigos do Reich" e pessoas com deficiências. Existia também a questão da eugenia, que tinha como principal foco a eliminação dos deficientes físicos e pessoas com doenças incuráveis, incluindo crianças. De acordo com Ian Kreshaw, autor de "Hitler, uma biografia":

Hitler tinha dado uma forte indicação de seus próprios pensamentos sobre como lidar com os doentes incuráveis em Mein Kampf, onde ele defendia sua esterilização. Quando ele falou no Comício do Partido de Nuremberg, em 1929, sobre como os mais fracos da sociedade deveriam ser tratados, o argumento econômico usado pelo lobby da

---

<sup>2</sup> A esse respeito ver por exemplo: "Fascismo: Um alerta", de Madeleine Albright (2018); "Breve História do Fascismo - uma síntese da página mais triste do século XX italiano", de Renzo de Felice (2005); "O que é Fascismo? E outros ensaios" (2018); "O Nazismo: Breve História Ilustrada" (1988); "O que é Nazismo", de João Ribeiro Júnior (2005); "Nazismo - como ele pôde acontecer", de Eduardo Szklarz (2014).

eugenia na profissão médica e outros pesou menos do que as questões de "higiene racial" e a "manutenção futura de nossa força étnica, na verdade de nossa nacionalidade étnica por completo". "Se a Alemanha tivesse um milhão de crianças por ano", declarou, "e acabasse com 700.000-800.000 das mais fracas delas, o resultado seria finalmente talvez até um aumento de força". Isso implicava engenharia racial por meio de assassinatos em massa, justificados pela ideologia social-darwinista, e não pela eutanásia no sentido convencional como a liberação voluntária da doença terminal. (KERSHAW, 2008, p. 530)

## CAPÍTULO 1 - NEUTRALIDADE: UM CONCEITO COMPLEXO E DIFÍCIL

O fato de a Espanha ter permanecido neutra durante todo o desenrolar da guerra não foi algo que a impediu de participar ou contribuir indiretamente no conflito. Na realidade, os países europeus que permaneceram neutros, em sua maioria, se não todos, foram obrigados, de uma maneira ou de outra, a se sujeitar às demandas tanto dos países aliados como daqueles do eixo, com o simples objetivo de escaparem inteiros da contenda e preservar os seus respectivos territórios em um momento tão conturbado da história. De acordo com Jerrold Michael Packard, em sua dissertação “Os europeus neutros na II Guerra Mundial”:

Quando o conflito europeu eclodiu em 1939, mais de trinta estados independentes se encontravam espalhados pelo continente. No final de 1941 apenas seis deles- Espanha, Portugal, Suíça, Suécia, Irlanda e Turquia- conseguiram permanecer em paz. Nenhum destes não-beligerantes foi completamente “neutro” em prática, cada um mudava precariamente de um campo para o outro em tentativas, geralmente frenéticas, de apaziguar seus vizinhos em guerra. (PACKARD, 1989, p. 1)

O fato de os cinco países citados anteriormente mais a Turquia (que se envolveu na guerra mais tarde) terem conseguido evitar o envolvimento direto no conflito não significa que eles estivessem livres de aflições, pelo contrário. A pressão sobre essas nações era constante e raramente dava trégua, pois tanto os países do eixo como os aliados queriam assegurar que esses cinco países neutros não ajudassem a nação inimiga enviando mantimentos essenciais, como por exemplo petróleo, borracha, metais pesados e outros materiais indispensáveis para a manutenção da máquina de guerra. O que naturalmente colocaria em risco a sua neutralidade e abriria a possibilidade, nem um pouco remota, de uma invasão estrangeira, algo que nenhum dos países mencionados estava disposto a permitir que acontecesse, mesmo que fosse necessário abrir mão de princípios e compactuar com as nações beligerantes em nome da sobrevivência nacional.

O conceito de neutralidade merece ser objeto de reflexão para que seja possível perceber a complexidade do tema aqui investigado. Para tanto, torna-se necessário explicar a questão da neutralidade, o que ela representa e os perigos que a acompanham de acordo com os autores que serão citados adiante. Podemos dizer inicialmente que a neutralidade em si e o seu significado variam dependendo da

pessoa e da época em questão. Mas ela é amplamente conhecida por ser uma condição que envolve um policiamento em tempos de guerra.

Considera-se neutralidade a atitude de imparcialidade por parte de um Estado durante um conflito armado. Um Estado que se declare neutro não deve prestar qualquer tipo de apoio aos Estados em guerra, como a cedência do seu território para ações militares ou o estabelecimento de bases militares no seu território. (ANDRADE, 1995, p. 356)

O artigo “O conceito de neutralidade: aspectos políticos e jurídicos”, de Larissa Gondim, analisa a obra de Carl Schimdt sobre a questão da neutralidade. Ali ela identifica, através de Schmid, que a neutralidade em si não é nada mais do que “[...] uma característica do Estado não intervencionista liberal do século XIX [...]” (GONDIM, 2014, p. 6). Podemos entender que a neutralidade determinaria que o Estado em si simplesmente não se envolveria em conflito algum, embora não o impedisse de interferir indiretamente na contenda ao oferecer suporte bélico e suprimentos, por exemplo.

De acordo com Leos Muller, autor do livro “Neutralidade na História do Mundo”, “Neutralidade assume um conflito armado entre duas potências soberanas, e onde uma terceira (neutra) parte permanece imparcial” (MÜLLER, 2019, p. 4). O autor também explica que:

O entendimento mais tradicional da neutralidade implica a uma unilateral declaração de neutralidade em uma guerra. Isso não significa que o estado neutro vai permanecer neutro durante toda a guerra e não obriga o estado a permanecer neutro no conflito resultante. (MÜLLER, 2019, p. 5)

A explicação supracitada nos mostra que o simples fato de uma nação se autodeclarar neutra não necessariamente significa que ela irá permanecer assim por todo o conflito, afinal, não há nenhuma lei que a proíba de fazê-lo ou a proíba de tomar uma posição tardiamente. Tal como fizeram a Turquia, a Itália e os Estados Unidos no decorrer do conflito, por exemplo.

A neutralidade pode, de certo modo, ser aplicada a cidadãos que pertençam a um estado neutro. Vejamos o que o trecho retirado do jornal *La Armonia* nos revela: “O Diário oficial de Paris diz que os estrangeiros e seus bens estão sob a garantia do direito de neutralidade e, que, portanto, não podem e nem devem estar sujeitos à requerimento.” (LA ARMONIA, 1871, p. 4) O trecho citado nos mostra que o fato de

um cidadão estrangeiro pertencer a um país que se encontra neutro o coloca em uma posição privilegiada, isentando-o das obrigações que geralmente um cidadão da nação beligerante seria obrigado a cumprir, como providenciar documentos extras e se alistar no exército.

Outro autor que destaca a importância da neutralidade é Gary Gayer, que aborda a questão da neutralidade para com os Estados neutros:

As trocas com os poderes em guerra foram um elemento-chave na manutenção da neutralidade, seja em bancos e arte, uso de rotas comerciais e espaço aéreo, políticas de fronteira, vendas de recursos naturais, tráfico humano de refugiados, auxílio e cumplicidade de pessoal de serviço, uso de portos ou espionagem que ocorreu em todos os países neutros. Tanto os poderes aliados quanto os eixos fizeram uso de todos esses aspectos, e os neutros os apaziguaram para manter sua neutralidade.

Como afirma Herbert R. Reginbogin, “Um status de neutralidade – formalmente declarado – naturalmente teve repercussões nas relações exteriores de um país. Mas os poderes aliados e do Eixo atribuíram diferentes importâncias aos Estados neutros de acordo com avaliações em tempo de guerra de sua importância para a guerra, resultando em diferentes padrões de respeito pela neutralidade de diferentes estados”. (GAYER, 2013, p. 6)

É claro que o fato de um país ter declarado neutralidade não significa que ele esteja totalmente protegido de ter a sua neutralidade violada pelas nações em guerra. Foi o que aconteceu regularmente na Segunda Guerra Mundial, quando a grande maioria dos países que se declararam neutros na Europa foi atacada, sendo pega totalmente desprevenida e, conseqüentemente, dominada pela força invasora. Tal como aconteceu com a Dinamarca, a Noruega, a Holanda, a Bélgica, Luxemburgo, a Iugoslávia e a Grécia (invadidos pela Alemanha nazista) e os países bálticos Lituânia, Estônia e Letônia (invadidos e anexados forçosamente pela União Soviética). De acordo com o autor Jerrold Packard:

Independentemente da neutralidade professada de uma nação, dita neutralidade pode ficar em perigo de ser violada quando os interesses de seus vizinhos em guerra anulam os custos de contrabalança de guerrear com o respectivo país neutro. Para ser efetiva, tal profissão de neutralidade tem que, em muitos casos, ser apoiada por uma capacidade militar e determinação para deter uma nação beligerante de utilizar o território do estado neutro para os seus próprios ganhos. (PACKARD, 1989, p. 3)

Packard ainda acrescenta:

Deve-se ressaltar que, embora os Estados possam, e muitas vezes, declarar sua neutralidade permanente, o conceito em si logicamente existe apenas em um cenário de guerra, pois embora os estados sejam rotineiramente aliados uns aos outros em tempos de paz, existindo casos de estados que forçam uma aliança com seus vizinhos através de ameaças militares, é durante o conflito que determinados estados neutros perdem o seu status de desalinhamento. (PACKARD, 1989, p. 2)

Os dois trechos mencionados revelam que a neutralidade pode muito bem ser uma mera ilusão para uma nação neutra. Isso porque, dependendo da posição geográfica e dos recursos naturais que possui, pode ser que um dos países que se encontram em guerra resolva subitamente invadi-la para se apoderar de suas reservas naturais e se utilizar da sua geografia para obter vantagem contra o rival. Tal como foi o caso da Holanda, da Bélgica e de Luxemburgo, já que o terreno plano dos três países tornaria mais fácil o avanço da infantaria alemã rumo ao Sudoeste para atacar a França, algo que contrastava bastante com o terreno suíço, que, por ser montanhoso e ter pouquíssimas estradas disponíveis, traria imensas dificuldades para as tropas invasoras, que dificilmente conseguiriam mover-se com seus tanques em um ambiente hostil.

A Suíça, apesar de ter permanecido neutra, lucrou com o nazismo, precisamente com o ouro e outros materiais de valor roubados das vítimas de Hitler. Para se ter uma ideia do lucro obtido pela Suíça:

De 1939 a três semanas antes do suicídio de Hitler, em abril de 1945, a máquina de lavagem de ouro suíço trocou ouro do Reichsbank alemão por 1,7 bilhões de francos suíços. O ouro foi depositado em cofres bancários em Berna e foi lavado por meio de supostas “transações triangulares”. (MCCOMAS, 2016, p. 85)

Além disso, existia a possibilidade de os suíços explodirem as poucas estradas existentes em um ato de resistência, o que pioraria qualquer operação militar. Portanto, invadir os Países Baixos e seus vizinhos seria, sem dúvida, a escolha mais viável e, portanto, mais fácil.

Outro autor que explica a questão da neutralidade é Jonathan Petropoulos. De acordo com ele:

A neutralidade, quando praticada por nações, nem sempre é neutra. Não impede o envolvimento em assuntos internacionais, ou mesmo partidarismo. De acordo com o direito internacional, existem diferentes tipos de neutralidade. Por exemplo, a Suíça adotou a neutralidade "diferenciada" em 1920, uma decisão que indicou a disposição de empregar sanções econômicas para comunicar a desaprovação de outra nação; em 1938, os suíços adotaram a "integral", ou supostamente incondicional, neutralidade. (PETROPOULOS, 1997, p. 1)

Podemos dizer que a neutralidade, ao ser praticada, não é 100% neutra. O autor explica que, apesar de a neutralidade em si representar imparcialidade em face de um conflito, ela não impede que um país neutro tome uma decisão que acabe o envolvendo em questões internacionais e até mesmo em conflitos, mesmo que indiretamente.

Petropoulos revela ainda que existem diferentes tipos de neutralidade, como por exemplo a "diferenciada", adotada pela Suíça em 1920 tendo como objetivo mostrar que o governo local estava disposto a impor sanções econômicas para demonstrar a insatisfação de uma nação para com a outra; e a neutralidade "integral", que denotava a vontade do país em questão de permanecer fora de um conflito e exercer seu direito de fazer comércio com ambas as partes em guerra.

O conceito de neutralidade também pode ser entendido a partir de diversas subcategorias. Primeiramente, temos a questão da neutralidade beligerante, na qual um país não se declara neutro desejando proceder de acordo com os seus interesses, simpatias e conveniências. De acordo com Victor Morales Leszcano:

Os Estados que adotam uma atitude de não-beligerância não participam da guerra, mas também não se declaram neutros porque querem preservar sua liberdade política de proceder, em cada caso, de acordo com suas conveniências, seus interesses ou suas simpatias, em relação às circunstâncias reais de cada hora. (LEZCANO, 1984, p. 615)

Um país que adote a não beligerância costuma participar indiretamente do conflito, ajudando uma das nações beligerantes politicamente ou materialmente, contudo, sem participar militarmente da contenda. Um exemplo é Portugal, que,

[...] apesar de ter declarado a sua neutralidade a 2 de setembro de 1939 – em comunicado na imprensa portuguesa – menosprezou a sua condição de Estado neutro ao longo da duração do conflito. Um exemplo da violação da neutralidade é demonstrado pela cedência do território açoriano às forças militares Aliadas, no final de 1940 e inícios de 1941. Pode-se assim considerar que Portugal não manteve a imparcialidade exigida a um Estado neutral durante um conflito armado, sendo considerada a sua situação uma “neutralidade colaborante”. Para além deste aspeto, também manteve relações diplomáticas e económicas com os beligerantes. (CARDOSO, 2017, p. 356)

Outro tipo de neutralidade que pode ser incluída aqui é a perpétua, ou tradicional, a qual podemos dizer que é utilizada tanto em tempos de guerra como em tempo de paz, estando presente tanto constitucionalmente como em forma de tratado.

De acordo com Agius e Devine:

[...] Em termos formais, a neutralidade permanente ou perpétua refere-se a um Estado que mantém a neutralidade em tempos de guerra e paz. Muitas vezes, esta forma de neutralidade é codificada constitucionalmente ou sob a forma de tratado. A neutralidade suíça é citada como um exemplo dessa forma de neutralidade, uma vez que o status foi reconhecido pelo Congresso de Viena em 1815. (AGIUS, DEVINE, 2011, p. 267)

Outro tipo de neutralidade é chamada “não alinhamento”, conforme Agius e Devine também explicam:

O não-alinhamento deriva do contexto da Guerra Fria. Não se trata de uma posição jurídica, apenas política (Ogley, 1970: 3; Raymond, 1997), e significava evitar o emaranhamento em conflitos de superpotências (Lyon, 1963: 15–16; Vukadinovic, 1989: 40-2; Widmer, 1989: 21). Isso, no entanto, não impediu que Estados não alinhados participassem de conflitos que afetassem seus próprios interesses nacionais que não envolvessem as superpotências. (AGIUS, DEVINE, 2011, p. 268)

Mais adiante, retornando a Petropoulos, depois de explicar a questão da neutralidade, aponta os países neutros citados, acusando-os de colaboração ativa com a Alemanha nazista e de terem se utilizado de seu status de nação neutra para conseguir concessões:

Apesar da aparente precisão desses termos legais, a neutralidade para a Suíça durante a Segunda Guerra Mundial, bem como para os outros países europeus continentais que reivindicaram status neutro

durante esse período – Portugal, Suécia, Espanha e Vaticano – pode ser melhor resumida pela frase, auto-interessado não combatente. Essas nações compartilhavam os objetivos comuns de preservar a relativa independência na política externa e resistir à invasão dos assuntos internos. Mas os custos eram altos: Suíça, Suécia, Portugal e Espanha, em certos pontos, mereciam o rótulo desagradável – mencionando o título do livro de Donald Waters sobre a Suíça – “Aliado Secreto de Hitler”. (PETROPOULOS, 1997)

O autor deliberadamente acusa os países neutros citados de terem colaborado ativamente com a Alemanha de Hitler, chegando a chamá-los de aliados de Hitler, pois de fato muitos desses, se não todos, beneficiaram-se bastante com o conflito. Esses estariam sujeitos à invasão estrangeira caso ofendessem o ditador alemão, que, por ter sob o seu controle quase toda a Europa (entre o final de 1942 e início de 1943), poderia adicionar mais territórios sob o seu domínio. Portanto, o melhor a se fazer para evitar uma possível invasão era seguir as regras de Hitler.

Petropoulos não é o único que critica duramente o modo de agir dos países neutros durante a Segunda Guerra Mundial. Muller faz o mesmo em seu livro:

A neutralidade também é vista como imoral. Na Segunda Guerra Mundial, nações neutras como a Suíça e a Suécia negociaram tanto com os Aliados como as Potências do Eixo. Eles evitaram ocupação e destruição em tempo de guerra, e eles fizeram belos lucros no negócio. Eles estavam atrasados, diz-se, em condenar ambos os crimes nazistas em países ocupados e no Holocausto. Os bancos suíços até abrigavam depósitos de ouro roubados dos judeus, o que, décadas após a guerra, levou a processos legais contra os bancos. A Irlanda, outro neutro democrático na Segunda Guerra Mundial, foi acusada de se fazer de cega à política de Hitler. (MÜLLER, 2019, p. 11)

Nesse sentido, a neutralidade, de certo modo, contribuiu positivamente para o enriquecimento das nações mencionadas, já que tiraram proveito da situação europeia e do caos instalado para colocar dinheiro em seus respectivos cofres. Foi o que a Suíça fez de uma maneira bastante descarada ao permitir que membros do partido nazista depositassem em seus bancos o ouro e outros materiais preciosos que outrora pertenceram às suas vítimas assassinadas nos campos de concentração, enriquecendo às suas custas.

Quanto à Irlanda, de acordo com o autor citado, permaneceu neutra na Segunda Guerra Mundial a partir de uma política de neutralidade absoluta. Contudo, o governo local simplesmente ignorou o que estava acontecendo nos territórios

ocupados. De acordo com o texto anteriormente citado, a Irlanda mostrou-se surpresa quando o resultado das ações alemãs durante o conflito europeu veio à tona. Podemos dizer que a razão por trás desse suposto “atraso” em condenar os crimes alemães no conflito por parte da Suíça e da Suécia foi sobretudo o fato de que ambas as nações comercializaram ativamente com a Alemanha de Hitler e, conseqüentemente, demoraram a ter coragem em fazê-lo.

Outro possível fator que contribuiu para a demora dessas nações em reconhecer o holocausto foi que certamente ambas queriam evitar ter qualquer relação com o genocídio contra o povo judaico praticado pelos nazistas, o que poderia manchar seus respectivos nomes. No caso da Suíça, desejava evitar revelar a localização e a posse dos bens das vítimas por parte de seus algozes em seus bancos, o que os levaria a perder sua fonte de renda, seu dinheiro e, possivelmente, a confiança de seus clientes, mesmo cientes do passado sombrio da maioria desses bens e da alta possibilidade de o dinheiro e as joias obtidos por eles estarem totalmente manchados de sangue inocente.

Entende-se que as relações amistosas entre a Espanha de Franco e a Alemanha de Hitler se iniciaram através da guerra civil espanhola, que contribuiu para a aproximação desses países. Para se ter uma ideia do alto grau de proximidade de ambos os ditadores, vejamos o que Carlos Puplio Leiva tem a dizer sobre esse assunto:

Durante a Guerra Civil Espanhola as relações entre a Alemanha e as revoltas militares foram marcadas, por um lado, pela evolução do conflito e do intervencionismo alemão; e, por outro lado, para o apoio diplomático que deram à Espanha de Franco nos diferentes fóruns políticos internacionais [...]. (LEIVA, 2017, p. 160)

Nota-se que as relações entre a Espanha e a Alemanha se fortaleceram muito durante o conflito, graças ao apoio nazista às forças de Franco, tanto militarmente como diplomaticamente, contra as forças republicanas. Hitler se esforçou para que, após a vitória dos nacionalistas espanhóis, o novo governo fosse reconhecido mundialmente, o que bastou para que se iniciasse um ambiente amistoso entre os dois ditadores.

Diante da contribuição alemã para a vitória dos nacionalistas espanhóis, podemos claramente dizer que, entre os dois países da península ibérica, a Espanha foi o que chegou mais perto de se envolver no conflito mundial a favor de Hitler, mas,

“[...] depois de ser devastada de 1936 até 1939 por sua própria guerra civil, Francisco Franco julgou corretamente que o seu país não tinha condição alguma de lutar no amplo conflito europeu” (PACKARD, 1989, p. 4).

Ainda na mesma página, Packard explica por que o governo da Espanha de Franco acreditava que devia lealdade à Alemanha de Hitler:

Franco, que mantinha uma autoridade sem precedentes na Espanha- como comandante em chefe das forças armadas, assim como chefe de estado, do governo e do partido falangista- considerava a si e a Espanha na obrigação de serem leais tanto a Hitler como Mussolini, os líderes do eixo que ajudaram os nacionalistas a alcançarem a vitória ao providenciar materiais militar crítico e suporte aéreo. (PACKARD, 1989, p. 4)

Os dois trechos reproduzidos nos mostram que o fato de a Alemanha e a Itália terem contribuído positivamente para que o partido de Francisco Franco saísse vitorioso da guerra civil foi o suficiente para deixá-lo eternamente grato aos dois ditadores e disposto a fazer o máximo possível para lhes agradar. Porém, mesmo que o ditador espanhol considerasse tanto Hitler como Mussolini aliados ideológicos e, possivelmente, até amigos, não significava que estivesse disposto a entrar em guerra por eles.

Outro fator foi que a guerra civil espanhola (17 de julho de 1936 – 1º de abril de 1939) terminou exatamente no mesmo ano em que a Segunda Guerra Mundial começou (1º de setembro de 1939 – 2 de setembro 1945), em um intervalo exato de cinco meses, tornando totalmente impossível qualquer participação do país de Franco no conflito, já que grande parte da infraestrutura da Espanha, a economia e parte das grandes cidades do país encontravam-se em ruínas devido aos combates e ataques aéreos. Não era de se estranhar que houvesse tão pouco entusiasmo da vasta maioria de seus líderes para a entrada espanhola na guerra, pois seriam grandes as chances de o regime franquista ser derrotado e, conseqüentemente, entrar em total colapso em face do poderio militar alemão.

Apesar do risco constante e real de ter a Espanha arrastada para o novo conflito europeu, Franco persistiu em manter o seu país próximo de Hitler, algo que foi recebido com apreensão e até mesmo temor pelos países aliados. Sendo o principal deles o Reino Unido, já que um dos seus territórios ultramarinos, Gibraltar,

fazia fronteira com a Espanha e, conseqüentemente, era o último território inglês em solo europeu que não se encontrava nas mãos nazistas.

Após a deflagração do conflito e, principalmente, depois da derrota francesa, o governo britânico impôs uma série de medidas restritivas ao país de Franco. A ideia era minar qualquer possibilidade de o país ibérico se juntar à Alemanha nazista no futuro e acabar se tornando uma ameaça aos seus territórios, principalmente o de Gibraltar, que juntamente com Malta (que na época ainda era uma possessão britânica) eram os únicos territórios ingleses na Europa que não se encontravam sob ocupação alemã. Observaremos uma dessas medidas através do autor do livro “A neutralidade espanhola durante a Segunda Guerra Mundial”, Antonio Marquina:

[...] primeiro, à Espanha não era permitido comercializar livremente com os países do eixo. O bloqueio econômico, o sistema de licença de exportação, e a extensão progressiva da lista de commodities que a Espanha estava proibida de exportar sob os termos dos acordos comerciais de guerra. Tudo isso reduziu notavelmente o livre fluxo de mercadorias da Espanha. (MARQUINA, 1998, p. 173)

Marquina vai mais adiante e revela:

Segundo, os aliados criaram um sistema de incentivos para condicionar as decisões políticas espanholas. Os britânicos se envolveram em uma política focada em construir uma linha de interesses mútuos, e criando as condições em que qualquer tipo de rompimento seria uma grande perda para o comércio e para a indústria espanhola. (MARQUINA, 1998, p. 173)

É claro que o bloqueio econômico britânico acabou colocando a Espanha de Francisco Franco em uma situação precaríssima, pois incluía a importação de alimentos, da qual o país dependia para sobreviver. Vendo isso, a Inglaterra então

[...] testou diferentes políticas para alinhar a Espanha com Portugal e reforçar a neutralidade espanhola. Uma dessas iniciativas foi providenciar produtos portugueses para a Espanha, ao incluir esses produtos no acordo anglo-espanhol assinado em 18 de Março de 1940. Adicionalmente, Portugal providenciaria 1000,000 toneladas de grãos de trigo para amenizar a fome na Espanha, estabilizar a situação interna na Espanha e prevenir que a Espanha se rendesse às ambições alemãs e italianas. (MARQUINA, 1998, p. 173)

Os três trechos supracitados revelam o quão focados os ingleses estavam em manter a Espanha de Francisco Franco neutra e sem nenhuma possibilidade de se aliar a Hitler. Podemos entender que o medo do governo britânico era que a Espanha se utilizasse de sua neutralidade para enviar o máximo possível de mantimentos e materiais bélicos para a Alemanha, razão pela qual os ingleses decidiram apertar o laço em torno do pescoço da Espanha de Franco através do bloqueio econômico. Ao mesmo tempo, os aliados tomavam um cuidado extremo para não cometer nenhum deslize que pudesse jogá-la diretamente nos braços de Hitler e forçar a entrada da Espanha na guerra a favor do eixo, pois isso poderia trazer resultados catastróficos, especialmente para eles e para a guerra que prosseguia no continente europeu.

A Inglaterra não era a única nação a ver a proximidade germano-espanhola com apreensão. Também havia os Estados Unidos, que, embora ainda estivessem neutros no momento, não confiavam no regime de Franco e suspeitavam que, dada a primeira oportunidade, ele se uniria a Hitler no objetivo de seguir os seus passos e colocar em prática os seus planos de grandeza. De acordo com Packard:

Especialmente depois da queda da França, a principal preocupação de Washington paralelamente a Londres- que Franco traria a Espanha para a guerra ao lado do Eixo. Embora ainda neutro, os Estados Unidos tinha se tornado tudo, mas um co-beligerante com a Grã-Bretanha na aliança anti-alemã, e o medo de um Eixo reforçado foi a principal consideração do presidente Roosevelt em iniciar uma linha diplomática sem precedentes com o governo de Franco. (PACKARD, 1989, p. 23)

Outro autor que menciona a questão da dependência espanhola em relação às importações é Gerard Rutan, que nos mostra a conversa do diplomata americano na Espanha, Carlton Hayes, com o presidente Roosevelt sobre esse assunto espinhoso:

Embora o Terceiro Reich tenha enviado toneladas de material de guerra e milhares de tropas e aviões para ajudar os nacionalistas na Guerra Civil, Berlim não tinha conseguido entregar qualquer tipo de ajuda necessária para garantir a prosperidade da Espanha após a guerra. Mesmo como as legiões panzer da Wehrmacht chegaram aos Pirineus no final de junho de 1940, o povo espanhol se aproximou cada vez mais da fome. Carlton Hayes observou que em julho de 1941, a situação tinha crescido tão desesperadamente que o secretário Hull explicou para o presidente Roosevelt que, a menos que algo fosse feito para atender aos requisitos de combustível espanhóis, uma situação resultaria que poderia ter apresentado aos alemães que

ocupavam a França uma desculpa para restaurar a ordem na Espanha, ou seja, uma intervenção. A distribuição de alimentos na Espanha foi completamente dependente do transporte, e transporte sobre combustível Mesmo em 1940-41, o comércio alemão-espanhol não estava em nenhum volume, nem envolvia essas mercadorias (alimentos e combustível) que a Espanha precisava tão desesperadamente. (RUTAN, 1958, p. 11)

Podemos entender que, apesar de o governo alemão ter ajudado militarmente os nacionalistas espanhóis na guerra civil, ele falhou em oferecer ajuda na área petrolífera e alimentícia, o que deixou a Espanha totalmente dependente da ajuda aliada. Percebemos que Hayes sabia que o comércio alemão com a Espanha não envolvia o envio de comida e petróleo e temia que Hitler se utilizasse da situação espanhola, que no momento não era das melhores, e despachasse suas tropas para o país de Franco, com a intenção de ocupá-lo e tomar Gibraltar para si. Diante disso, o diplomata pediu para que Franklin Roosevelt, o presidente dos Estados Unidos, tomasse uma providência definitiva para impedir que tal evento, desastroso por sinal, acontecesse, pois, se a Espanha ficasse totalmente sem alimentos, muito provavelmente ficaria à mercê da Alemanha de Hitler.

Embora o país não tivesse tomado parte na contenda, a situação alimentícia e a escassez de petróleo causadas pela recente guerra civil não haviam melhorado em nada, pelo contrário: só pioraram no ano de 1940, devido ao conflito que se desenrolava perto de suas fronteiras e à derrota francesa para as forças alemãs, em junho daquele mesmo ano, o que dificultava a situação espanhola, pois tinha de apaziguar não só um, mas dois países que se encontravam em guerra.

A Espanha, embora se encontrasse em um estado de penúria no pós-guerra civil, também lucrou bastante na Segunda Guerra Mundial. Uma das principais razões está ligada ao tungstênio, um material de vital importância para a produção armamentista nazista, algo que se tornou um foco para os países aliados, que decidiram iniciar uma série de programas de compras preventivas em que competiam ativamente com a Alemanha nazista. De acordo com Manuel Martín Rodríguez, autor de "La economía española en la Segunda Guerra Mundial", esses programas:

[...] destinavam-se sobretudo aos minerais e, em especial, ao tungstênio, de que a Espanha dispunha em abundância e de que a Alemanha necessitava desesperadamente para a sua indústria de armamento. Hayes diz: "Quando os alemães desejaram um minério e ofereceram uma tonelada [de tungstênio] por duzentas pesetas, os

Aliados propuseram sua compra por seiscentos." A competição entre a Alemanha e os Aliados pela compra desses produtos foi um balão de oxigênio para a economia espanhola e para o Tesouro, que aproveitou a situação para estabelecer um alto imposto sobre sua produção. (RODRÍGUEZ, 2016)

Quando a França caiu perante as forças de Hitler, em junho de 1940, muitos acreditavam que a derrota da Inglaterra era iminente, dado que era a única nação europeia que desafiava a Alemanha abertamente. Com a derrota dos franceses, Hitler tinha obtido então uma fronteira direta com a Espanha e, tendo em vista a proximidade ideológica de ambos os países, fez com que muitos no Reino Unido se perguntassem quando é que chegaria o momento em que Franco permitiria que Hitler passasse suas tropas por seu país para ocupar Gibraltar, uma vez que o enclave britânico estava totalmente desprotegido.

O primeiro-ministro inglês, Winston Churchill, tinha pouquíssima ilusão do destino que pairava sobre o território inglês. Aqui neste trecho retirado de seu livro "Memórias da Segunda Guerra Mundial" podemos ter uma ideia da falta de esperança para com o futuro de Gibraltar e a provável perda desse enclave para Hitler: "A Espanha, que já havia ocupado a Zona Internacional de Tânger, poderia voltar-se contra nós a qualquer momento e exigir Gibraltar, ou pedir aos alemães que a ajudassem a atacá-lo, ou montar baterias para impedir a passagem pelos estreitos." (CHURCHIL, 1953, p. 481)

Podemos entender, através do trecho citado, que tudo isso era uma tentativa dos ingleses de impedir que o canal de Suez fosse fechado pela Alemanha, barrando o envio de exportações e mantimentos, vitais para manter não só as tropas britânicas que lutavam no Norte da África, mas também o próprio Reino Unido e seu povo, vivos na contenda europeia, dado que muitas das embarcações inglesas estavam sujeitas a ataques de submarinos alemães no Atlântico norte, razão pela qual precisavam manter o teatro do Mediterrâneo intacto e suas tropas bem supridas.

Tendo em vista a afinidade ideológica entre Franco e Hitler e a perigosa situação geográfica do enclave britânico, não era de surpreender que muitos britânicos, incluindo boa parte dos membros do parlamento inglês, já considerassem o pequeno território inglês, para todos os efeitos, totalmente perdido.

Hitler, por outro lado, mal podia esperar para colocar as mãos em Gibraltar e bloquear qualquer possibilidade de os britânicos se envolverem no Mediterrâneo, acreditando que a queda desse era apenas questão de tempo, se não de dias. Uma

vez que a passagem do exército alemão pelo território espanhol dependia da boa vontade de Franco, que dava sinais alarmantes, pelo menos para os britânicos, de que iria permitir que tal ato ocorresse sem nem ao menos se opor à sua vontade.

A correspondência entre Franco e Hitler é reveladora sobre a precariedade do enclave de Gibraltar. Primeiramente, um trecho da conversa de Hitler com o ministro do interior espanhol, Serrano Suñer<sup>3</sup>:

[...] Quando Serrano Suñer, por sua vez, apontou novamente para a grande força da fortaleza de Gibraltar, o Führer respondeu que um ataque com artilharia pesada contra um estabelecimento desse tipo não seria tão eficaz quanto seria uma operação com as armas especiais usadas para sobrecarregar a Linha Maginot. Bombas aéreas pesadas tiveram um efeito muitas vezes tão grande quanto a artilharia mais pesada e mesmo as obras da Linha Maginot não podiam ficar sob ela, desde que estruturas blindadas que, de acordo com a experiência da Guerra Mundial, poderiam suportar a artilharia mais pesada, foram aniquiladas por 1.000, 1.400 e 1.800 kg de bombas aéreas em dez minutos. Mesmo quando não houve impacto direto, o efeito de concussão de uma bomba de 1.000 kg foi em si mesmo tremendo. Portanto, o fator decisivo para a conquista e posterior defesa de Gibraltar é a garantia da supremacia absoluta do ar [...] 19 de setembro de 1940. (tradução livre)<sup>4</sup>

Franco responde a Hitler três dias depois, dizendo sobre a importância da tomada de Gibraltar para se precaver de qualquer futuro ataque britânico, apesar de deixar claro um alinhamento com o führer:

Chefe de Estado  
Generalíssimo das Forças Militares Nacionais  
22 de setembro de 1940  
MEU QUERIDO FÜHRER

[...] 1. Em relação aos seus trens de pensamento estabelecidos no ponto um sobre os efeitos políticos e econômicos da luta atual, só posso dizer a vocês que concordei desde o primeiro dia com sua opinião expressa lá. Só nosso isolamento e a falta de recursos mais indispensáveis para nossa existência nacional tornaram nossa operação impossível.

Estou de acordo com vocês de que a saída dos ingleses do Mar Mediterrâneo melhorará a condição dos nossos transportes, embora seja evidente que nem todas as questões sobre o abastecimento da Espanha serão resolvidas, uma vez que existem muitos produtos e

---

<sup>3</sup> Ver anexo 1

<sup>4</sup> The Spanish Government and the Axis: No. 4. Notes of a Conversation Between the Fuehrer and the Spanish Minister of the Interior Serrano Suñer in the Presence of the Reichs Foreign Minister in Berlin on September 17, 1940. Lillian Goldman Law Library, Yale Law School. Disponível em: <<https://avalon.law.yale.edu/wwii/sp05.asp>>.

matérias-primas que a Espanha não tem, e que não devem ser encontrados na bacia do Mediterrâneo.

2. Eu também sou, da opinião de que o primeiro ato em nosso ataque deve consistir na ocupação de Gibraltar. Nesse sentido, nossa política militar no Estreito desde 1936 tem sido dirigida antecipando as intenções inglesas de expandir e proteger suas bases.<sup>5</sup>

Ao analisarmos o documento, temos ciência da situação desfavorável em relação a Gibraltar, que fazia fronteira com um país pouco amigável e que muito provavelmente lhe seria hostil desde o princípio. Podemos perceber que Franco decerto pensou em se aliar a Hitler e em permitir que as suas tropas ocupassem o enclave britânico.<sup>6</sup> Após a leitura desse documento, não é difícil imaginar o cenário de uma Gibraltar sob total domínio nazista e as consequências da ocupação desse pequeno território para a violenta guerra travada contra os ingleses que acontecia no Norte da África, precisamente no Egito.

Packard também explica a questão incógnita de Gibraltar e vai mais adiante no assunto:

Hitler e o estado maior da OKW consideravam a Espanha inequivocamente na lógica de seus objetivos militares: ao trazer o país para a guerra ao lado do eixo, eles argumentaram que Franco abriria sua fronteira para a infantaria e colunas blindadas alemãs e permitiria que eles marchassem até Gibraltar - a última possessão britânica no continente e a garantia absoluta de manter o Mediterrâneo aberto para a marinha real britânica. Uma vez em Gibraltar, Hitler planejava mover suas tropas através pelo estreito, até o Marrocos Espanhol, e persuadir Franco a ceder uma de suas ilhas no arquipélago das Canárias para servir como base para os seus submarinos U-boats. (PACKARD, 1989, p. 18)

Outro autor que mostra a situação alarmante de Gibraltar é Ángeles Egido:

Em julho de 1940, viajou à Espanha o almirante Canaris, com o propósito de preparar um plano destinado a tomar Gibraltar com o apoio italiano e espanhol, como alternativa ao plano *see/owe* (a ocupação do Reino Unido). Em Setembro, o general Von Richtofen viria a Madri e Ramón Serrano Suñer iria a Berlim. Von Richtofen deu garantias sobre o envio de *suministros* e matérias primas que permitiriam à Espanha de Franco, em plena penúria de pós-guerra civil, fazer frente à situação. Serrano se ocupou de mostrar as

---

<sup>5</sup> The Spanish Government and the Axis: No. 5. Letter From Generalissimo Franco to Hitler, 22 set. 1940. Lillian Goldman Law Library, Yale Law School. Disponível em: <<https://avalon.law.yale.edu/wwii/sp06.asp>>.

<sup>6</sup> Sobre esse assunto, ver: CHURCHIL, 1953, p. 481.

aspirações espanholas em troca de sua participação. (EGIDO, EIROA, 2005, p. 108)

Ao analisar o trecho reproduzido, percebemos que havia membros do círculo íntimo de Franco que desejavam reaver a antiga possessão espanhola, como o representante espanhol Suñer, por exemplo. Podemos dizer que, do jeito que a situação se desenrolava, Gibraltar tinha grandes chances de cair para os alemães, o que não aconteceu.

Fernando Paz, autor do livro “La neutralidad de Franco. España durante los años inciertos de la Segunda Guerra Mundial (1939-1943)”, também não deixa de nos contar a importância vital da cooperação espanhola para com os planos alemães para uma possível invasão a Gibraltar:

À luz da documentação disponível é difícil exagerar o significado que Hitler concedeu a Espanha durante essas semanas e meses do final de 1940 e início de 1941. O território peninsular, bem como as ilhas que dependiam de Madri e dos territórios do norte da África, eram de grande importância não apenas para o futuro da guerra, mas para o futuro confronto que poderia ser previsto no Atlântico com os Estados Unidos. Então Hitler não levou isso de ânimo leve. Ele perseguiu seu objetivo de atrair os espanhóis corajosamente, demonstrando disposição para suportar o enorme custo de suas demandas; e não só isso: ele recomendou os italianos que se abstiveram de intervir nos Balcãs para não complicar as perspectivas espanholas. Em meados de setembro, o Führer tinha dado a ordem para os seus conselheiros relutantes, que a Alemanha deve assumir a longa lista de pedidos de Madrid, por mais onerosos que pudessem ser. (PAZ, 2017, p. 129)

Para tomar o enclave britânico, seria necessária a participação ativa da Espanha de Franco, caso Hitler quisesse alcançar os seus objetivos no Mediterrâneo e derrotar os ingleses que ali se encontravam. O ditador alemão previra corretamente que, mais cedo ou mais tarde, os Estados Unidos entrariam no conflito ao lado da Inglaterra, em face da política cada vez mais hostil em relação ao seu país, e desejava tomar o território inglês o mais rápido possível. Para tanto, começou a tentar atrair o país ibérico para o lado do eixo através de promessas de ganhos territoriais e suprimentos extras, muito embora boa parte de seus conselheiros não possuísse o mesmo entusiasmo com a possível entrada espanhola na guerra, dada a situação do país no momento.

Conforme a citação a seguir, é claro que Franco não permitiria que Hitler utilizasse seus territórios das Ilhas Canárias a troco de nada, por isso o ditador alemão

decidiu tentar suborná-lo com promessas de ganhos territoriais, sabendo que dificilmente Franco recusaria. Portanto, foi decidido que:

Para remunerar a Espanha, a Alemanha daria partes do território francês do norte da África em compensação pela ocupação de tanto das ilhas, como a do estrategicamente importante Marrocos espanhol. Em sua configuração política final, a Espanha seria virtualmente um domínio alemão e o norte e o centro da África ficariam permanentemente sob a suserania alemã. (PACKARD, 1989, p. 18)

A verdadeira intenção dos alemães era transformar a Espanha de Franco em um país fantoche ou, de acordo com o trecho, um domínio alemão, sempre submisso à sua vontade e com os seus territórios transformados em estados vassallos de Hitler. Não se importando com o fato de que, ao fazer isso, o país ibérico não só perderia a sua própria identidade como também a sua independência.

Dadas as circunstâncias do momento e a situação espanhola, não haveria a possibilidade de se fazer muita coisa para barrar as ambições nazistas. Afinal, a última coisa que Franco desejava era ofender Hitler, que até o momento sempre se mostrara disposto a ajudá-lo. O que acabaria fazendo com que o ditador alemão se voltasse contra ele e atacasse a Espanha, que, como já sabemos, não tinha condição de se defender de uma ameaça estrangeira, ainda por cima de uma Alemanha aparentemente invencível (em meados de 1940). Ou seja, em caso de invasão, muito provavelmente, o país de Franco seria obliterado pelos nazistas e seus dirigentes seriam aprisionados em campos de concentração ou mortos. Portanto, ou o governo de Franco aceitava se submeter à Alemanha, ou acabaria vendo a Espanha tendo a mesma sorte que grande parte dos países europeus teve.

Para frustração dos alemães e alívio geral dos ingleses, isso não aconteceu. Já na segunda metade de 1940, Franco começava a ter suas próprias dúvidas quanto aos sucessos alemães, pois, apesar dos êxitos das tropas de Hitler e da derrota da França, a Grã-Bretanha continuava a resistir, mesmo estando totalmente sozinha na Europa. Franco também não esperava que as vitórias alemãs fossem tão surpreendentes, o que pode ter feito com que o ditador espanhol ficasse não só admirado pela destreza alemã, mas também com medo. No entanto, a Alemanha de Hitler não era o único país que Franco temia irritar, tinha também a própria Inglaterra, que, embora se encontrasse sozinha, ainda tinha forças para revidar os ataques

alemães. Vejamos o que o autor do artigo “Las causas de la no beligerancia española reconsideradas”, Victor Morales Lezcano, tem a dizer sobre isso:

A hipótese subjacente aqui é, no entanto, que a razão da não beligerância espanhola – por enquanto pré-beligerância – residiu nas vitórias alemãs na frente ocidental durante os meses de maio-junho de 40 e na atitude expectante de Franco perante à sorte final da Grã-Bretanha, último baluarte democrático- liberal da Europa. Como a batalha da Inglaterra não se desenvolveu favoravelmente ao eixo durante o segundo semestre daquele ano, os cálculos que EL PARDO e os círculos germanófilos haviam forjado interiormente – qualquer que fossem as razões de tal orientação- começaram a sofrer, primeiro, os efeitos de uma dilatação provocada por meio da capacidade contraofensiva da Inglaterra e segundo, experimentar logo, a introdução dos corretivos que as circunstâncias de mudanças bélicas em geral, e a pressão dos aliados em particular, aconselharam a incorporar na orientação internacional do regime. (LEZCANO, 1984, p. 617)

Lezcano mostra um dos principais motivos para a apreensão de Franco quanto à possibilidade de a Espanha se envolver na guerra. O fato de o Reino Unido ter conseguido resistir, mesmo se encontrando sozinho, despojado de aliados europeus após a queda da França, e ainda conservar a capacidade de revidar os ataques alemães foi o suficiente para o líder espanhol pensar antes de entrar na guerra contra os ingleses.

A infraestrutura e a economia da Espanha ainda estavam em fase de recuperação devido à violenta guerra civil e muito provavelmente entrariam em colapso se o país ingressasse em outra guerra, que se provou futuramente mais mortífera que a própria guerra civil espanhola. Além disso, caso a Espanha resolvesse mesmo entrar na contenda ao lado da Alemanha de Hitler, haveria uma grande chance de o Reino Unido atacar os territórios ultramarinos espanhóis, que eram as Ilhas Canárias e as Baleares, e ocupá-los sem encontrar resistência, pois a Espanha não tinha os materiais e equipamentos bélicos necessários para defendê-los.

Havia também a possibilidade real de ataques aéreos ingleses contra as próprias cidades espanholas, algo que levaria o país de Franco à ruína e faria a moral de seu povo, que já estava baixa, entrar em colapso, sendo essas duas das razões pelas quais seu líder resolveu evitar se envolver na contenda mundial e permanecer em cima do muro, observando o desenrolar do conflito.

Portanto, tendo em vista o futuro da Espanha caso resolvesse entrar no conflito europeu, o ditador espanhol garantiu a Hitler, sem deixar claro as suas reais intenções, que a Espanha entraria sem demora na guerra ao lado da Alemanha. Porém, para que isso se concretizasse de fato, o caudilho espanhol, depois de pensar bastante sobre a questão de se aliar a Hitler na guerra, e considerando a situação política europeia, resolveu criar:

[...] uma lista de demandas inaceitáveis que ele tinha plena ciência de que jamais seriam aceitas: em adição à Gibraltar, ele insistiu que o Marrocos francês e o departamento de Oran na Argélia fossem transferidos para a Espanha, Rio de Oro e Guiné Espanhola teriam seus territórios acrescidos, e deveriam receber toda a ajuda econômica e militar necessárias, no qual de acordo com o que Franco disse a Hitler, eram absolutamente necessárias para que uma exausta Espanha pudesse pensar em entrar na guerra ao lado da Alemanha. (PACKARD, 1989, p. 20)

Ao ouvir as demandas de Franco para obter o Marrocos francês, Hitler imediatamente recusou. Packard explica que, “[...] Se tal demanda entrasse em vigor e fosse descoberta pelos oficiais de Vichy, eles certamente abandonariam o governo de Petain e se juntariam ao movimento França livre” (PACKARD, 1989, p. 21).

Franco sabia perfeitamente da importância dessas possessões francesas e tinha ciência de que os oficiais franceses, que colaboravam para o governo pró-Hitler de Phillipe Petain, ficariam furiosos se o território fosse dado aos espanhóis e se sentiriam traídos pela Alemanha. A raiva seria tamanha que eles não pensariam duas vezes em se voltar contra o governo colaboracionista, podendo até mesmo se juntar aos soldados do movimento “França livre” que se encontravam exilados e lutavam ao lado dos aliados. Isso causaria dor de cabeça para o ditador alemão, algo que o líder nazista não tinha intenção nenhuma de permitir.

Correr tamanho risco só para agradar à Espanha de Franco era demais, razão pela qual Hitler decidiu rechaçar a lista sem maiores considerações, pois não valia a pena arriscar a confiança e a boa vontade dos oficiais colaboracionistas franceses por causa dos desejos territoriais de seu aliado espanhol. Portanto, o melhor a fazer foi recusar tais excessivas demandas, dando ao caudilho espanhol mais tempo para se manter fora do conflito.

Para se ter uma ideia das exigências de Franco para a entrada de seu país no conflito, vale examinar um trecho de memorando feito por Wilhelm Canaris entregue ao embaixador alemão em Madri, Eberhard Von Stohrer, que era nada menos do que uma lista das demandas do caudilho espanhol para entrar na guerra a favor da Alemanha nazista futuramente. Os conteúdos listados a seguir nos dão dois exemplos das exigências espanholas:

1. Cumprimento de um conjunto de demandas territoriais nacionais, Gibraltar, o Marrocos Francês, que parte da Argélia colonizada e predominantemente habitada pelos espanhóis (Oran), e ainda o alargamento do Rio de Oro e das colônias no Golfo da Guiné;
2. Disponibilizar assistência militar e outra necessária para continuar a guerra.

O memorando do Almirante Canaris aqui, fornece informações detalhadas sobre a extensão da assistência militar aparentemente necessária.

Além dessa assistência militar, no entanto, o apoio econômico da Espanha também será necessário. A isso pertencem, sobretudo, à entrega de gasolina e, no início do próximo ano, à entrega de grãos para o pão. De acordo com um recente pronunciamento do Ministro espanhol das Relações Exteriores (do terceiro deste mês) a Espanha, devido à sua escassez de gasolina, pode travar uma guerra sem a nossa ajuda 1 1/2 meses no máximo. Como diz respeito ao grão para o pão, o ministro acredita que a Espanha tem suprimentos suficientes até cerca de março do próximo ano. Considero esta última suposição como muito otimista, a menos que um racionamento rigoroso é realizado.

Além dessa assistência necessária, no entanto, a Espanha, a partir da entrada na guerra, também será deixada exclusivamente aos recursos da ajuda alemã e italiana [...]. (tradução livre)<sup>7</sup>

A fonte citada é um trecho do memorando feito pela Espanha apresentado ao embaixador alemão Eberhard von Stohrer que mostra duas das principais exigências de Franco para que seu país entrasse na Segunda Guerra Mundial. Através do memorando, pode-se ver que o caudilho espanhol via mais desvantagens do que vantagens em uma provável entrada espanhola na guerra e previa a possibilidade de uma rebelião não só no território marroquino sob seu domínio.

Outro risco provável era que o Reino Unido bloqueasse com sua marinha quaisquer importações vindas do exterior, incluindo a de trigo, da qual o país dependia

---

<sup>7</sup> The Spanish Government and the Axis: No. 1. Memorandum by the German Ambassador in Madrid. 8 ago. 1940. Lillian Goldman Law Library, Yale Law School. Disponível em: <<https://avalon.law.yale.edu/wwii/sp02.asp>>.

para sobreviver, o que provavelmente causaria uma grande insatisfação para o já sofrido povo espanhol, fazendo-o se revoltar contra o governo franquista.

Não podemos ignorar que, se o líder nazista tivesse aceitado a proposta espanhola, Gibraltar poderia ter caído, e o curso da guerra no Norte da África certamente penderia para o lado alemão. Mas, como podemos observar na fonte, os temores falaram mais alto e o impediram de fazer qualquer movimento em direção à guerra, pois a chance de seus planos darem errado não era pequena.

Packard, por sua vez, acreditava que, se Franco tivesse entrado de fato na guerra, muito provavelmente teria sucesso em sua empreitada, pois, de acordo com ele,

Tivesse a Espanha se unido ao eixo como cobeligerante, Gibraltar estaria, em todos os sentidos, perdida e a guerra no mediterrâneo teria sido imensamente mais difícil para a causa aliada, tanto antes como depois da participação americana direta no conflito. As aterrisagens no norte da África teriam sido infinitamente mais formidáveis com a Espanha servindo como uma gigantesca base alemã, no qual a Luftwaffe teria resistido às aterrisagens aliadas. Certamente uma vitória aliada na guerra europeia teria sido bastante prolongada, se é que teria sido possível. (PACKARD, 1989, p. 32)

Entre o final do ano de 1940 e o início de 1941, Hitler começou a demonstrar apreensão frente à vulnerabilidade espanhola em face de uma possível invasão britânica. Gerard Rutan nos explica essa situação pouco confortável:

Em 1940, Berlim tornou-se preocupada com as possibilidades de ação aliada contra a Europa controlada pelo Eixo através de uma invasão da Espanha e/ou de Portugal e de uma subsequente viagem à França. Blumentritt escreveu: “Nos Pirineus os espanhóis apresentaram nenhum perigo, mas rumores se espalharam de que os Aliados também poderiam pousar na Península Ibérica.” (RUTAN, 1958, p. 42)

Analisando esse trecho, podemos concluir que, apesar de considerar Franco um aliado, Hitler não tinha dúvidas quanto à falta de preparo da Espanha para uma possível invasão inglesa, portanto, tratou de se prevenir e ficar preparado para tal evento. Para tanto, Hitler ordenou aos seus generais que formassem um plano para uma eventual invasão da península ibérica, o que incluía invadir e ocupar Portugal também devido à sua posição geográfica na Europa, vista como militarmente

estratégica tanto pelos países do eixo como pelos aliados, haja vista sua saída para o Atlântico Norte.

Rutan retrata o momento em que Franz Halder recebeu um relatório retratando uma possível invasão à Espanha e a Portugal, caso houvesse a necessidade de fazê-lo:

Em 2 de maio, Halder recebeu um relatório de Heusinger no qual foram detalhados dados políticos-militares de uma operação contra Espanha e Portugal, e em 3 de maio ele observou que uma base de abastecimento para uma possível ação na península ibérica estava sendo redigida em Bordéus. (RUTAN, 1958, p. 42)

Rutan também nos revela que o codinome dado para essa dupla invasão da península ibérica era "Isabella":

O codinome do novo plano era "Isabella", é importante notar que Halder chamou de codinome para "medidas defensivas contra uma possível invasão aliada da Espanha", nenhuma invasão alemã da Espanha estava sendo planejada com o único objeto de ocupar a Espanha. (RUTAN, 1958, p. 42)

Segundo o fragmento reproduzido, podemos inferir verdadeiras intenções de Hitler para com a Espanha caso ocorresse um desembarque aliado em solo espanhol. Com a intenção de "ajudar" Franco a resistir ao inimigo, Hitler pretendia tomar o controle da Espanha.

Para a sorte de Franco, esse desembarque aliado não ocorreu, pois a Inglaterra se encontrava impossibilitada de fazer tal devido à sua situação precária em 1941. O próprio primeiro-ministro britânico, Winston Churchill, explica em detalhes a enorme dificuldade de uma operação anfíbia visando a invasão do continente europeu, logo depois de o exército de Hitler invadir a União Soviética. Para que uma operação dessa magnitude tivesse a possibilidade de dar certo, era necessário ter em mente antes de qualquer coisa:

A superioridade não só naval, mas também aérea, era indispensável no ponto da invasão. Além disso, havia um terceiro fator vital. Uma vasta armada de lanchas de desembarque especialmente construídas, sobretudo muitos tipos de barcaças de transporte de tanques, era a base de qualquer desembarque bem-sucedido contra uma vigorosa defesa. Eu vinha fazendo o que podia para a criação dessa armada, como já se viu e ainda se verá. Mas ela não poderia estar pronta, nem

sequer em pequena escala, antes do verão de 1943, e seu poder, como hoje se reconhece em toda parte, só poderia estar na escala suficiente em 1944. No período que agora chegamos, verão de 1941, não dominávamos o espaço aéreo inimigo na Europa, exceto no Passo de Calais, onde estavam as mais sólidas fortificações alemãs. (CHURCHILL, v. 2, 1953, p. 22)

Desse modo, podemos dizer que os temores de Hitler para com uma invasão inglesa eram fúteis, pois, como vimos, a Grã-Bretanha estava longe de ter os aparatos necessários para tal feito, pois se encontrava totalmente sozinha no continente europeu e com grande parte de seu equipamento militar destruído ou capturado na França, tendo apenas a força aérea e a marinha real britânica ao seu favor. Seria necessário esperar mais três anos para que conseguisse de fato ter a força necessária para invadir o território francês.

Era vital a participação ativa dos Estados Unidos no conflito para que tal operação pudesse acontecer, o que só se daria a partir de 7 de dezembro de 1941, depois do ataque japonês a Pearl Harbour, com a declaração de guerra alemã, que ocorreu quatro dias depois, no dia 11 desse mesmo mês, o que fez com que o governo americano desse uma resposta recíproca poucas horas depois e, com isso, entrasse no teatro de guerra europeu.

Havia também um suposto plano criado pelo governo espanhol para anexar Portugal, contudo,

Não há evidência de que este plano corresponda a uma tentativa real do governo espanhol para invadir o país vizinho por causa de uma ambição imperialista, embora seja verdade que há indícios de que pelo menos Serrano Suñer tinha manifestado a intenção de Madrid para anexá-lo, e que a imprensa espanhola às vezes usava retórica agressiva em relação a Portugal. No entanto, nada mostra que essa possibilidade teria sido seriamente considerada: parece que seria mais plausível que fosse um desenvolvimento preventivo, no caso de que houve uma guerra com o Reino Unido em nome de Gibraltar. (PAZ, 2017, p. 196)

Em 1942, Franco prometeu, de certo modo, que defenderia o Norte da África caso uma invasão aliada acontecesse. Vejamos o trecho retirado do livro “La neutralidad de Franco”, de Fernando Paz, para termos uma ideia da resposta do caudilho espanhol:

Da mesma forma, Franco também assegurou aos alemães que defenderia o norte da África de uma invasão aliada no caso de ocorrer: Berlim não deveria ter dúvidas de que isso seria motivo suficiente para o governo espanhol se sentir atacado, por isso responderia como esperado. Quando isso aconteceu, em novembro de 1942, Madrid simplesmente tomou conhecimento e permaneceu em alerta. As promessas foram diluídas sem nunca comprometer o objetivo essencial de manter a neutralidade. Os únicos e os outros aprenderiam que, de fato, por mais que os pronunciamentos de Franco fossem em favor do Eixo, ele não estava disposto a honrá-los. Os americanos se expressaram dizendo que Franco apaziguou os alemães pelo boca a boca para não ter que fazer frente a eles. (PAZ, 2017, p. 21)

Apesar de ter feito diversas promessas a Hitler de que defenderia a costa do Norte da África em caso de invasão aliada, Franco não desejava fazê-lo de maneira nenhuma. O trecho citado nos revela que, quando a esperada invasão aliada ocorreu, Madri ficou apenas em alerta, preferindo sabiamente não agir militarmente. O que nos mostra a falta de vontade do caudilho espanhol de entrar na guerra e a ciência da provável derrota alemã.

Contudo, ele não podia deixar óbvio aos alemães que ele não iria entrar na guerra, pois isso geraria problemas enormes para a Espanha, problemas que o país certamente não teria condição alguma de resolver. A melhor, e provavelmente única, maneira que ele encontrou de evitar atrair a ira de Hitler para si e arrastar o seu país para o conflito foi simplesmente fazer um difícil jogo de malabarismo para enrolá-lo com palavras vazias e amigáveis, no intuito de ganhar tempo enquanto o conflito se aproximava de seu desfecho.

De certa forma, à medida que a guerra se virava contra a Alemanha, a Espanha, certamente em um ato de sobrevivência a fim de manter o seu regime no poder, adotou então uma postura mais neutra em relação ao conflito, temendo represálias aliadas. Atitude que não passou despercebida pela Alemanha de Hitler, que comunicou a situação pouco convencional. Segue a transcrição de um trecho da carta (apresentada na íntegra no Anexo 1):

BERLIM, 15 de dezembro de 1943

[...] A conferência com o Chefe de Estado espanhol, que ocorreu na sexta-feira, 3 de dezembro, no Palácio pardo, na presença do Ministro das Relações Exteriores, Conde Jordana, e durou pouco mais de uma hora, tomou o seguinte curso:

Expliquei ao Chefe de Estado que estava em Madri há mais de sete meses e tentei garantir para mim um quadro da política externa

espanhola. Eu tinha a sensação, e o Governo do Reich estava com a mesma impressão de que a política externa da Espanha estava recentemente começando a mudar. Observamos em várias esferas uma atitude pouco positiva do Governo espanhol em relação à Alemanha e tivemos especialmente a sensação de que essa mudança na atitude espanhola deveria ser traçada para a pressão inglesa e americana. Eu só poderia apontar com a maior ênfase - e eu estava falando sobre a ordem do meu Governo que estava tendo um interesse muito sério nestes assuntos - para o fato de que seria uma política muito perigosa para a Espanha fazer concessão após concessão aos ingleses e americanos; Espanha, assim, encontrar-se-ia na baixa qualidade, e ela se tornaria cada vez mais dependente das potências anglo-saxãs. Apenas uma política completamente firme e estável que não fez concessões foi adequada e garantiu que os ingleses e americanos se absteriam permanentemente de novas pressões; seria um erro fatal se o Governo espanhol acreditasse que poderia mudar seu curso com concessões supostamente leves; os anglo-saxões aproveitariam não só o dedinho, mas a mão e todo o braço e atrairiam a Espanha cada vez mais profundamente em uma relação de dependência [...]

DIECKHOFF<sup>8</sup>

Ao analisar parte da troca de informações apresentada, podemos perceber claramente a mudança de comportamento do líder da Espanha em relação à guerra, bem como a reação da Alemanha em face dessa repentina mudança de comportamento do caudilho espanhol. Nota-se que, com a mudança da maré da guerra a favor dos aliados, Franco, percebendo que Mussolini e Hitler não venceriam a contenda, não viu outra alternativa a não ser adotar uma atitude de neutralidade mais clara, dado o aumento das pressões por parte da Inglaterra e dos Estados Unidos.

Não podemos ignorar a menção citada a seguir, por parte de Jordana, da chamada Divisão Azul, que foi uma unidade militar de voluntários vindos majoritariamente da Espanha que tinham como objetivo continuar com a luta contra o comunismo no pós-guerra civil e apoiar o exército alemão no combate à União Soviética e a tudo o que ela representava. Essa unidade se formou precisamente após a invasão alemã da Rússia, quando muitos voluntários locais, em sua maioria ferrenhos oponentes do comunismo, atraídos pela possibilidade de participar de uma cruzada contra a Rússia e desejosos de destruir o ninho soviético de uma vez por

---

<sup>8</sup> The Spanish Government and the Axis: No. 15. Notes on Conversation Between General Franco and Ambassador Dieckhoff, 15 dez. 1943. Lillian Goldman Law Library, Yale Law School. Disponível em: <<https://avalon.law.yale.edu/wwii/sp16.asp>>.

todas, acabaram por decidir se juntar à divisão, que teve uma participação bastante significativa na frente russa.

A Divisão Azul contou com outros participantes, em grande parte provenientes do restante da Europa ocupada e de Portugal, mas o que é realmente interessante aqui é que, mesmo com o seu país neutro, Franco permitiu que a unidade militar fosse criada, haja vista o seu desprezo pelo comunismo e a possibilidade de indiretamente contribuir para a derrota soviética.

BERLIM, 15 de dezembro de 1943

[...] Mencionei em detalhes os pontos aos quais nos opusemos especialmente (concessão do Governo espanhol na questão da passagem de fugitivos franceses pela Espanha para o norte da África, conduta compatível do Governo espanhol na questão dos navios mercantes italianos em portos espanhóis, internação injustificada de várias tripulações alemãs de submarinos, retirada da Divisão Azul, ação contra navios alemães em Vigo e nas Ilhas Canárias, e assim por diante). Eu disse ao Caudillo que eu considerava meu dever colocar diante dele em toda sinceridade todos esses fatos do caso resumidos, como eu já tinha feito muitas vezes com o Conde Jordana, e que eu estava pedindo a ele (Caudillo) para me dizer como ele estava sobre esses assuntos [...] (tradução livre)<sup>9</sup>

Quando o caudilho percebeu que a maré da guerra se virava contra a Alemanha, e com a possibilidade de vitória dessa diminuindo a cada dia que passava, decidiu então pôr um fim definitivo no alistamento, temendo uma retaliação dos aliados, principalmente vinda do dirigente da URSS, Josef Stalin, que certamente não deixaria barato o fato de Franco ter enviado uma divisão espanhola treinada para lutar contra o seu país ao lado das tropas de Hitler e exigiria dos aliados ocidentais algum tipo de sanção contra a Espanha.

Não foi só com a Alemanha de Hitler que Franco desenvolveu laços amistosos, a Itália de Mussolini, por ter uma ideologia similar à de Hitler, também se aproximou do líder espanhol, na esperança de conseguir convencê-lo a entrar na guerra e dar-lhe o suporte necessário para que tal evento acontecesse. Vejamos a troca de correspondências entre ambos a seguir, a começar por um trecho da carta de Franco a Mussolini, para termos uma ideia da proximidade deles.

---

<sup>9</sup> The Spanish Government and the Axis: No. 15. Notes on Conversation Between General Franco and Ambassador Dieckhoff, 15 dez. 1943. Lillian Goldman Law Library, Yale Law School. Disponível em: <<https://avalon.law.yale.edu/wwii/sp16.asp>>.

Chefe de Estado e Generalíssimo do Exército Espanhol

MADRID, 15 de agosto de 1940

QUERIDO DUCE:

[...] Desta forma, após a entrada de sua Nação na guerra, tivemos que tomar uma posição mais clara, uma de alerta, mudando para uma de não beligerância, que, no campo das relações exteriores, não poderia deixar de ter grandes repercussões. Isso despertou o ciúme e a oposição, e desencadeou uma ofensiva anglo-americana contra o nosso provisionamento, agravada nos dias de hoje pelas novas medidas tomadas pelos Estados Unidos contra nossas exportações, e pelas medidas de bloqueio inglesas, causando grave tensão em nossas relações com esses países.

Com minha maior admiração pelos bravos camaradas italianos que lutam tão gloriosamente, envio-lhe meus cumprimentos mais cordiais.

[...]

F. FRANCO

Para Sua Excelência

Señor BENITO MUSSOLINI

Chefe do governo italiano Itália (tradução livre)<sup>10</sup>

Aqui, podemos observar, através da carta de Franco a Benito Mussolini, que o líder espanhol havia dito a este que o seu país entraria na guerra ao lado da Alemanha e da Itália, e mostrou suas aspirações tanto para com a recuperação de seu país após o término da guerra civil como para com seus territórios africanos e ambições de expansão, principalmente na África do Norte, onde os territórios da já derrotada França se encontravam totalmente expostos.

Ainda no começo da carta, nota-se que Franco de fato demonstrava estar disposto a entrar na guerra ao lado da Itália e da Alemanha, se as suas demandas feitas a Hitler fossem atendidas. Contudo, pode-se dizer que, tendo em vista o que foi mostrado pelos autores e pelas fontes investigadas, que nos relatam as verdadeiras razões por trás das excessivas demandas do caudilho espanhol para uma possível entrada de seu país na contenda europeia, ele também resolveu fazer o mesmo jogo de gato e rato com a Itália, evitando demonstrar qualquer sinal que contrariasse e até mesmo ofendesse seus colegas fascistas, o que poderia destruir permanentemente a relação do país com a Alemanha e a Itália e, ainda por cima, colocaria a Espanha sob a mira do fuzil nazista.

---

<sup>10</sup> The Spanish Government and the Axis: No. 2. Letter From General Franco to Mussolini. 15 ago. 1940. Lillian Goldman Law Library, Yale Law School. Disponível em: <<https://avalon.law.yale.edu/wwii/sp03.asp>>.

Agora, veremos um trecho da resposta de Benito Mussolini à carta do caudilho espanhol:

O Chefe de Governo e Duce do Fascismo  
ROMA, 25 de agosto de 1940  
Ao Chefe do Governo Espanhol  
Generalíssimo Dom FRANCISCO FRANCO BAHAMONDE  
MADRID.  
CARO FRANCO

[...] Gostaria de lhe dizer, caro Franco, que eu, com estas minhas considerações práticas, não desejo apressá-lo no mínimo na decisão que você tem que tomar, pois tenho certeza de que em suas decisões você prosseguirá com base na proteção dos interesses vitais do seu povo e estou tão certo de que você não deixará essa oportunidade passar de dar à Espanha, seu Lebensraum africano.

Não há dúvida de que, depois da França, a Grã-Bretanha será derrotada; o regime britânico existe apenas em um único elemento: a mentira.

Eu certamente não preciso dizer que você, em suas aspirações, pode contar com a total solidariedade da Itália fascista.

Peço-lhe, querido Franco, que aceite minhas saudações mais cordiais e camaradas.

MUSSOLINI (tradução livre)<sup>11</sup>

Se formos considerar o ano em que a carta de Mussolini foi escrita, podemos dizer que o *duce* italiano acreditava certamente, assim como Hitler, na vitória final contra a Inglaterra, certo de que, mais cedo ou mais tarde, esta se renderia em face das pressões militares e econômicas dos países do eixo, abrindo finalmente espaço para um futuro ditado por ambos os ditadores.

O líder italiano pressionava Franco, embora de uma maneira bem amigável, para que tirasse o seu país do status “não beligerante” de uma vez por todas e assumisse uma política de intervenção no conflito, pois, dada a situação europeia, certamente os países do eixo sairiam vitoriosos da contenda e remodelariam o futuro da história ao seu bel prazer, futuro do qual a Espanha de Franco, de acordo com o ponto de vista de Mussolini, não poderia deixar de fazer parte, tendo em vista as suas ambições territoriais no Norte da África, precisamente nos territórios franceses e na costa africana da Guiné. Para tanto, seria necessário que a Espanha abandonasse o seu status de nação neutra e entrasse definitivamente no conflito mundial, se o seu

---

<sup>11</sup> The Spanish Government and the Axis: No. 3. Letter From Mussolini to General Franco, 25 ago. 1940. Lillian Goldman Law Library, Yale Law School. Disponível em: <<https://avalon.law.yale.edu/wwii/sp04.asp>>.

líder ainda tivesse a disposição necessária para fazer parte da nova ordem que certamente surgiria, que seria ditada pela Alemanha e pela Itália.

As cartas anteriormente citadas mostram como as relações entre Franco, Mussolini e Hitler frequentemente beiravam a amizade, haja vista o tom conciliador dos trechos apresentados. O que nos dá indícios da visão política de Franco, que eram totalitárias e alinhadas com o fascismo e o nazismo.

Um dos cerne deste trabalho é descrever e avaliar como a imprensa brasileira retratava o conflito europeu, mais especificamente como avaliava as posições do líder espanhol durante a Segunda Guerra Mundial.

## CAPÍTULO 2 - VISÕES DA GUERRA E DA ESPANHA DO JORNAL CORREIO PAULISTANO

O objetivo deste capítulo é explorar a posição do jornal diante da neutralidade e das ações da Espanha de Francisco Franco durante o desenrolar da Segunda Guerra Mundial.

Iniciaremos, portanto, com o trecho que nos mostra a ocupação espanhola de Tânger em 1940 e a maneira como o jornal descreve essa ocorrência:

A IMPRENSA HESPAÑOLA E A OCUPACIÓN DE TÁNGER  
MADRID 15 (T.O) - A imprensa Hespanhola dedica extensos editoriales no respeito da ocupação de Tanger por parte das tropas hespanholas. A imprensa sublinha os méritos do general Franco como unificador da nação, dizendo que agora a Hespanha pode dedicar-se à sua missão imperial.  
O jornal "Arriba" escreve:  
"seguiu-se um desenvolvimento natural desde o primeiro dia da ascensão do general Franco até a ocupação de Tanger. Neste momento em que a Europa se converte em um vulcão, a Hespanha tem o seu chefe e sua fé própria.  
Em considerações históricas, os jornales sublinham a injustiça e a fragilidade do estatuto de Tanger. A colônia hespanhola de Tanger é pelo menos o dobro de todas as outras colônias europeias reunidas. Depende do Marrocos hespanhol e da península, com a qual realiza o seu principal commercio. Os Diários sublinham que a Hespanha não podia tolerar que elementos inimigos se apoderassem de Tanger, desenvolvendo daí uma campanha contra a Hespanha. (CORREIO PAULISTANO, 16 jun. 1940)

O texto supracitado nos relata a ocupação do território marroquino de Tânger por parte do exército espanhol através da imprensa espanhola da época, que não só exaltava Franco, mas também o chamava de "unificador da nação", pois dava a entender que o caudilho espanhol considerava o local um território pertencente à Espanha e que era o seu objetivo unificar a Espanha com os seus territórios de direito.

Observa-se que o *Correio Paulistano* dava atenção às notícias que eram processadas nos jornais espanhóis, apoiando diretamente o governo de Franco. Por meio da leitura do *Correio Paulistano*, percebe-se também que os jornais espanhóis criticavam veementemente o estatuto de Tânger, que lhe conferia o status de zona internacional, julgando-o frágil e injusto para com os interesses espanhóis na região. O estatuto de Tânger foi um acordo internacional assinado em 1923 que estabeleceu

o estatuto internacional da cidade marroquina de Tânger, o que levou à instituição da chamada zona internacional de Tânger.

Ademais, os jornais deixavam bem claro que o local dependia ativamente do comércio com o Marrocos espanhol e da península ibérica, justificando assim a ocupação por parte da Espanha devido a questões econômicas.

Outro fator que a imprensa espanhola ressaltava e que o *Correio Paulistano* reproduzia era a importância militar de Tânger, destacando que a própria Espanha não podia deixar que outros países que lhe eram hostis se utilizassem desse território e iniciassem futuramente uma possível campanha militar contra o país ibérico.

Pode-se perceber que, ao falar do governo de Francisco Franco, o *Correio Paulistano*, que também menciona um jornal espanhol, o *Arriba*, demonstra ter uma posição bem favorável a este, exaltando o caudilho espanhol ao chamá-lo de “unificador da nação” e concordando com a ocupação espanhola de Tânger, mostrando atitude favorável ao regime franquista.

Além da questão da ocupação de Tânger, o *Correio Paulistano* também mostrava outras questões relacionadas à Espanha, tal como a chamada Divisão Azul espanhola, já mencionada anteriormente. Vejamos o que o trecho exposto a seguir tem a nos dizer sobre esse interessante tópico:

#### A ATUAÇÃO DA DIVISÃO AZUL NA FRENTE ORIENTAL

A propósito da atuação da Divisão azul na frente oriental, escreve hoje o correspondente de guerra, dr. Werner Lahne para o jornal Bz “Ammittag”:

“a Divisão azul poz à prova a sua ousadia e heroísmo no setor setentrional da frente este. A valente atuação dos soldados espanhóis foi constatada não só com a quantidade de armas conquistadas, como também pela grande quantidade de prisioneiros soviéticos feitos. Os voluntários espanhóis acostumaram-se facilmente às particularidades da campanha oriental. A artilharia dessa divisão, brilhantemente preparada, nada ficou a dever ao inimigo. Sua infantaria demonstra a cada momento que é capaz de eliminar o inimigo mais encarniçado, e que o soldado espanhol lutava com a consciência de que onde quer que fosse possível um encontro com os soviéticos, havia contas a saldar. Até oficiais lutam como soldados rasos nessa divisão, pois que os postos de comando já estavam preenchidos. Há inúmeros membros da falange em cujo peito brilham as condecorações adquiridas em duros combates realizados quando da guerra civil espanhola. A Espanha mostra-se mais uma vez, digna de suas gloriosas tradições cavaleirescas, e deposita na sua fé no destino da humanidade.” (CORREIO PAULISTANO, 1º nov. 1941)

Percebe-se o vasto mar de elogios com que o correspondente de guerra retratava os voluntários da Divisão Azul no trecho supracitado, dando a entender que o jornal era a favor de irem lutar ao lado dos alemães na frente russa. Ele explica com detalhes a determinação de tais voluntários e o ódio ferrenho para com a União Soviética, pois sem dúvida muitos alistados, em grande parte veteranos da guerra civil espanhola, lembravam-se de quando a própria Rússia interferira no país espanhol.

Pode-se observar que o *Correio Paulistano*, ao permitir que o correspondente de guerra Werner Lahne publicasse os seus escritos, demonstra ter uma visão bem favorável ao regime franquista, pois há uma abundância de elogios direcionados para os membros da Divisão Azul e para a própria Espanha, dizendo que esta é gloriosa na guerra, o que nos dá a entender que a “glória” espanhola se encontra precisamente na guerra contra o comunismo.

O *Correio Paulistano* noticiou a mobilização parcial das forças espanholas em face da invasão aliada do Norte da África através do ponto de vista de cinco fontes:

#### MOBILIZAÇÃO MILITAR NA ESPANHA

A MEDIDA QUE SE INFORMA TEM POR FIM SALVAGUARDAR A NEUTRALIDADE DO PAÍS

LONDRES, 17 (U.P.) - A Rádio Paris anunciou que a Espanha ordenou a mobilização militar.

NOVA YORK, 17 (U.P.) - A emissora de Berlim informou que governo de Madrid decretou a mobilização militar afim de defender a neutralidade da Espanha.

#### MOBILIZAÇÃO DE OFICIAIS DA RESERVA

MADRID, 17 (U.P.) - Foi expedido hoje um decreto pelo qual se autoriza os ministros da guerra, marinha e aviação a ordenar a mobilização parcial dos contingentes para completar e reforçar as unidades de suas respectivas jurisdições assim como a mobilizar os oficiais da reserva.

#### CHAMADA DE NOVAS CLASSES ÀS FILEIRAS

STOCKHOLMO, 17 (R.) - O rádio de Oslo controlado pelos alemães anunciou, na noite de hoje, que o gabinete espanhol resolveu chamar novas classes ao serviço militar.

#### COMENTARIOS DA EMISSORA DE BERLIM

ZURICH, 17 (R.) - Anunciando esta noite a mobilização espanhola, a radio de Berlim diz que o povo espanhol não sabe, ainda, de importante decisão do generalíssimo Franco, mas não há dúvida de que toda a população receberá a notícia com satisfação.

O país não se refez ainda, dos três anos de guerra civil e procura permanecer afastado da presente conflagração mundial. Os círculos políticos de Madrid julgam a decisão de mobilizar-se para proteção à neutralidade é característica da atitude espanhola em relação às garantias de neutralidade anglo-americanas.

O governo espanhol limitou-se a tomar conhecimento desta neutralidade, sem aludir à importância que dá a ela.

Os círculos do governo e da Falange acentuam que a Espanha, com suas forças armadas, saberá defender a soberania, a integridade e a neutralidade espanhola contra qualquer ataque ou violação. (CORREIO PAULISTANO, 18 nov. 1942)

Percebe-se que o principal foco do conteúdo citado é a mobilização militar das tropas espanholas, fato analisado por não menos que cinco veículos estrangeiros diferentes, incluindo um da própria Espanha. São eles provenientes dos EUA, Reino Unido (que cita a rádio francesa de Paris, que na certa era clandestina, pois a capital francesa se encontrava naquele momento nas mãos nazistas), Suécia, Espanha e da própria Alemanha. Pode-se ver que o jornal colocou um pouco mais de informações comentadas de Berlim do que das outras imprensas estrangeiras juntas, o que nos mostra que de fato o *Correio Paulistano* estava favorecendo o lado espanhol e as suas ações, que eram mais próximas às da Espanha e às dos países do eixo, de uma maneira geral, devido à sua posição ideológica, mesmo que seja um pouco difícil de perceber.

O conteúdo do texto é a mobilização militar parcial da Espanha, que, ao ver o *front* da guerra no Norte da África se aproximar perigosamente de seu território, não viu outra alternativa a não ser ordenar a mobilização de seu exército, a fim de salvaguardar sua neutralidade e proteger o país em caso de invasão estrangeira, tanto por parte dos aliados como por parte dos países do eixo. Os jornais apontam que a razão pela mobilização militar era para proteger a Espanha contra uma provável invasão inimiga, e deixam claro que o povo espanhol não hesitaria em pegar em armas para defender o país.

Outro trecho do *Correio Paulistano* mostra a neutralidade espanhola mais a questão da mobilização espanhola durante o conflito: <sup>12</sup>

A ALEMANHA QUERIA BASES AERO-NAVAIS NA ESPANHA  
 NOTÍCIAS DE ANKARA, ENTRETANTO, DIVULGAM QUE O  
 GENERAL FRANCO NÃO CEDEU ÀS EXIGENCIAS DE HITLER  
 VÁRIAS  
 LONDRES 19 (U.P.)  
 Assim [...] era um dever elementar do governo, diante de tais circunstâncias, inteiramente anormais, de tomar todas as medidas essenciais que o próprio caso requeria, preparando-se convenientemente, como diz o decreto oficial, para a defesa de sua soberania e integridade territorial.

---

<sup>12</sup> A notícia do *Correio Paulistano* se encontra na íntegra no Anexo 2.

No entanto, convém salientar que a Espanha, tal como Portugal, recebeu as mais explícitas garantias da Inglaterra e dos Estados Unidos, de que as medidas de caráter militar que estavam sendo tomadas no norte da África não eram de forma alguma dirigidas contra as possessões e os interesses de ambos, nem contra o atual “modus vivendi” que prevalece em tanger.

Essas garantias foram recebidas com a maior satisfação pelo governo espanhol, tendo tido a maior publicidade da imprensa madrilenha.

Por outro lado, informações recebidas de Madri adiantam que o governo alemão deu idênticas garantias no tocante à inviolabilidade do território espanhol. Todavia pouco depois outra notícia oficial desmentia que o governo do generalíssimo Franco tivesse recebido tais garantias de Berlim. Assim, não deve surpreender a ninguém a notícia adotada pelo governo espanhol em vista das circunstâncias. Com sua mobilização parcial, a Espanha passou a ter uma posição mais ou menos idêntica àquela em que se encontra a Turquia, cujo exército tem estado quasi em pé de guerra desde os primeiros dias do atual conflito. O paralelo entre a atitude da Espanha e da Turquia descansa em bases idênticas – a neutralidade e defesa da independência nacional – bem como sobre um perigo potencial igualmente muito semelhante – o da invasão pela potencia agressora. (a) Fergus J. Ferguson, chefe dos correspondentes diplomáticos da agência Reuters (CORREIO PAULISTANO, 20 nov. 1942, p. 1)

Ao observarmos a fonte citada, em texto produzido através de informações conseguidas na Turquia, podemos dizer que a razão pela qual Franco autorizou a mobilização parcial de suas tropas foi o temor de que a Alemanha resolvesse invadir a Espanha, dado o fato nem um pouco agradável de que Hitler, ao contrário dos aliados, não prometera em nenhum momento resguardar a neutralidade espanhola, portanto, nada o impedia de invadir o país ibérico com o intuito de dominá-lo e de tomar Gibraltar para si. A presença de tropas alemãs na fronteira com a Catalunha e a possibilidade de um avião do eixo ter sobrevoado as Ilhas Baleares<sup>13</sup> só serviram para reforçar esse temor da Espanha em relação a uma invasão da Alemanha.

Outro fator que piorou as coisas foi a remoção permanente de Serrano Suñer, Ministro das Relações Exteriores de Franco, devido a problemas internos, o que gerou a possibilidade de uma retaliação alemã, tendo em vista a proximidade política de Suñer com Hitler. Não ajudava muito o fato de o círculo pessoal de Franco estar totalmente dividido entre os que apoiavam ideologicamente Hitler de maneira ferrenha e os que se opunham a ele e ao seu modo de agir, o que certamente complicou e muito a vida política do caudilho espanhol, que viu a neutralidade de seu país

---

<sup>13</sup> As ilhas baleares são um arquipélago espanhol localizado no Mediterrâneo ocidental e são consideradas uma província autônoma espanhola.

ameaçada, conforme podemos observar no trecho do *Correio Paulistano* transcrito a seguir:

Na ideia dos alemães, a operação coincidiria com o levante apoiado por sobre certos elementos da Falange para derrubar Franco e o general Jordana, considerados como muito favoráveis aos aliados. Os alemães não esquecem o afastamento do Sr. Serrano Suner, que passava por fazer a sua política e deve-se talvez esperar uma reação brutal do eixo. (CORREIO PAULISTANO, 20 nov. 1942, p.1)

Havia também a possibilidade nem um pouco remota de os oficiais espanhóis, que apoiavam Hitler ideologicamente, iniciarem uma revolta, apoiada pelos alemães, com o intuito de facilitar a dominação da Espanha por parte das tropas do eixo, em retaliação pelo afastamento de Suñer. Ou seja, dada a situação política e o esfriamento das relações com a Alemanha, o melhor a se fazer era ordenar a mobilização militar só por garantia. Sabendo que não haveria um meio de remediar a situação, principalmente em caso de invasão.

Podemos observar também que o *Correio Paulistano* exaltava novamente o governo de Franco, ao chamá-lo de generalíssimo, e suas decisões, mostrando que de fato o jornal possuía um viés ideológico mais alinhado com a direita, tal qual a visão do caudilho espanhol, o que explica o porquê da sua preferência pela Espanha.

Aproveitando que foi mencionada a possibilidade de invasão da Espanha, cabe mencionar outro trecho retirado do *Correio Paulistano*:

POSSÍVEL ATAQUE ALEMÃO À GIBRALTAR  
MEXICO, 25 (U.P.) – Conhecidos chefes militares e navais da Espanha republicana afirmam que é quase inevitável que os alemães dirijam um ataque à Gibraltar através da Espanha, num esforço desesperado tendente a frustrar a ofensiva aliada na África do norte. Esses refugiados que ainda se mantem em contacto com a Europa desconfiam da neutralidade do regime de Franco e indicam que Hitler está em condições de atravessar rapidamente a península Ibérica, embora Franco se oponha a tais designios. O general Miaja, defensor de Madrid durante a guerra civil, declarou que o contra-ataque via Espanha contra Gibraltar seria “uma ação segura e fácil” e poderia ser tentada pelos alemães. O general Inacio Cisneiros chefe da arma aérea republicana, afirmou que não compreendia como Hitler deixaria de aproveitar semelhante oportunidade, enquanto o capitão Luiz Ubierto, comandante da esquadra durante a campanha, opinou que “não é com outro fim que Hitler está concentrando divisões alemãs ao longo dos Pirineus”. Os três declarantes formularam acusações contra o general Luiz Organ e contra o general Juan Yague, comandantes das forças

espanholas no Marrocos, afirmando que esses dois militares hispanicos se mostrariam dispostos a auxiliar as forças de alemãs. Declararam também os militares republicanos que se de fato existissem tres divisões alemãs sobre a fronteira franco-espanhola, as mesmas podem cruzar o território espanhol em quatro dias. (CORREIO PAULISTANO, 26 nov. 1942)

É interessante ver o *Correio Paulistano* fazendo menção aos militares espanhóis republicanos, considerando-se sua preferência pelo regime de Franco e o fato de que os republicanos estavam refugiados no México, que por sua vez não reconhecia o regime de Franco. Contudo, não se pode negar a importância desse trecho, pois evidencia o ponto de vista de generais republicanos que combateram as forças de Franco durante a guerra civil espanhola, os quais fugiram da Espanha depois de serem derrotados. Naturalmente, podemos perceber que esses militares eram abertamente contrários ao regime de Francisco Franco.

Todos os entrevistados afirmaram sem rodeios que, dadas as circunstâncias do conflito europeu, era muito provável que Hitler decidisse invadir a Espanha, em um movimento de antecipação para tomar Gibraltar dos ingleses, algo que inevitavelmente acabaria arrastando a Espanha de Franco para o conflito, pois o líder alemão, de acordo com um dos entrevistados, certamente não deixaria passar uma oportunidade como essa, uma vez que seria uma “ação fácil e segura”. Muito dificilmente o país do caudilho espanhol conseguiria resistir caso Hitler resolvesse invadir a Espanha, haja vista o estado de penúria em que se encontrava. Ademais, todos os entrevistados acusaram dois generais do regime franquista que comandavam as forças espanholas estacionadas no Marrocos, afirmando que ambos muito provavelmente se uniriam às forças de Hitler, caso esse de fato decidisse pela invasão da Espanha, pois, ao que podemos entender através do trecho citado, esses dois comandantes eram mais favoráveis a Hitler ideologicamente.

Vale mencionar a opinião do governo falangista em face de uma possível invasão alemã de seu território e como a população local reagiria, de acordo com a fonte citada a seguir:

O PERIGO DA INVASÃO DA ESPANHA PELOS EXÉRCITOS  
NAZISTAS  
DIVULGA-SE QUE AQUELE PAÍS INTEIRO PEGARÁ EM ARMAS SE  
O CHANCELER HITLER TENTAR DESFECHAR TAL GOLPE  
LONDRES 9 (U.P.) – Continuam circulando noticias segundo as quais  
Hitler estaria inclinado a invadir a Espanha, afim de atacar Gibraltar.

Os círculos militares acreditam que si Hitler tem o propósito de atacar a Espanha, seu golpe será desfechado na primavera.

O PAÍS TODO SE LEVANTARÁ EM ARMAS CONTRA O INVASOR  
LONDRES 9 (U.P.) – Acredita-se nesta capital, que toda a Espanha pegará em armas contra os nazistas se Hitler tentar invadir o solo espanhol, afim de atacar Gibraltar. Os observadores locais julgam que a maioria dos consultores militares do general é firme partidária da neutralidade do país a qualquer custo.

MILHARES DE GUERRILHEIROS ENTRARIAM EM AÇÃO  
LONDRES 9 (U.P.) – a propósito das informações de que os alemães estão pensando em invadir a Espanha para atacar Gibraltar, os círculos locais dizem que o exercito espanhol está disposto a se opor aos nazistas, além disso, conta-se que a população espanhola hostilizaria totalmente os invasores, e além do mais, esses teriam que enfrentar milhares de guerrilheiros. (CORREIO PAULISTANO, 10 dez. 1942)

A fonte retrata o que provavelmente aconteceria se de fato a Alemanha de Hitler tivesse decidido invadir a Espanha com o objetivo de tomar Gibraltar, afirmando que haveria uma tentativa por parte dos civis de proteger o território espanhol. Ao que se pode entender, parte dos generais de Franco era mesmo favorável a manter o país neutro, mas estariam totalmente dispostos, juntamente com o exército espanhol, a defender sua pátria contra uma eventual invasão alemã de seu território. E isso sem contar com a população civil, que provavelmente receberia os invasores alemães de forma hostil, dificultando a conquista do enclave de Gibraltar e atraindo para si e para o seu país a inimizade da Espanha.

O *Correio Paulistano* abordou ainda a questão da neutralidade da Espanha para com as Nações Unidas, já em 1944, considerando as visões dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha.

AS NAÇÕES UNIDAS DESEJAM UMA NEUTRALIDADE REAL DA ESPANHA

[...] Segundo declarações do presidente Roosevelt, a Grã-Bretanha e os Estados Unidos trabalham ativamente para que a situação política espanhola se esclareça por completo - Acredita-se que o governo do general Franco não romperá suas relações com as potencias do eixo - outras notas a respeito

WASHINGTON 4 (r)- o presidente Roosevelt declarou hoje em sua conferência que a Grã-Bretanha e os EE UU. Trabalham conjuntamente no sentido de que a Espanha mantenha uma neutralidade real. Acrescentou o presidente não saber se os dois países seriam bem-sucedidos ou não, mas tem esperanças de que o seriam. “a situação – acrescentou o presidente – tem fornecido muitas dores de cabeça”.

MADRID 4 (U.P.)- todos os jornais publicam com destaques e com grandes títulos a notícia sobre a reunião extraordinária realizada ontem pelo conselho de ministro sob a presidência do general Franco. O órgão falangista “arriba” expressa: o governo ratifica a posição da Espanha de estrita neutralidade. Não se cederá por nenhum conceito no caso de pressão contra o direito de manter tal posição. Estudam-se todas as medidas necessárias para fazer respeitar a nossa neutralidade. O conselho, presidido pelo caudilho, examinou a situação internacional. (CORREIO PAULISTANO, 5 fev. 1944)

Ao analisarmos a fonte mencionada, podemos dizer que, levando em consideração o ano em que o texto foi publicado e a situação política da época, a Espanha de Francisco Franco, percebendo que de fato a guerra se virara contra a Alemanha, adotou uma atitude militar mais rígida para com a sua neutralidade, conforme é dito pelo órgão falangista, Franco não cederia às pressões e pretendia manter a posição de neutralidade até o final, sendo apoiado pelos aliados.

No trecho reproduzido a seguir, notamos um tom mais amistoso vindo dos países aliados, que garantiam o desejo de Franco de manter a Espanha fora do conflito. Enquanto a Alemanha fazia constantes ameaças de invasão à Espanha, conforme descrito na edição do *Correio Paulistano* de 1942 supracitada.

Longe de desejar que a Espanha entre na guerra, os aliados desejam sincera e ardentemente ver a Espanha se manter neutra sempre.”  
E também claro, das declarações publicas e das garantias que teem dado, que o governo espanhol igualmente deseja o país dentro do “status” da neutralidade.  
Si é assim, e se a Espanha se mantiver realmente neutra, não haverá nenhuma perturbação entre os aliados e a Espanha. Isso é tudo quanto desejamos- notadamente que a Espanha não seja usada pela Alemanha para atacar as nações unidas. (CORREIO PAULISTANO, 5 fev. 1944)

Embora o governo franquista tenha recusado cortar as relações diplomáticas com os países do eixo, em razão de sua afinidade política com esses, mesmo com a constante pressão dos Estados Unidos, da Inglaterra e dos demais países das Nações Unidas, que desejavam ver o país ibérico tomar uma atitude mais clara quanto à questão de sua neutralidade no conflito que se seguia na Europa.

MADRID 4 (U.P.) - os jornais desta capital afirmam, categoricamente, que a Espanha não romperá suas relações com as potencias do “eixo”.

Segundo alguns comentadores, o governo do general Franco resistirá a qualquer espécie de pressão por parte dos aliados no sentido de forçar o rompimento de Madrid e Berlim.

Coincidindo com as categóricas declarações dos jornais, o governo, após uma reunião do gabinete, revelou que Madrid continuará a seguir uma política de estrita neutralidade. (CORREIO PAULISTANO, 5 fev. 1944)

Pode-se perceber que os aliados se incomodavam bastante com o fato de a Espanha continuar comercializando com a Alemanha de Hitler, principalmente no que dizia respeito ao comércio de auxílios alimentícios e minerais, pois os aliados acreditavam que, com esse tipo de atitude, Franco estaria propositalmente ajudando a Alemanha, tendo em vista a sua afinidade política para com Hitler.

Podemos notar que houve uma pressão por parte dos aliados a respeito dos minerais e artigos de alimentação que eram negociados entre a Espanha e a Alemanha. Em 1944, o crédito que Madri oferecia a Berlim foi substancialmente reduzido:

Os representantes aliados também devem ter tido alguma coisa a dizer a respeito dos auxílios que a Espanha tem fornecido à Alemanha em minerais estratégicos e artigos de alimentação, tendo este último país dado à Espanha, no último outono, grande saldo de créditos em Berlim. Desde aquela época, entretanto, esses saldos tem ficaram substancialmente reduzidos. (CORREIO PAULISTANO, 5 fev. 1944)

Em paralelo, Franco, ao perceber a vitória iminente dos aliados, parece apontar algumas vantagens para os aliados, porém nem todas são detalhadas pelas fontes, apenas uma, que é considerada a principal: a concessão de asilo a um grande número de refugiados aliados, entre eles mulheres e soldados.

Quanto à sua atitude a crédito dos aliados, pede a Espanha apontar muitos "itens", o mais notável dos quais o que se refere ao grande número de refugiados aliados, inclusive mulheres e soldados, aos quais deu permissão para atravessar a Espanha, vindos da Europa ocupada pelos alemães, ganhando assim a liberdade. Existem muitas indicações de que as conversações de Madrid estão sendo conduzidas com a máxima certeza e com bom humor de ambos os lados, subsistindo, portanto, boas possibilidades de que as duas partes cheguem a um acordo sem perturbar a suscetibilidade espanhola. (CORREIO PAULISTANO, 5 fev. 1944)

Outro assunto espinhoso dizia respeito ao fato de que havia funcionários espanhóis que se identificavam ideologicamente com Hitler, o que poderia colocar em xeque a neutralidade espanhola aos olhos dos aliados.

Em fontes altamente autorizadas, foi dito que os próprios espanhóis consideram que alguns funcionários espanhóis notadamente no Marrocos, se tem identificado intimamente com os representantes do “eixo”. Seria desejável que tais funcionários fossem removidos para outros postos, onde não pudessem causar nenhum dano aos aliados nem levantar suspeitas pelo seu procedimento. (CORREIO PAULISTANO, 5 fev. 1944)

No fragmento supracitado, além de destacar o incômodo com os funcionários espanhóis no Marrocos, o jornal ainda sugere a demissão ou relocação desses em outros postos em que não pudessem infligir nenhum mal aos aliados.

A fonte destaca ainda que a mudança na guerra não afetou somente o comportamento dos líderes espanhóis, mas também o comportamento da imprensa, que passou a se mostrar de uma maneira menos hostil aos aliados e reduziu o tom “amistoso” em relação aos países do eixo. Vale lembrar que a mídia/imprensa espanhola era controlada pelo governo franquista.

O INTERESSE DOS ALIADOS NA QUESTÃO ESPANHOLA  
LONDRES 4 (R)- As conversações anglo-americanas com o governo espanhol parecem ter atingido um ponto em que ambos os lados concordam em em que é de seu interesse, que a Espanha permaneça neutra. A questão agora levantada é relativa a reconciliação da interpretação espanhola de neutralidade com os interesses aliados. Varios fatos, na Espanha, tem desapontado as nações unidas. A imprensa falangista, que é controlada, e a propaganda em geral, que sempre tem sido em favor do “eixo”, se mostram, porem, desde recentemente, menos inamistosos com relação aos aliados. (CORREIO PAULISTANO, 5 fev. 1944)

O trecho exposto a seguir mostra a resistência de Francisco Franco às pressões aliadas para com a possibilidade de romper relações com os países do eixo:

MADRID 4 (U.P.) - os jornais desta capital afirmam, categoricamente, que a Espanha não romperá suas relações com as potencias do “eixo”. Segundo alguns comentadores, o governo do general Franco resistirá a qualquer espécie de pressão por parte dos aliados no sentido de forçar o rompimento de Madrid e Berlim. Coincidindo com as categóricas declarações dos jornais, o governo, após uma reunião do gabinete, revelou que Madrid continuará a seguir

uma política de estrita neutralidade. [...] (CORREIO PAULISTANO, 5 fev. 1944)

Apesar de ver que a Alemanha e seus aliados estavam perdendo a guerra, o governo espanhol se recusou a cortar as relações que tinha com as potências do eixo, resistindo às pressões dos países aliados para que o fizesse, insistindo em uma política de estrita neutralidade. A neutralidade espanhola mudou com a aproximação do desfecho do conflito mundial. Inicialmente a Espanha adotou o status de nação não beligerante, favorecendo mais a Alemanha de Hitler devido a questões ideológicas; contudo, à medida que ficava mais claro que a Alemanha não venceria a guerra, o governo espanhol adotou uma posição mais rígida quanto à sua neutralidade.

E, por fim, vale examinar alguns trechos de uma matéria retirada do *Correio Paulistano* publicada após o término do conflito, em 1947. A seleção deste trecho foi feita pois nos mostra as consequências das escolhas de Franco ao favorecer os países do eixo, em um novo panorama mundial em que o fascismo e o nazismo não eram mais bem vistos pela comunidade internacional:

Em 1939, cinco meses após a conclusão da guerra civil espanhola, estourou a conflagração mundial numero dois, que durou até 1945. A Espanha também se manteve oficialmente neutra nessa segunda conflagração, mas teve a infelicidade de manter-se neutra com uma tintura de indisfarçável benevolência para com o “eixo”, favorecendo Mussolini e Hitler, e chegando a manter até uma “divisão azul”, para combater as Nações Unidas ao lado dos alemães na frente oriental. Aconteceu que o “eixo” perdeu a parada – que o mundo se voltou decididamente contra os regimes totalitários – e que o regime de Franco se tornou incompatível com os princípios pelos quais a maioria das nações que havia combatido o “eixo”. (CORREIO PAULISTANO, 20 dez. 1947)

O excerto reproduzido foi publicado dois anos após o término da Segunda Guerra Mundial, mas dessa vez não revela o mesmo entusiasmo de antes pelo regime de Francisco Franco, visto que, no mundo pós-Segunda Guerra, o totalitarismo já não era mais bem visto pela comunidade internacional – nessa altura, já se tinha total ciência dos crimes de guerra cometidos pela Alemanha de Hitler, fora o holocausto, que matou cerca de seis milhões de pessoas nos campos de concentração, e o sofrimento gerado pela ocupação de diversos países do continente europeu.

O fato de a Espanha de Francisco Franco ser um país com um governo de cunho fascista e ter sido particularmente próxima de Hitler e Mussolini não só

ideologicamente, mas também politicamente a tornou uma pária mundial, tanto pelos aliados ocidentais como pela União Soviética, conforme se nota:

Na atualidade, a Espanha não se beneficia nem mesmo das divergências entre o bloco ocidental das democracias, chefiado pela Inglaterra e pelos Estados Unidos, e o bloco oriental de outro gênero de democracia chefiado pela União Soviética. Vista com maus olhos pelo ocidente e pelo oriente – incapaz de restabelecer-se das devastações da guerra civil – não podendo elevar a produção interna de viveres e de matéria primas a um nível que lhe proporcione projeção internacional – o regime falangista vai levando a Espanha para um isolamento universal que se acentua mais a cada dia que passa [...] (CORREIO PAULISTANO, 20 dez. 1947)

Tais fatores acabaram saindo bem caros para Franco no pós-guerra, pois a nação não só ficou com uma imagem extremamente danificada no exterior, como também acabou sendo excluída do plano Marshall, juntamente com a Alemanha, que não tinha governo próprio. O plano proposto pelos Estados Unidos tinha como objetivo central ajudar os países afetados pelo conflito a se reconstruírem e a se reerguerem dando a eles grandes remessas de dinheiro. Dinheiro esse que a Espanha do caudilho necessitava para se recuperar da guerra civil, enfrentada antes do conflito global.

Há pouco tempo, realizou-se em Paris, uma conferência europeia, destinada a estudar a aplicação daquilo que agora tem o nome diplomático e jornalístico de “plano Marshall”, que consiste em distribuir-se fundos em dólares, por iniciativa dos Estados Unidos, a fim de que as nações empobrecidas pela guerra, vencidas ou vencedoras, entrem de novo em fase, se não de prosperidade, pelo menos de solvência. Para esta conferência, foram convidados todos os países europeus, menos a Alemanha, que não tem governo próprio que a represente, e a Espanha, que não é bem vista nem pelos governos de Londres, de Washington e de Paris, nem pelos governos enquadrados na esfera de influência do Kremlin. (CORREIO PAULISTANO, 20 dez. 1947)

A Espanha acabou ficando sem receber absolutamente nada devido ao seu estilo de governo e à aproximação com os já derrotados regimes totalitários da Alemanha e da Itália. Além disso, não pôde contar com a ajuda dos outros países incluídos no plano, haja vista a semelhança do regime ditatorial de Franco em relação ao de Hitler, tampouco com a ajuda dos outros países afetados pelo conflito, que certamente não utilizariam o dinheiro recebido para ajudar um país com o mesmo cunho ideológico da Alemanha nazista.

O país de Franco ficou sem absolutamente nada, posto que não poderia também esperar que a Rússia soviética a ajudasse – Stalin certamente se lembrava perfeitamente de quando a Espanha enviara a Divisão Azul ao lado das tropas nazistas para invadir o seu território em 1941 e não a ajudaria, tornando assim o isolamento do país de Franco mais acentuado do que já estava.

Desta maneira, o isolamento espanhol, que já é considerável, e que já prejudica sensivelmente a evolução do país devido ao tipo quase medieval da orientação aldeã de seu governo, tornar-se-á ainda mais prenunciado, com o sacrifício inegável da civilização espanhola – civilização esta que se irá aniquilando mais profundamente de dia para dia, desde que Madrid insista em persistir na diretriz falangista que coloca a nação à margem da história contemporânea. (CORREIO PAULISTANO, 20 dez. 1947)

Assim, podemos ver o quão desastrosas foram as escolhas de Franco para o povo espanhol, que viu a sua pátria se tornar um país economicamente enfraquecido e politicamente isolado, ficando “à margem da história contemporânea”. Marca essa que é a característica de muitos governos totalitaristas até os dias atuais.

O jornal aponta os prejuízos trazidos pela neutralidade no texto supracitado, publicado em 1947, seguindo uma postura diferente do que foi observado em meados de 1940, conforme verificado no início do capítulo. Não obstante sua tendência ao conservadorismo, e por isso se manifestava mais a favor do regime de Francisco Franco e dos demais regimes totalitários. Após o conflito, e com as crueldades nazistas escancaradas, o jornal “endureceu” sua atitude e se tornou mais crítico com os regimes totalitaristas, ao passo que a postura elogiosa ao regime de Franco desapareceu, conforme observado na edição publicada em 1947.

Em outra matéria do mesmo ano, intitulada “Um problema inadiável perante a O.N.U. - A liquidação do franquismo”, são feitas inúmeras críticas ao franquismo e exige-se uma resolução mais célere das Nações Unidas para a questão espanhola:

Daí que as forças democráticas devem fazer ouvir novamente sua voz ante a assembleia Geral da O. N. U. para que não seja adiada mais uma vez a solução do problema da Espanha, pois isso causaria um grande dano ao prestígio e autoridade desta organização, na qual todo mundo progressista depositava suas esperanças.

Já é tempo de se fazer justiça ao povo espanhol e terminar o seu imerecido sofrimento.

Para tranquilidade das nações civilizadas é necessário acabar com o regime de Franco, último satélite de Hitler na Europa. A O. N. U.,

surgida da luta contra o nazi-fascismo e para defender os ideais anti-fascistas, tem poder mais que suficiente para ajudar a solucionar rapidamente esse problema. (CORREIO PAULISTANO, 23 set. 1947)

Além das críticas feitas ao franquismo no pós-guerra, o jornal *Correio Paulistano* adotou uma postura mais elogiosa em relação aos aliados após o conflito. Um exemplo pode ser verificado ao abordar a libertação da Itália pelos aliados, descrevendo de forma entusiasmada o retorno dos italianos que estiveram presos nos campos de concentração e a possibilidade de se expressarem livremente mais uma vez:

A gratidão dos italianos para com os aliados libertadores  
A rádio italiana anunciou no fim do mês de maio que em toda a península os cidadãos podem agora circular na mais ampla liberdade, com a única exceção de duas pequenas localidades onde a prudência aconselhou se conservar sem medidas de segurança.  
“As comunicações — acrescentou a Radio Roma — foram reabertas; cada um poderá ir onde quiser. Muitos torturados irmãos voltaram dos campos de concentração alemães; voltarão também outras vítimas da feroz tirania que jogou o país nesta injusta guerra. Os italianos que por anos seguidos foram sujeitos e humilhados, podem agora expressar livremente a sua gratidão para com os aliados que libertaram a pátria, podem orgulhar-se por ter colaborado para a vitória comum. (CORREIO PAULISTANO, 4 jul. 1945)

É possível afirmar então que houve uma mudança na postura do jornal *Correio Paulistano* ao longo da década de 1940 no que se refere à Espanha – anteriormente adotava uma postura mais conservadora e elogiosa ao regime de Francisco Franco. Essa mudança se deu mais ao final da guerra, e principalmente no pós-guerra, quando foram descritos de forma detalhada os prejuízos trazidos pelo tipo de neutralidade escolhido por Franco e tecidas diversas críticas ao caudilho espanhol. Além disso, o jornal chegou a pressionar a ONU por uma resolução que não envolvesse Franco no poder, somando-se à exaltação dos aliados.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou abordar alguns aspectos da neutralidade espanhola durante a Segunda Guerra Mundial, mais especificamente entre os anos de 1939 e 1945. Durante esse período, a Espanha era governada por Francisco Franco, que apresentava similaridades com os líderes autoritários não só na ideologia, mas também na forma de governar e conduzir o país. Visto que procedeu à censura dos meios de comunicação de massa, perseguiu os opositores e exerceu grande interferência na economia e forte oposição à democracia. Outra similaridade com os governos totalitários vigentes na Europa na década de 1930 era o desprezo pela União Soviética e pelas ideologias socialistas/comunistas. Tais similaridades aproximaram o caudilho espanhol de Benito Mussolini e Adolf Hitler, dirigentes da Itália e da Alemanha, respectivamente. Outro fator que contribuiu para a aproximação de Franco e Hitler foi a interferência do ditador alemão na guerra civil espanhola, a favor de Franco. Tais aspectos são importantes para a compreensão da neutralidade espanhola durante a Segunda Guerra Mundial.

Além de buscar o entendimento da neutralidade espanhola, o trabalho também incluiu a análise do posicionamento do jornal brasileiro *Correio Paulistano* para com a neutralidade espanhola durante esse período. O *Correio Paulistano* foi o primeiro jornal diário de São Paulo, e circulou entre 1854 a 1963, com algumas interrupções. A escolha desse jornal se deu pelo fato de ser um grande formador de opinião pública e por ter feito, durante a Segunda Guerra Mundial, uma cobertura extensa, informando de forma detalhada o desenrolar do conflito europeu.

Outro ponto abordado para o entendimento da neutralidade espanhola foi o conflito entre os nacionalistas, liderados por Franco, e os republicanos, liderados por Manuel Azaña, durante a Guerra Civil Espanhola. Entre as principais causas do conflito destacam-se a polarização política e o enfraquecimento da democracia, somados à vitória dos partidos republicanos no ano de 1936, que retirou o poder dos militares antirrepublicanos. A Guerra Civil Espanhola gerou a perda de milhares de vidas, além de uma destruição generalizada tanto da infraestrutura como da economia, fazendo com que o país voltasse a ser agrário, e não industrial. Tais consequências foram um dos fatores que eliminaram qualquer possibilidade de uma possível entrada espanhola no conflito europeu.

Portanto, este trabalho teve como objetivo identificar se a neutralidade espanhola foi mesmo “neutra”. Ou seja, a Espanha contribuiu direta ou indiretamente para os países do eixo? E quais foram os outros aspectos da neutralidade espanhola durante a Segunda Guerra Mundial? Para tanto, foi levantado o conceito de neutralidade em si e os diferentes tipos de neutralidade existentes durante o conflito, bem como analisada a comunicação do caudilho espanhol com Hitler, Mussolini e autoridades inglesas. Para complementar tal entendimento, foi levada em consideração também a importância de Gibraltar para o conflito no Norte da África, somada à visão do *Correio Paulistano* nesse período. Para esse levantamento, foram consultadas correspondências, livros que retratam o período prévio e posterior à Segunda Guerra Mundial e a biblioteca digital com as publicações do *Correio Paulistano*.

Podemos concluir que, apesar de ter mantido o título de nação neutra, a Espanha participou indiretamente do conflito, o que também aconteceu com outras nações que permaneceram neutras durante a Segunda Guerra, uma vez que a pressão sobre esses países era imensa e instável. Essa instabilidade se dava haja vista que um país beligerante pode subitamente invadir outro território e apoderar-se de seus recursos naturais e de sua posição geográfica, prática bastante frequente nesse período.<sup>14</sup>

Em consonância com a Espanha, a Suíça também pareceu lucrar com a suposta neutralidade, uma vez que obteve imensos lucros com os bens roubados das famílias das vítimas do nazismo. Porém, diferentemente da Suíça, a Espanha não lucrou com os crimes de guerra cometidos pelos países do eixo. O país de Franco permaneceu neutro em parte por fidelidade ideológica aos países do eixo, por gratidão ao suporte oferecido por Hitler durante a Guerra Civil Espanhola e pelo fato de a Espanha estar empobrecida por causa do conflito civil. Podemos concluir que a Espanha adotou uma postura de nação não beligerante durante a Segunda Guerra Mundial, já que participou indiretamente do conflito ao ajudar uma das nações beligerantes de forma política ou ofertando materiais.

A Espanha lucrou através da venda de minérios a preços mais acessíveis aos países do eixo, como o tungstênio, que era vital para a produção armamentista alemã. Diante disso, os aliados criaram diversos tipos de programas que visavam a compra

---

<sup>14</sup> Tal como foi o caso da Dinamarca, Noruega, Holanda, Bélgica e Luxemburgo.

preventiva desse material importante e passaram a competir ativamente com a Alemanha de Hitler, oferecendo maiores quantidades de dinheiro do que a oferecida pelos alemães, algo que contribuiu bastante para aliviar a economia espanhola e também para os cofres públicos, pois o governo de Franco, aproveitando-se dessa competição pelo tungstênio, impôs um alto imposto na produção do material.

Sobre a questão de Gibraltar, podemos concluir que o enclave tinha uma enorme importância para os planos alemães para com o teatro de guerra no Mediterrâneo, pois, ao ter acesso a esse enclave, 1) bloquearia qualquer possibilidade de a marinha britânica interferir efetivamente no Mediterrâneo, 2) também aumentaria as chances de as tropas de Hitler conquistarem o canal de Suez e 3) barraria a entrada de suprimentos vindos dos territórios britânicos, que eram vitais para manter as tropas britânicas estacionadas no Egito e o povo britânico alimentados.

A situação de Gibraltar é levada mais a fundo na carta feita por Franco a Hitler em setembro de 1940, em que ele se coloca favorável a uma ocupação do enclave, na qual seria vital a participação espanhola na tomada do território inglês. Assim, Hitler tentava atrair o país ibérico na mesa de negociações com a promessa de ganhos territoriais e suprimentos extras, fazendo o possível para suborná-lo com territórios franceses e africanos, porém, sempre submisso ao governo alemão, dadas as circunstâncias.

Com base na troca de correspondências entre Franco, Hitler e Mussolini, podemos entender que, ao mesmo tempo que Franco prometia entrar na guerra futuramente, passou a ter dúvidas sobre o sucesso alemão, pois, mesmo a Alemanha nazista tendo derrotado a França e conservando um vasto território sob o seu poder, ainda não havia conseguido derrotar a Inglaterra, que se encontrava sozinha no teatro europeu. Franco então criou uma série de demandas inaceitáveis para o líder alemão, tais como o Marrocos francês e o departamento de Orã, na Argélia, somados a toda a ajuda militar e econômica necessária (PACKHARD, 1989, p. 20).

Hitler decidiu recusar as demandas do caudilho espanhol, uma vez que não valia a pena arriscar a relação amigável com os colaboracionistas franceses por causa das ambições territoriais de Franco, possibilitando ao líder espanhol mais tempo para se manter fora do teatro de guerra europeu. Em paralelo, a Inglaterra, apesar de ter conseguido evitar a invasão, não estava em condições de montar uma ocupação de larga escala na Península Ibérica, pois boa parte de seu aparato militar se encontrava

destruído ou capturado no Norte da França, possibilitando novamente a neutralidade espanhola.

Com o desenrolar do conflito e a proximidade de um desfecho pouco favorável à Alemanha, Franco adotou uma posição mais neutra na contenda, algo que não passou despercebido pelo embaixador alemão Dieckhoff em 1943.

Ao longo dos anos, Franco desenvolveu uma relação amistosa com Mussolini por afinidades ideológicas. Mussolini aproveitou da proximidade com Franco para tentar convencê-lo a participar da guerra e dar o suporte necessário aos países do eixo, o que se verificou com base nas trocas de cartas em 1940. As cartas mostram como a relação entre Franco e Mussolini podia ser considerada uma amizade, além de evidenciar como o caudilho espanhol foi ganhando tempo e preservando a suposta neutralidade de seu país até o final do conflito.

Conforme descrito anteriormente, o trabalho em questão também objetivou investigar a posição do *Correio Paulistano* acerca da neutralidade espanhola. As publicações feitas entre o período de 1940 e 1941 denotam uma atitude mais positiva do jornal para com o regime de Franco. Ao abordar a questão da ocupação de Tânger, usa como fonte o jornal espanhol *Arriba*, que era controlado pelo regime do caudilho espanhol. Em virtude disso, adota uma postura mais positiva para com o governo de Franco e a ocupação espanhola de Tânger, chamando-o de “unificador da nação”.

Em um texto publicado em novembro de 1941, vemos o jornal tecer diversos elogios à atuação da Divisão Azul na frente oriental – chamando os soldados espanhóis de “heróis”, “valentes” e exaltando-os pela conquista de um considerável número de armas e pelo aprisionamento de soldados soviéticos. Chega até mesmo a dizer que “a Espanha se mostra mais uma vez digna de suas gloriosas tradições cavaleirescas e deposita a sua fé no destino da humanidade”. Tais descrições revelam que o jornal era favorável à aliança dos voluntários da Divisão Azul com os alemães na frente russa.

Outra publicação que corrobora a ideia da posição favorável do jornal em relação ao governo de Franco refere-se à mobilização militar parcial da Espanha em face da invasão do Norte da África, em novembro de 1942. O jornal apresenta um número maior de informações comentadas de Berlim, favorecendo o lado espanhol e suas ações, assim como os países do eixo.

Sobre a questão de Gibraltar, o *Correio Paulistano* faz menções aos militares espanhóis republicanos, reiterando a sua preferência pelo governo franquista. Descreve também que era muito provável que Hitler invadisse a Espanha para tomar Gibraltar dos ingleses. Em outra publicação, o jornal dá a entender que a população poderia tentar proteger seu território ante a invasão alemã, dificultando a conquista do enclave britânico.

Posteriormente, em 1944, o jornal aborda novamente a neutralidade da Espanha, mas dessa vez de uma maneira diferente, mostrando-se mais favorável à manutenção da neutralidade espanhola, descrevendo que isso não traria perturbação alguma por parte dos aliados. Mais para a frente, o jornal ressalta que o governo franquista “[...] resistirá a qualquer espécie de pressão por parte dos aliados no sentido de forçar o rompimento de Madrid e Berlim” (CORREIO PAULISTANO, 5 fev. 1944).

O jornal ainda destaca, em uma edição de fevereiro de 1944, que houve também pressão por parte dos aliados na questão do auxílio e fornecimento de alimentos e minerais pela Espanha aos países do eixo, visto que o crédito fornecido a Berlim reduziu de forma substancial. O *Correio Paulistano* descreve no mesmo ano outro comportamento de Franco que indicava uma mudança em sua postura: ao se colocar mais favorável aos aliados, permitiu que refugiados da guerra, que eram majoritariamente soldados aliados e mulheres, passassem por seu território em segurança.

Podemos notar que não foi apenas o governo espanhol que mudou a sua postura no decorrer da guerra, o jornal *Correio Paulistano* também deu indícios de mudança em suas publicações ao notar qual seria o desfecho do conflito, mostrando-se menos hostil aos aliados e reduzindo o tom amistoso nos textos acerca dos países do eixo. Porém, Franco ainda resistiu em cortar relações que tinha com as potências do eixo, mantendo-se “rígido”, segundo as fontes de Madrid citadas pelo *Correio Paulistano*, sobre a sua neutralidade.

Após o término do conflito, em 1947, o jornal descreve as consequências das escolhas de Franco durante o conflito mundial. Nesse momento, o jornal não mais possui o mesmo entusiasmo de antes com o governo franquista, descrevendo que o país teve a “infelicidade de manter-se neutro com uma tintura de indisfarçável benevolência para com o ‘eixo’, favorecendo Mussolini e Hitler” (CORREIO PAULISTANO, 20 dez. 1947). O jornal também menciona os prejuízos trazidos pela neutralidade espanhola no mundo pós-guerra, já que a Espanha era vista com maus

olhos pelo Ocidente e pelo Oriente, dado o seu regime de cunho fascista, as suas semelhanças ideológicas com os países do eixo e o fato de ter enviado a Divisão Azul para lutar ao lado dos alemães contra os soviéticos.

Esses fatores impediram que a Espanha fizesse parte do Plano Marshall, sendo excluída da ajuda monetária dada pelos Estados Unidos e do auxílio de outros países que foram contemplados pelo plano. Isso se deu pelas semelhanças ideológicas do governo ditatorial franquista com o nazismo e o fascismo.

O jornal descreve que a civilização espanhola estava se aniquilando mais profundamente dia após dia ao persistir na diretriz falangista e que a manutenção do regime franquista colocara a nação espanhola à margem da história contemporânea. O que mostra uma mudança radical do jornal em relação a Franco, se comparados o período pós-guerra civil e o período pós-Segunda Guerra Mundial. Concomitantemente, o jornal também adotou uma atitude elogiosa para com os aliados.

Após o levantamento feito neste trabalho, foi possível observar que a postura da Espanha em relação à neutralidade e como conduziu as relações de forma favorável à Alemanha e à Itália. Porém, em um jogo delicado, conseguiu manter o seu título de neutra através de malabarismos políticos, garantindo uma relação amistosa com os países do eixo e sem criar problemas com os aliados.

O estudo também se propôs a analisar a visão do jornal *Correio Paulistano* sobre a “neutralidade” espanhola, possibilitando concluir que houve de fato uma mudança na maneira de abordar a temática. A princípio, o jornal tinha uma visão elogiosa e bastante favorável em relação ao regime de Franco. Contudo, à medida que a guerra se aproximava de seu desfecho, o jornal endureceu a sua atitude com o governo ditatorial de Franco.

Este trabalho atentou de forma minuciosa às questões relativas à neutralidade espanhola, o que acabou cerceando a abordagem de outras temáticas envolvendo a Segunda Guerra Mundial e a postura neutra de diversos países nesse período. Assim, cabe como sugestão que outros estudos se dediquem a tais relações, inclusive aos efeitos que favoreceram ou dificultaram a tomada de uma posição diferente da neutralidade.

O *Correio Paulistano* serviu como uma fonte rica de informações sobre as mídias da época e também sobre a visão de um jornal tão influente no Brasil. Os dados provenientes do veículo são diversos e extremamente valiosos para a compreensão

da mídia da época, assim, fica como sugestão que outros estudos tomem como base o jornal *Correio Paulistano* para a compreensão dos fenômenos históricos.

Toda essa pesquisa abre uma série de questões e possibilidades de novas investigações, que, evidentemente, poderão ser realizadas por outros pesquisadores. Por exemplo, poder-se-ia examinar como outros jornais brasileiros perceberam a neutralidade espanhola, qual era a posição política desses veículos e como eles destacaram a Segunda Guerra Mundial.

## REFERÊNCIAS

AGIUS, Christine; DEVINE, Karen M. Neutrality: a really dead concept? A reprise. **Cooperation and Conflict**, v. 46, n. 3, sep. 2011.

ALBRIGHT, Madeleine. **Fascismo: Um alerta**. São Paulo: Crítica, 2018.

ANDRADE, Luís. A neutralidade e os pequenos estados: o caso de Portugal (1939-1945). **Arquipélago**. Universidade dos Açores, Ilha Terceira, n. 1, 1995, p. 319-331.

BUADES, Josep. M. **A Guerra Civil Espanhola**. São Paulo: Contexto, 2013.

CARDOSO, Débora. A “neutralidade colaborante” e a propaganda em Portugal durante a Segunda Guerra Mundial. *Revista de História da Sociedade e da Cultura*. Coimbra, v. 17, 2017.

CHURCHILL, Winston. **Memórias da Segunda Guerra Mundial**. Vols. 1 e 2. São Paulo: Saraiva, 1953.

EGIDO, Ángeles; EIROA, Matilde (Eds.). Los campos de concentración franquistas en el contexto europeo. **Revista de Historia Contemporánea**. Valencia, n. 57, 2005.

FELICE, Renzo de. **Breve História do Fascismo - Uma síntese da página mais triste do século XX italiano**. São Paulo: Casa das Letras, 2005.

GAYER, Gary. **Political Neutrality in Europe during World War II**. San Luis Obispo: Spring, 2013.

GILBERT, Martin. **A Segunda Guerra Mundial: os 2.174 dias que mudaram o mundo**. São Paulo: Casa da Palavra, 2014.

GONDIM, Larissa. O conceito de neutralidade: aspectos políticos e jurídicos. In: CONPEDI/UNICURITIBA (Org.). **Filosofia do Direito I**. Florianópolis: CONPEDI, p. 191-207, 2014.

GRAHAM, Helen. **Breve história da Guerra Civil de Espanha**. São Paulo: Tinta da China, 2006.

KERSHAW, Ian. **Hitler: a biography**. New York: W. W. Norton & Company, 2008.

LEIVA, Carlos Puplia. Franco-Hitler: las relaciones de España y Alemania a través del noticiero de España (1937-1941). **Revista de Humanidades y Cultura**, n. 11, 2017.

LEZCANO, Victor Morales. Las causas de la no beligerancia española reconsideradas. **Revista de Estudios Internacionales**, v. 5, n. 3, 1984.

MARQUINA, Antonio. The Spanish neutrality during the Second World War. **The American University International Law Review**, v. 14, n. 1, 1998.

MCCOMAS, Kyra. The neutrality of Switzerland: Deception, Gold and the Holocaust. **Historical Perspectives**, v. 21, 2016.

MICHAL, Bernard. **A Guerra Civil de Espanha**. São Pedro do Estoril: Saída de Emergência, 2016.

MÜLLER, Leos. **Neutrality in world history**. Abingdon: Routledge, 2019.

NÁJERA, Maria Cortés. Totalitarismos. **Con-Ciencia Boletín Científico de la Escuela Preparatoria n. 3**, v. 9, n. 17, 2022.

ORWELL, George. **O que é Fascismo?** E outros ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

PACKARD, Jerrold Michael. **The Europeans neutrals in World War II**. Portland State University, 1989.

PAYNE, Stanley. **La guerra civil española**. Londres: Ediciones Rialp, 2014.

PAZ, Fernando. **La neutralidad de Franco**. España durante los años inciertos de la Segunda Guerra Mundial (1939-1943). Madrid: Ediciones Encuentro, 2017.

PEREZ GARCIA, Rafael. **Franquismo y Tercer Reich**. Relaciones hispano-alemanas durante la Segunda Guerra Mundial. Ciudad de México: Centro de Estudios Constitucionales, 1994.

PETROPOULOS, Jonathan. Co-Opting Nazi Germany: Neutrality in Europe During World War II. **Dimensions**, v. 11, n. 1, 1º jan. 1997.

RIBEIRO JÚNIOR, João. **O que é Nazismo**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

RODRÍGUEZ, Manuel Martín. La economía española en la Segunda Guerra Mundial. **Revista de Libros**, 5 dez. 2016.

RUTAN, Gerard F. **Factors affecting the German decision not to invade the Iberian Peninsula**, 1940-1945. Graduate Student Theses, Dissertations, & Professional Papers, University of Montana, 1958.

SCHILLING, Voltaire. **O Nazismo: Breve História Ilustrada**. Porto Alegre: Editora UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1988.

SZKLARZ, Eduardo. **Nazismo** - como ele pôde acontecer. São Paulo: Abril, 2014.

THALASSA, Ângela. Correio Paulistano: o primeiro diário de São Paulo e a cobertura da semana de arte moderna - O jornal que “não ladra, não cacareja e não morde”. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

THOMAS, Hugh. **The Spanish Civil War**. Londres: Eyre & Spottiswoode 1962.

VIEIRA, Lucas Schuab. **A imprensa como fonte para a pesquisa em História: teoria e método**. BOOC - Academic Book of the Future, 2013.

## **FONTES**

### **Jornais:**

CORREIO PAULISTANO. São Paulo, 16 jun. 1940.

CORREIO PAULISTANO. São Paulo, 1º nov. 1941.

CORREIO PAULISTANO. São Paulo, 18 nov. 1942.

CORREIO PAULISTANO. São Paulo, 20 nov. 1942.

CORREIO PAULISTANO. São Paulo, 26 nov. 1942.

CORREIO PAULISTANO. São Paulo, 10 dez. 1942.

CORREIO PAULISTANO. São Paulo, 5 fev. 1944.

CORREIO PAULISTANO. São Paulo, 4 jul. 1945.

CORREIO PAULISTANO. São Paulo, 23 set. 1947.

CORREIO PAULISTANO. São Paulo, 20 dez. 1947.

EL CONSTITUCIONAL. Correo general de Madrid. Madrid, 18 mar. 1821.

LA ARMONIA, 29 abr. 1871, p. 4.

### **Correspondências/Comunicações:**

The Spanish Government and the Axis: No. 1. Memorandum by the German Ambassador in Madrid. 8 ago. 1940. Lillian Goldman Law Library, Yale Law School. Disponível em: <<https://avalon.law.yale.edu/wwii/sp02.asp>>.

The Spanish Government and the Axis: No. 2. Letter From General Franco to Mussolini. 15 ago. 1940. Lillian Goldman Law Library, Yale Law School. Disponível em: <<https://avalon.law.yale.edu/wwii/sp03.asp>>.

The Spanish Government and the Axis: No. 3. Letter From Mussolini to General Franco. 25 ago. 1940. Lillian Goldman Law Library, Yale Law School. Disponível em: <<https://avalon.law.yale.edu/wwii/sp04.asp>>.

The Spanish Government and the Axis: No. 4. Notes of a Conversation Between the Fuehrer and the Spanish Minister of the Interior Serrano Suñer in the Presence of the Reichs Foreign Minister in Berlin on September 17, 1940. 17 set. 1940. Lillian Goldman Law Library, Yale Law School. Disponível em: <<https://avalon.law.yale.edu/wwii/sp05.asp>>.

The Spanish Government and the Axis: No. 5. Letter From Generalissimo Franco to Hitler. 22 set. 1940. Lillian Goldman Law Library, Yale Law School. Disponível em: <<https://avalon.law.yale.edu/wwii/sp06.asp>>.

The Spanish Government and the Axis: No. 15. Notes on Conversation Between General Franco and Ambassador Dieckhoff. 15 dez. 1943. Lillian Goldman Law Library, Yale Law School. Disponível em: <<https://avalon.law.yale.edu/wwii/sp16.asp>>.

## ANEXOS

### ANEXO 1 - CARTAS E COMUNICAÇÕES ENTRE OS CHEFES DE ESTADO E MINISTROS

→ ***Notas da conversação entre o fuhrer e o ministro do interior espanhol Serrano Suñer na presença do ministro estrangeiro em Berlim em 17 de Setembro de 1940***<sup>15</sup>

*Como preliminar, Serrano Suñer entregou uma mensagem curta e voluntária do Generalíssimo Franco, na qual este último expressou ao Führer sua gratidão, simpatia e alta estima, e enfatizou a ele sua lealdade de ontem, de hoje e para sempre. Franco o havia encomendado para fazer um contato direto com o Governo alemão neste momento decisivo. Como ele já havia informado o Ministro das Relações Exteriores do Reich dos desejos espanhóis, ele não queria, no momento, voltar a isso, mas apenas queria enfatizar que a atitude espanhola em relação à Alemanha não tinha mudado no mínimo. Não se tratava de uma revisão da política externa espanhola, mas apenas de um esclarecimento das condições sob as quais a Espanha estava pronta para lutar a guerra em conjunto com a Alemanha. Sempre que o suprimento de alimentos e material de guerra da Espanha era seguro, ela podia entrar imediatamente na guerra. Em relação ao material de guerra, Suñer declarou que os detalhes dos desejos espanhóis tinham sido transmitidos ao Almirante Canaris e Suñer, exigindo o desejo de colocar artilharia à sua disposição especificando que os espanhóis consideravam dez armas de 38 centímetros necessárias para Gibraltar.*

*O Führer respondeu que o povo alemão não tinha esquecido a posição que a Espanha havia tomado na Guerra Mundial e que este sentimento de apreciação tinha sido a causa mais profunda para a conduta alemã durante a Guerra Civil. Agora a Alemanha estava na luta decisiva contra a Inglaterra. Continentalmente, essa luta já estava decidida. Um desembarque britânico no continente seria caracterizado como uma quimera absoluta. A única possibilidade militar ainda existente foi uma tentativa*

---

<sup>15</sup> The Spanish Government and the Axis: No. 4. Notes of a Conversation Between the Fuehrer and the Spanish Minister of the Interior Serrano Suñer in the Presence of the Reichs Foreign Minister in Berlin on September 17, 1940. 17 set. 1940. (tradução livre) Lillian Goldman Law Library, Yale Law School. Disponível em: <<https://avalon.law.yale.edu/wwii/sp05.asp>>.

*da Inglaterra de alienar as colônias francesas no norte da África do governo Petain e usá-las como uma nova posição para a continuação da guerra. Além disso, a Inglaterra não teve mais oportunidades para penetração no continente europeu, da Noruega à Espanha e Portugal.*

*Nesse sentido, Suñer apontou para o medo espanhol em relação a um desembarque inglês na costa cantabrian e, a este respeito, mencionou que elementos comunistas na população das Astúrias tornariam a situação muito complicada no caso de tal tentativa de desembarque. O Führer respondeu que ele poderia colocar a mente de Suñer em repouso a este respeito com base em experiências de desembarque com desembarques na Noruega onde de fato toda a população estava do lado dos ingleses, e este último, apesar disso, não poderia alcançar nenhum sucesso.*

*Na Noruega também foi demonstrado que a artilharia costeira não era adequada para repelir um ataque, mas sim que a defesa aérea trouxe os resultados mais favoráveis. Se um grupo de Stukas e um grupo de aviões de perseguição pesadas foram disponibilizados para a conquista de Gibraltar, então, dentro de oito dias, nenhuma nave inimiga se atreveria a se aventurar nessas áreas espanholas num raio de 350 quilômetros para as bombas pesadas de 1.800 kg que essas máquinas carregavam talvez não pudesse destruir completamente um navio, mas com um impacto direto o tornaria tão incapaz de lutar que um reparo de vários meses seria necessário. Os ingleses, no entanto, não gostariam de correr tal risco. Na Noruega, no entanto, nós forçamos os ingleses a recuar apenas através do uso de Stukas.*

*Quando Serrano Suñer, por sua vez, apontou novamente para a grande força da fortaleza de Gibraltar, o Führer respondeu que um ataque com artilharia pesada contra um estabelecimento desse tipo não seria tão eficaz quanto seria uma operação com as armas especiais usadas para sobrecarregar a Linha Maginot. Bombas aéreas pesadas tiveram um efeito muitas vezes tão grande quanto a artilharia mais pesada e mesmo as obras da Linha Maginot não podiam ficar sob ela, desde que estruturas blindadas que, de acordo com a experiência da Guerra Mundial, poderiam suportar a artilharia mais pesada, foram aniquiladas por 1.000, 1.400 e 1.800 kg de bombas aéreas em dez minutos. Mesmo quando não houve impacto direto, o efeito de concussão de uma bomba de 1.000 kg foi em si mesmo tremendo. Portanto, o fator decisivo para a conquista e posterior defesa de Gibraltar é a garantia da supremacia absoluta do ar.*

*Para ter certeza, tínhamos montado artilharia pesada na costa do Canal; no entanto, destinava-se apenas a um tempo muito ruim quando a penetração por ataques aéreos sobre as posições inimigas estava completamente fora de questão. Além disso, a instalação de armas de 38 centímetros dura vários meses. Já em meados de julho tínhamos instalado as baterias erguidas nas proximidades de Calais.*

*A superioridade dos Stukas em comparação com a artilharia pesada é mostrada pelas seguintes figuras: Uma grande arma de cano longo poderia disparar 200 balas sem reparo, enquanto um esquadrão Stuka de 36 máquinas em uso três vezes por dia poderia lançar 120 bombas de 1.000 kg cada, cada uma das quais continha a quantidade apropriada de explosivos de alta potência, enquanto um projétil de 38 centímetros continha apenas 70 a 75 kg de explosivos.*

*Foi uma coisa certa que não se poderia resistir ao ataque de um grupo de bombardeio de junkers 88 e que, na aproximação deste temido oponente, a frota inglesa imediatamente se afastaria de Gibraltar e de toda a vizinhança.*

*O Führer declarou ainda que não seria possível fornecer armas de 38 centímetros para Gibraltar. Mesmo o transporte envolveria dificuldades extraordinárias, e a instalação exigiria de três a quatro meses. A Alemanha poderia, no entanto, disponibilizar artilharia especial para o compromisso de Gibraltar. Além disso, ficou claro que a Alemanha faria tudo ao seu alcance para ajudar a Espanha. Pela primeira vez, a Espanha entrou na guerra, a Alemanha teria todo o interesse em seu sucesso, uma vez que de fato uma vitória espanhola seria alemã ao mesmo tempo.*

*No compromisso de Gibraltar, seria principalmente uma questão de tomar a fortaleza em si com uma velocidade extraordinária e proteger o Estreito.*

*Serrano Suñer agradeceu ao Führer e ressaltou que nas discussões anteriores que ocorreram sobre este assunto entre especialistas militares alemães, entre outros, o General von Richthofen, e o Almirante Canaris, e o General Franco, as intenções alemãs não tinham claramente vindo à tona, na verdade, muito pelo contrário, uma certa confusão havia surgido. Por causa das declarações do Führer, as possibilidades militares apareceram de uma forma totalmente nova. Ele estava perguntando ao Führer se ele estava pronto para colocar por escrito as opiniões apenas expressas para que ele pudesse transmiti-los ao General Franco em seu retorno.*

O Führer prometeu isso e enfatizou que a questão da captura de Gibraltar já havia sido estudada com precisão pelos alemães. Por exemplo, uma comissão de oficiais alemães da linha de frente que tinha tido um papel de liderança na conquista de importantes fortificações francesas e belgas, como o Forte Eben Emael e a Linha Maginot, tinha ido à Espanha a fim de examinar a questão no local. Com base nas impressões desta comissão, bem como das particularidades sobre a condição de Gibraltar que a Alemanha possuía de tempos anteriores ou obtida recentemente através do Almirante Canaris, chegaram à conclusão de que Gibraltar poderia ser conquistado por um ataque moderno com meios relativamente modestos. Era uma questão de métodos que a Alemanha já tinha usado com tanto sucesso no ocidente. Gibraltar era definitivamente menos capaz de resistência do que as fortificações no oeste. (Casemated) [2] as armas poderiam ser silenciadas mais facilmente do que o acaso as armas da Linha Maginot que foram instaladas em cúpulas blindadas, e a artilharia exposta de Gibraltar poderia ser sobrecarregada ainda mais facilmente. A cooperação militar da Alemanha na guerra espanhola consistiria em:

1. imediata expulsão dos navios inimigos do Estreito, e
2. disponibilizando uma pequena tropa de especialistas com armas especiais pelas quais Gibraltar poderia ser rapidamente sobrecarregado sem grande sacrifício de sangue. Isso seria uma questão de uma pequena tropa especial selecionada de engenheiros de assalto equipados com armas especiais de destruição de armaduras, os chamados "Scharten" ou "Crackers Pillbox". Assim que Gibraltar caísse, o problema do Mediterrâneo seria resolvido, e nenhum perigo sério do Marrocos francês poderia mais ameaçar.

No curso da conversa, Serrano Suñerer, da mesma forma que em sua conferência com o Ministro das Relações Exteriores do Reichs, criticou novamente alguns diplomatas espanhóis. Em Berlim, a Espanha tinha sido, infelizmente, representada por um embaixador muito velho e muito liberal, mas os Falange não tinham sido capazes de construir as forças jovens necessárias rápido o suficiente para preencher os cargos importantes na política externa com as pessoas certas. O Führer respondeu que tinha grande apreço por essa dificuldade para a Alemanha também em certos casos em 1934 ainda tinha representantes no exterior com o espírito de 1932.

*Suñer aproveitou esta observação e disse que a Alemanha de fato nem sempre foi bem representada em Salamanca também. Às vezes era uma questão de alemães que, com certeza, falavam espanhol porque tinham vivido anteriormente na América do Sul, mas que não tinham ideia dos problemas espanhóis reais e da esfera espiritual espanhola.*

*No curso da conversa, Serrano Suñer chegou a falar sobre Marrocos, e justificou as reivindicações espanholas para isso de uma maneira semelhante à da conversa com o Ministro das Relações Exteriores do Reichs. Ele caracterizou Marrocos como Lebensraum da Espanha e como seu objetivo de expansão natural. Por razões de fortalecimento interno do regime e da segurança externa, a Espanha estava levantando as demandas territoriais conhecidas.*

*O Führer concordou com ele no último ponto com a observação de que muitas dificuldades domésticas que a Espanha no momento talvez ainda tivesse que enfrentar poderiam ser rapidamente e facilmente superadas por sucessos com a política externa. Foi uma experiência histórica antiga. Além disso, era uma questão de duas perguntas:*

- 1. do problema da guerra, que essencialmente era uma questão militar, e*
- 2. da configuração futura das relações na Europa e África.*

*Aqui, a Alemanha, por um lado, tinha interesses econômicos - ela queria comprar matérias-primas e vender produtos manufaturados acabados - e, por outro lado, havia o problema da segurança para seu futuro africano na África Central. Sob (certas) condições, um grande perigo poderia ameaçar suas posses lá e até mesmo toda a Nova Ordem também. Não estava fora de questão que a Inglaterra e a França tentassem atrair a América aos Açores e, nestes esforços, encontrar apoio em certas tendências imperialistas da América que agora vêm à tona. Assim, a Inglaterra poderia ganhar uma posição nas ilhas que se estendem em frente à África- pelo qual, com o tempo, surgiria uma situação muito desagradável. Pois o continente dependeria desse poder que manteve as ilhas delineadas ocupadas, especialmente se se tratava de um poder com superioridade naval. Agora, o controle dos mares não poderia ser exercido nem pela Itália! nem pela Alemanha, nem pela Espanha. Por isso, foi necessário, estabelecer pontos fortes defensivos nas ilhas em pouco tempo.*

*Para isso, Serrano Suñer comentou que a Alemanha havia vencido a guerra e poderia reivindicar a liderança na Nova Ordem. A defesa da área europeu-africana, no entanto, deve ocorrer no âmbito de uma aliança militar das três potências e de uma*

*política sábia. O Führer continuou explicando os interesses alemães. Era uma questão de:*

*Primeiro, tornar a área norte livre do bloqueio;*

*Segundo, criar segurança em direção ao leste para o perigo sempre ameaçado a partir do leste, e a Alemanha estava preenchendo um papel muito útil como o baluarte oriental para a Europa; e*

*Terceiro, para assegurar à Alemanha uma grande área colonial, que não era, no entanto, uma questão de área para assentamento, da qual ela possuía o suficiente no continente europeu, mas, em vez disso, puramente uma questão de colônias de matérias-primas.*

*Após uma duração de uma hora, a entrevista foi concluída.*

SCHMIDT

Ministro

19 de setembro de 1940.

→ **Carta do Generalíssimo Franco a Hitler em 22 de setembro de 1940** <sup>16</sup>

*Chefe de Estado*

*Generalíssimo das Forças Militares Nacionais*

*22 de setembro de 1940*

*MEU QUERIDO FUHRER*

*Recebi sua carta na qual me declarou suas opiniões e as do seu Estado-Maior em relação aos problemas com relação à Espanha que estão decorrentes da guerra, opiniões que, com exceção de pequenos detalhes, correspondem aos meus pensamentos e planos e aos dos meus Chefes de Estado. Devo agradecer-se a recepção cordial que você e seu povo prepararam para o meu enviado, ministro Serrano Suñer, que me relatou sobre sua conversa e sobre suas estimadas ideias, que satisfazem nossos desejos, e com as quais acreditamos estar em total concordância, como você verá a partir do conteúdo desta carta. Apesar do completo acordo com suas palavras "reconhecer as reivindicações espanholas a Marrocos com a única limitação de assegurar a Alemanha através de acordos comerciais favoráveis uma parte na matéria-prima desta área", há a certeza de um ponto em que eles são inconsistentes, ou seja, nos desejos de Herr von Ribbentrop, expressos na forma de uma proposta durante as conversas entre nossos Ministros, para a criação de um enclave para bases militares alemãs, ocupando ambos os dois portos da zona sul. Estes são, de acordo com nossa opinião, desnecessários em tempos de paz, e supérfluos em tempos de guerra, porque neste caso, você pode contar não apenas com esses portos, mas em todos eles que a Espanha possui, uma vez que nossa amizade deve ser selada firmemente para o futuro também. As vantagens que essas bases poderiam oferecer não contrariariam as dificuldades que esse tipo de enclave sempre produz nem os danos que causam às áreas envolvidas cuja saída para o mar constituem. Agradeço muito por sua ideia, apresentada ao Ministro Suñer, de me dar uma oportunidade de nos encontrarmos perto da fronteira espanhola, pois, além do meu desejo ansioso de recebê-lo pessoalmente, poderíamos ter uma troca mais completa e direta de ideias do que nossas comunicações atuais possibilitam. Gostaria, portanto, de dizer a vocês minha opinião sobre os pontos individuais de sua carta.*

---

<sup>16</sup> The Spanish Government and the Axis: No. 5. Letter From Generalissimo Franco to Hitler. 22 set. 1940. (tradução livre) Lillian Goldman Law Library, Yale Law School. Disponível em: <<https://avalon.law.yale.edu/wwii/sp06.asp>>.

1. *Em relação aos seus trens de pensamento estabelecidos no ponto um sobre os efeitos políticos e econômicos da luta atual, só posso dizer a vocês que concordei desde o primeiro dia com sua opinião expressa lá. Só nosso isolamento e a falta de recursos mais indispensáveis para nossa existência nacional tornaram nossa operação impossível.*

*Estou de acordo com vocês de que a saída dos ingleses do Mar Mediterrâneo melhorará a condição dos nossos transportes, embora seja evidente que nem todas as questões sobre o abastecimento da Espanha serão resolvidas, uma vez que existem muitos produtos e matérias-primas que a Espanha não tem, e que não devem ser encontrados na bacia do Mediterrâneo.*

2. *Eu também sou, da opinião de que o primeiro ato em nosso ataque deve consistir na ocupação de Gibraltar. Nesse sentido, nossa política militar no Estreito desde 1936 tem sido dirigida antecipando as intenções inglesas de expandir e proteger suas bases.*

*Concordo com sua opinião de que é possível mirar no sucesso desta operação dentro de poucos dias pelo uso de equipamentos modernos e tropas experimentam. Nesse sentido, o equipamento que você me oferecer será de grande efeito.*

*De nossa parte, estamos preparando a operação em segredo há muito tempo, já que a área em que ela deve ocorrer não tem uma rede adequada de comunicações. Com relação às condições especiais da rocha, pontos de resistência podem suportar até mesmo a ação mais forte do ar, de modo que eles terão que ser destruídos por artilharia boa e precisa. A importância extraordinária do projeto justificaria, em minha opinião, uma forte concentração de recursos.*

3. *A queda de Gibraltar protegeria o Mediterrâneo ocidental, e excluiria qualquer perigo, exceto os perigos que poderiam surgir de passagem caso De Gaulle tivesse sucesso com seu plano de rebelião na Argélia e Túnis.*

*Uma concentração de nossas tropas em Marrocos evitará esse perigo.*

*A este respeito, seria adequado para a sua comissão de controle aumentar ao máximo as medidas de precaução.*

4. *Compartilho completamente sua opinião sobre a eficácia dos bombardeiros de mergulho para a defesa das costas, bem como sobre a real impossibilidade de estabelecer posicionamentos fixos de artilharia com material pesado nos pontos vulneráveis da costa. Evidentemente, um erro penetrou na transmissão do meu desejo, para o meu desejo não dizia respeito a armas estacionárias de grande calibre,*

*mas material móvel de cerca de 20 centímetros. Considero isso necessário para o futuro também e, de fato, em quantidades moderadas devido às condições do terreno que é montanhoso e irregular. A possibilidade de construção de aeroportos é, portanto, extraordinariamente limitada. Na maioria dos casos, estes ficarão longe da costa e dos objetos a serem defendidos. Além disso, deve-se contar com as limitações que necessariamente resultam das tempestades e chuvas que ocorrem com frequência lá. De qualquer forma, as fortes forças aéreas oferecidas por você são indispensáveis.*

*5. No momento, há pouca probabilidade de os ingleses empreenderem uma tentativa de aterrissagem na península. Mesmo que este seja o caso, nossos próprios recursos e aqueles que você me oferecer arruinaria rapidamente este plano.*

*6. A possibilidade de um ataque surpresa às Ilhas Canárias pelos ingleses, a fim de criar uma base naval para si mesmos para proteger conexões no exterior sempre foi uma preocupação minha. No âmbito de nossas possibilidades, estamos prestes a deixar de lado há suprimentos de alimentos, munições e material de artilharia suficiente que estamos recebendo de outras regiões menos ameaçadas; fizemos uma mobilização parcial há vários meses, e também enviamos armas para todo o arquipélago. Transferimos um grupo de pilotos de perseguição para lá que não teriam mais sido capazes de chegar lá uma vez que a guerra tivesse começado. Eu sou de sua opinião e considero a presença de bombardeiros de mergulho e aviões destruidores em Las Palmas extremamente útil, para o qual material de bomba e peças de reposição devem ser enviados com antecedência.*

*7. Obviamente, a liberdade de movimento no Mediterrâneo Ocidental depende dos sucessos italianos em Alexandria e Suez, pelos quais a destruição da frota inglesa nestas águas será possível. Nesse momento, grande parte do nosso problema de provisão seria resolvida.*

*8. Considero a oferta contida no seu Ponto 8 para o nosso empreendimento como extremamente útil e absolutamente necessária. Para a ajuda econômica que você me oferece com tal previsão e na medida mais alta possível para a Alemanha é tão importante quanto o equipamento militar. De nossa parte, ofereço ajuda recíproca do mesmo tipo e na maior medida possível considerando nossas potencialidades.*

*Enquanto isso, considero meu dever salientar a vocês que, na minha opinião, as conversas até então conduzidas por nossos especialistas tomaram o curso das negociações mais de uma orientação puramente comercial. Tendo tratado a resolução*

*de assuntos antigos, querendo resolver os problemas econômicos e a troca de mercadorias no pós-guerra, eles se desviaram do assunto principal, que afeta ambas as partes igualmente e que encontrará sua solução completa nas declarações de sua carta, com as quais concordo plenamente.*

*Gostaria de agradecê-lo, caro Führer, mais uma vez pela oferta de solidariedade. Respondo com a garantia da minha adesão imutável e sincera a você pessoalmente, ao povo alemão e à causa pela qual luta. Espero, em defesa desta causa, poder renovar os velhos laços de camaradagem entre nossos exércitos.*

*Na expectativa de poder expressar isso pessoalmente, garanto-lhe meus sentimentos mais sinceros de amizade e eu o saúdo,*

*Teu,*

*F. FRANCO*

→ **Memorando do embaixador da Alemanha em Madri, em 8 de agosto de 1940**<sup>17</sup>

*ESTRITAMENTE SECRETO! BERLIM, 8 de agosto de 1940*

*Operação Gibraltar*

*Condições para a entrada da Espanha na guerra*

*De acordo com um memorando apresentado em junho deste ano pela Embaixada espanhola, o Governo espanhol declara-se pronto, sob certas condições, para desistir de sua posição como um Estado "não beligerante" e entrar na guerra ao lado da Alemanha e da Itália. O Ministro espanhol das Relações Exteriores, e também o Ministro do Interior, têm até os últimos dias repetidamente apontado esta oferta espanhola para mim, de modo que pode-se supor que a Espanha ainda hoje manterá sua promessa feita em Junho.*

*Como condições para a entrada na guerra, o governo espanhol cita o seguinte:*

*1. Cumprimento de um conjunto de demandas territoriais nacionais, Gibraltar, o Marrocos Francês, que parte da Argélia colonizada e predominantemente habitada pelos espanhóis (Oran), e ainda o alargamento do Rio de Oro e das colônias no Golfo da Guiné;*

*2. Disponibilizar assistência militar e outra necessária para continuar a guerra.*

*O memorando do Almirante Canaris aqui, fornece informações detalhadas sobre a extensão da assistência militar aparentemente necessária.*

*Além dessa assistência militar, no entanto, o apoio econômico da Espanha também será necessário. A isso pertencem, sobretudo, à entrega de gasolina e, no início do próximo ano, à entrega de grãos para o pão. De acordo com um recente pronunciamento do Ministro espanhol das Relações Exteriores (do terceiro deste mês) a Espanha, devido à sua escassez de gasolina, pode travar uma guerra sem a nossa ajuda 1 1 1/2 meses no máximo. Como diz respeito ao grão para o pão, o ministro acredita que a Espanha tem suprimentos suficientes até cerca de março do próximo ano. Considero esta última suposição como muito otimista, a menos que um racionamento rigoroso é realizado.*

---

<sup>17</sup> The Spanish Government and the Axis: No. 1. Memorandum by the German Ambassador in Madrid. 8 ago. 1940. (tradução livre) Lillian Goldman Law Library, Yale Law School. Disponível em: <<https://avalon.law.yale.edu/wwii/sp02.asp>>.

*Além dessa assistência necessária, no entanto, a Espanha, a partir da entrada na guerra, também será deixada exclusivamente aos recursos da ajuda alemã e italiana.*

#### *Vantagens da Operação*

*1. O efeito da declaração de guerra à Inglaterra por um novo país será muito forte na Inglaterra e em todo o mundo; O prestígio da Inglaterra e suas perspectivas de vitória receberão um novo golpe severo, enquanto o sucesso da operação- nosso prestígio será muito aumentado.*

*2. A Inglaterra não poderá mais continuar o comércio com a Espanha, assim, não receberá de lá mais minérios e, acima de tudo, não mais pirita.*

*3. Anulação dos direitos de propriedade ingleses em minas de minério e cobre, etc.*

*4. Uma vitoriosa execução da operação significará o controle do estreito*

#### *Perigos da Operação para a Espanha*

*1. Seria possível que a Inglaterra, depois de tomar conhecimento dos preparativos de guerra da Espanha, vencesse a Espanha e começasse as operações de guerra.*

*2. Para este fim, ela poderia tentar estender o território de Gibraltar, a fim de dificultar o ataque a Gibraltar. A Inglaterra poderia ocupar ainda mais as Ilhas Canárias, Tânger e as colônias espanholas, operações que, sem dúvida, resultarão pelo menos em parte após o início da guerra. A Espanha até considera as Ilhas Baleares ameaçadas.*

*3. Um rompimento entre Espanha e Inglaterra pode ter consequências para Portugal. Os ingleses poderiam ocupar Lisboa e Lagos ou outros lugares em Portugal para que a Espanha tivesse uma frente de terra. No caso de uma ocupação dos portos portugueses, Diz-se que Salazar naturalmente manteve aos espanhóis a perspectiva de contramedidas militares, e ter declarado-se acordado com uma entrada espanhola para prestar assistência contra a Inglaterra.*

*4. O início da guerra entre Espanha e Inglaterra pode trazer eventos à tona no norte da África, especialmente marrocos, onde a situação é muito tensa. A Espanha desconfia do General Residente Nogues, que diz estar olhando para os ingleses. Portanto, uma operação cooperativa inglês-franco-marroquina contra a zona espanhola e Tânger seria possível.*

5. Devido à debilitação resultante da Guerra Civil, a Espanha é economicamente incapaz de realizar até o fim de uma guerra que dura mais de alguns meses, se ela não receber ajuda econômica dos bairros alemão e italiano. Além da gasolina, isso, como mencionado acima, é verdade de grãos para o pão também

6. Como resultado de uma intensificação da grave situação econômica e eventual fome e como resultado de retrocessos políticos e militares (perda de ilhas, das colônias) tumultos domésticos poderiam resultar. Este perigo eu não considero tão grave no início, uma vez que o Exército está intacto. No entanto, se a guerra for de maior duração, a situação pode se tornar séria.

#### *Dificuldades e perigos para nós*

1. Para transportar o material de guerra necessário para a Espanha, apenas a linha ferroviária Bordeaux-Hendaye-(fronteira)-Irun-San Sebastián-Burgos e assim por diante e a estrada paralela estão disponíveis. Dentro da área de fronteira ocupada por nossas tropas há apenas uma outra passagem sobre os Pirineus, ou seja, em St. Jean Pied de Porc. De acordo com informações do General da Infantaria von Ambos em Biarritz, apenas carros de passeio e caminhões leves podem viajar nesta estrada por causa de suas estreitas curvas. O transporte de todo o material de guerra deve, portanto, percorrer a costa onde por longos trechos, entre Bayonne e San Sebastian, a ferrovia e a estrada podem ser observadas e disparadas do mar. Existe uma outra dificuldade no fato de que a ferrovia espanhola tem uma gagem diferente dos franceses para que os recarregamentos sejam necessários e equipamentos como armas ferroviárias não possam ser transportados. Artilharia pesada e outras [artilharia] estão, portanto, confinadas exclusivamente às estradas.

2. As reivindicações sobre a Alemanha para entregar armas e fornecer tropas especiais devem atender sem objeções. Por outro lado, se a guerra for de maior duração, a assistência econômica solicitada por nós poderia representar um grande fardo (especialmente no que diz respeito à nutrição).

*Se a operação for realizada, é em qualquer caso necessário:*

*Para que os preparativos avancem da forma mais camuflada possível, para disponibilizar na Espanha suprimentos de gasolina e material de guerra (munição, bombas) que podem ser transportados discretamente por ferrovia e caminhão, e, não até o último momento, para trazer as armas pesadas recolhidas no sul da França através da fronteira por trânsito rápido e para as colocações preparadas, e, não até o último momento, para trazer as armas pesadas coletadas no sul da França através da*

*fronteira por trânsito rápido e para as colocações preparadas , enquanto o braço de ar é absolutamente não fazer sua aparição até que a operação começa a sério.*

*O momento para iniciar os preparativos e a operação em si deve ser ajustado ao desenvolvimento esperado das coisas na própria Inglaterra, a fim de evitar uma entrada muito cedo da Espanha na guerra, ou seja, um período de guerra insuportável para a Espanha, e assim, sob certas circunstâncias, o início de uma fonte de perigo para nós. (STOHRER)*

→ **Notas da conversa entre o general Franco e o embaixador Dieckhoff em 15 de dezembro de 1943**<sup>18</sup>

*BERLIM, 15 de dezembro de 1943*

*A conferência com o Chefe de Estado espanhol, que ocorreu na sexta-feira, 3 de dezembro, no Palácio pardo, na presença do Ministro das Relações Exteriores, Conde Jordana, e durou pouco mais de uma hora, tomou o seguinte curso:*

*Expliquei ao Chefe de Estado que estava em Madri há mais de sete meses e tentei garantir para mim um quadro da política externa espanhola. Eu tinha a sensação, e o Governo do Reich estava com a mesma impressão de que a política externa da Espanha estava recentemente começando a mudar. Observamos em várias esferas uma atitude pouco positiva do Governo espanhol em relação à Alemanha e tivemos especialmente a sensação de que essa mudança na atitude espanhola deveria ser traçada para a pressão inglesa e americana. Eu só poderia apontar com a maior ênfase - e eu estava falando sobre a ordem do meu Governo que estava tendo um interesse muito sério nestes assuntos - para o fato de que seria uma política muito perigosa para a Espanha fazer concessão após concessão aos ingleses e americanos; Espanha, assim, encontrar-se-ia na baixa qualidade, e ela se tornaria cada vez mais dependente das potências anglo-saxãs. Apenas uma política completamente firme e estável que não fez concessões foi adequada e garantiu que os ingleses e americanos se absteriam permanentemente de novas pressões; seria um erro fatal se o Governo espanhol acreditasse que poderia mudar seu curso com concessões supostamente leves; os anglo-saxões aproveitariam não só o dedinho, mas a mão e todo o braço e atrairiam a Espanha cada vez mais profundamente em uma relação de dependência. Eu certamente não poderia acreditar que esta era a intenção do Governo espanhol para o Chefe de Estado deve certamente ser clara sobre o fato de que as políticas dos ingleses e dos americanos - como sempre foram - estavam interessadas apenas em uma Espanha fraca, em contraste com a política alemã, que sempre teve a intenção de uma Espanha nacional forte. Mencionei em detalhes os pontos aos quais nos opusemos especialmente (concessão do Governo espanhol na questão da passagem de fugitivos franceses pela Espanha para o norte*

---

<sup>18</sup> The Spanish Government and the Axis: No. 15. Notes on Conversation Between General Franco and Ambassador Dieckhoff, 15 dez. 1943. (tradução livre) Lillian Goldman Law Library, Yale Law School. Disponível em: <<https://avalon.law.yale.edu/wwii/sp16.asp>>.

*da África, conduta compatível do Governo espanhol na questão dos navios mercantes italianos em portos espanhóis, internação injustificada de várias tripulações alemãs de submarinos, retirada da Divisão Azul, ação contra navios alemães em Vigo e nas Ilhas Canárias, e assim por diante). Eu disse ao Caudillo que eu considerava meu dever colocar diante dele em toda sinceridade todos esses fatos do caso resumidos, como eu já tinha feito muitas vezes com o Conde Jordana, e que eu estava pedindo a ele (Caudillo) para me dizer como ele estava sobre esses assuntos.*

*O Chefe de Estado me ouviu com seriedade e calma e depois declarou o seguinte: Ele gostaria de enfatizar imediatamente que não havia dúvida sobre a mudança da política externa espanhola. Ele sabia certamente que a política alemã estava perseguindo o objetivo de fortalecer a Espanha, enquanto as políticas inglesa e americana tradicionalmente visavam enfraquecer a Espanha. Além disso, ele sabia com certeza e estava claramente consciente do fato de que apenas a vitória da Alemanha tornaria possível a continuidade da existência do regime de Franco; uma vitória dos anglo-saxões, apesar de todas as declarações pacificadoras que seriam feitas a ele de tempos em tempos a este respeito pelo lado inglês e americano, significaria sua própria aniquilação. Ele, portanto, esperava com todo o seu coração a vitória da Alemanha e ele tinha apenas um desejo de que esta vitória viria o mais rápido possível. Entretanto, ele estava em uma posição difícil. Seu país só agora estava se recuperando lentamente dos efeitos da Guerra Civil, e só poderia se recuperar se importasse gasolina e algodão do exterior, produtos que ele só poderia receber dos americanos e apenas com navicerts ingleses. Os anglo-saxões estavam prontos para entregar essas coisas a ele e estavam entregando até certo ponto, eles exigiam em troca, no entanto, que a Espanha assumisse não uma atitude pró-Eixo muito aberta e que questões que eram indiscutivelmente Não-neutrais, deveriam ser descontinuadas. Esta foi a razão pela qual o Governo espanhol recentemente permitiu algumas modificações. O Caudillo assumiu esses pontos em detalhes. Ele disse sobre o assunto da Divisão Azul que recentemente se tornou mais difícil mobilizar voluntários espanhóis para esta unidade e que por essa razão sozinhos eles tiveram que começar uma conversão da Divisão em uma Legião mais fraca. Os anglo-saxões não apresentaram nenhum ultimato em relação à retirada da Divisão Azul, mas ele tinha que esperar que eles mais cedo ou mais tarde apresentariam um ultimato para a retirada, pelo qual o Governo espanhol se encontraria em uma posição muito difícil; por essa razão, ele preferiu antecipar tal ultimato e solicitar ao Governo do Reich a*

*retirada da Divisão. Ele enfatizou, no entanto, que a atitude do Governo espanhol contra o bolchevismo e o comunismo não seria, portanto, alterada de forma alguma; e que em casa, bem como no exterior, essa luta continuava, assim como contra o judaísmo e a maçonaria. No que diz respeito à passagem de refugiados franceses pela Espanha para o norte da África, este foi um problema que há muito tempo vem causando aborrecimento e inconvenientes ao governo espanhol. Era uma questão de milhares de pessoas, quase todas elas elementos ruins e indesejáveis, que de alguma forma conseguiram entrar na Espanha através da fronteira dos Pirineus, e que não poderiam ser entregues às autoridades alemãs, uma vez que isso provocaria um clamor terrível por parte dos anglo-saxões, e que, portanto, devem ser retidos na Espanha ou empurrados para fora sobre as outras fronteiras. A retenção dessas pessoas significava não apenas um grande fardo financeiro, mas também um certo perigo político interno, uma vez que era uma questão predominantemente comunista riff-raff. Ele tinha, portanto, concedido sua permissão para que grande parte dessas pessoas fossem transportadas para o norte da África. Para minha objeção de que isso era realmente uma questão de um claro favorecimento do inimigo, que estava colocando esses homens em uniforme e, em seguida, tê-los lutar contra a Alemanha, o Caudillo respondeu dizendo que isso não era para ser temido, uma vez que era uma questão de pessoas tão inferiores e tão inúteis de lutar, que realmente tinha fugido da França apenas para evitar o trabalho, e que sua entrada no exército de De Gaulle significaria que nenhum fortalecimento do poder de combate inimigo vale a pena mencionar. Além disso, ele havia orientado que os transportes cessassem a partir de agora. No que diz respeito aos navios italianos em portos espanhóis, o Caudillo enfatizou que os navios de guerra foram internados e permaneceriam internados; as tripulações dos navios de guerra seriam transportadas para campos espanhóis. No que diz respeito aos navios mercantes, a questão legal não era muito clara. Em dois casos, eles não tinham sido capazes de evitar deixar os navios colocados no mar a pedido do Embaixador Badoglio. Os outros casos ainda estavam sendo investigados, e era provável que a maioria, se não todos, dos navios fossem retidos na Espanha. Nesse sentido, era muito importante que o governo mussolini ordenasse um representante à Espanha o mais rápido possível, para assumir essas questões, embora anteriormente os pontos de vista do governo Mussolini já tivessem sido representados pelos próprios interesses marítimos italianos e pela Embaixada alemã. Quanto à questão do reconhecimento do governo Mussolini, o Caudillo enfatizou-*

*assim como anteriormente na conferência de 5 de outubro - o Governo espanhol estava pronto para receber um representante não oficial. Sobre a questão das tripulações de submarinos, o Caudillo foi da opinião de que neste ponto os ingleses tinham sido extraordinariamente afiados em insistir que essas tripulações fossem internadas. A situação, de acordo com o direito internacional contrário às afirmações alemãs, não havia sido totalmente esclarecida sem objeção, e o Governo espanhol considerou, portanto, mais sábio proclamar, por enquanto, a internação. Ele poderia assegurar-me, no entanto, que as equipes seriam libertadas gradualmente, como já havia acontecido em casos anteriores; e, além disso, o oficial mais importante, tenente-comandante Brandi, o portador das Folhas de Carvalho, tinha, com o consentimento do governo espanhol, imediatamente foi solto da Espanha. Com relação à atitude da imprensa espanhola, o Chefe de Estado disse que ele estava de fato sendo mantido um pouco mais objetivo e um pouco mais neutro para evitar protestos dos lados inglês e americano, mas que, no entanto, ainda era predominantemente apreciativo da Alemanha e simpatizante com a Alemanha, e que, sem dúvida, foi muito melhor do que qualquer outra imprensa neutra, como a turca, sueca, suíça, portuguesa ou argentina. Mesmo com relação a isso, apenas uma linha de imprensa um pouco mais cautelosa resultou em evitar conflitos, o Governo espanhol não estava, no entanto, pensando em permitir aos anglo-saxões uma incursão na imprensa, tão pouco quanto ela estava pensando em permitir-lhes uma incursão na política externa espanhola.*

*Resumindo, o Caudillo disse acreditar que esta política cautelosa da Espanha não era apenas do interesse da Espanha, mas também do interesse da Alemanha. Se, por causa de um artigo de jornal ou por qualquer outra das razões mencionadas acima, um grave conflito com as potências anglo-saxãs resultaria, isso, em sua opinião, não seria, em sua opinião, no momento desejável para a Alemanha também; uma Espanha neutra que estava fornecendo a Alemanha com volfrâmio e outros produtos era, em sua opinião, mais valiosa para a Alemanha no presente do que uma Espanha que seria arrastada para a guerra. É claro que a Espanha não iria além das concessões relativamente triviais mencionadas acima. As exigências feitas sobre os portugueses pelo lado inglês não seriam aceitas pelos espanhóis. Em um caso deste tipo, a Espanha lutaria. É claro que a Espanha não só era economicamente muito dependente, mas também era militarmente bastante fraca. Ela tinha, de fato, um bom exército com bravos soldados e bons oficiais, mas ela não tinha armas suficientes à*

*sua disposição; especialmente faltavam armas pesadas e aviões. Se a Espanha tivesse um armamento mais forte, os anglo-saxões procederia menos presunçosamente; também a Espanha seria capaz de fortalecer Portugal, com quem estava em termos muito amigáveis, contra a pressão inglesa ainda mais do que isso até então era possível. O Caudillo solicitou, portanto, com urgência que, se possível, enviasse mais armas do que já tínhamos enviado e mais do que tínhamos em mente. O Chefe de Estado concluiu a conversa de forma muito cordial, enfatizando novamente sua esperança pela vitória alemã e sua amizade pela Alemanha e me pediu calorosamente para cumprimentar o Führer cordialmente em seu nome. De interesse foi o fato de que o Chefe de Estado, em relação à menção à situação portuguesa, observou que Salazar, em sua conferência com a Jordânia, pouco antes da conclusão do acordo dos Açores, havia enfatizado o fato de estar em uma posição muito difícil e ter de ceder; não só os ingleses estavam exercendo pressões muito fortes, mas a sua própria posição, a de Salazar, estava sendo enfraquecida pelo fato de que o General Carmona, bem como metade do exército estava tomando uma posição diferente do que ele mesmo.*

*DIECKHOFF*

→ **Carta do General Franco a Mussolini em 15 de agosto de 1940** <sup>19</sup>

*Chefe de Estado e Generalíssimo do Exército Espanhol*

*MADRID, 15 de agosto de 1940*

*QUERIDO DUCE:*

*Desde o início do presente conflito, tem sido nossa intenção fazer os maiores esforços em nossos preparativos, a fim de entrar na guerra externa em uma oportunidade favorável em proporção aos meios à nossa disposição, uma vez que a falta das disposições mais vitais e a interrupção das comunicações com a Itália e a Alemanha dificultaram todas as operações no momento.*

*As vitórias rápidas e devastadoras na Flandres alteraram a situação; a derrota da França libertou nossas fronteiras, diminuindo a grave tensão que nós, juntamente com nossos marroquinos, temos tido desde nossa Guerra Civil.*

*A partir deste momento, nosso horizonte ficou mais brilhante, nossa operação se tornou possível e poderia se tornar muito eficaz, uma vez que as dificuldades de provisionamento foram removidas*

*Desta forma, após a entrada de sua Nação na guerra, tivemos que tomar uma posição mais clara, uma de alerta, mudando para uma de não beligerância, que, no campo das relações exteriores, não poderia deixar de ter grandes repercussões. Isso despertou o ciúme e a oposição, e desencadeou uma ofensiva anglo-americana contra o nosso provisionamento, agravada nos dias de hoje pelas novas medidas tomadas pelos Estados Unidos contra nossas exportações, e pelas medidas de bloqueio inglesas, causando grave tensão em nossas relações com esses países.*

*As consequências, que a conquista da França é ter para a reorganização dos territórios norte-africanos tornaram aconselhável para mim, agora que chegou a hora de acusar meu Embaixador em Roma de transmitir a Vossa Excelência as aspirações e reivindicações espanholas tradicionalmente mantidas ao longo de nossa história na política externa da Espanha, hoje mais vivo do que nunca em nossa consciência; aos territórios, cuja atual administração é uma consequência dessa política franco-inglesa de dominação e exploração, da qual a Itália também carrega tantas cicatrizes. Às aspirações legítimas espanholas são adicionadas, neste caso, os requisitos de*

---

<sup>19</sup> The Spanish Government and the Axis: No. 2. Letter From General Franco to Mussolini. 15 ago. 1940. (tradução livre) Lillian Goldman Law Library, Yale Law School. Disponível em: <<https://avalon.law.yale.edu/wwii/sp03.asp>>.

*segurança que exigem a eliminação de uma fronteira fraca e pouco protegida, e a asseguaração de nossas comunicações com o grupo da Ilha Canária.*

*Desta forma, a Espanha, além da contribuição que ela deu ao estabelecimento da Nova Ordem, através de nossos anos de luta dura, oferece outra na preparação para tomar seu lugar na luta contra os inimigos comuns.*

*Nesse sentido, pedimos à Alemanha as necessidades de ação, enquanto avançamos nos preparativos e fazemos todos os esforços para melhorar a situação de provisionamento na medida do possível.*

*Por todas essas razões, você entenderá a urgência em escrevê-lo, pedir sua solidariedade nessas aspirações para a conquista de nossa segurança e grandeza, enquanto eu, ao mesmo tempo, garanto-lhe nosso apoio incondicional à sua expansão e ao seu futuro.*

*Com minha maior admiração pelos bravos camaradas italianos que lutam tão gloriosamente, envio-lhe meus cumprimentos mais cordiais.*

*F. FRANCO*

*Para Sua Excelência*

*Señor BENITO MUSSOLINI*

*Chefe do governo italiano Itália*

→ **Carta de Mussolini ao General Franco em 25 de agosto de 1940** <sup>20</sup>

*O Chefe de Governo e Duce do Fascismo*

*ROMA, 25 de agosto de 1940*

*Ao Chefe do Governo Espanhol*

*Generalíssimo Dom FRANCISCO FRANCO BAHAMONDE*

*MADRID.*

*CARO FRANCO*

*Agradeço a carta que me enviou, e na qual esboça a posição da Espanha no estágio atual da guerra.*

*Gostaria de deixar claro para você imediatamente, que sua carta não me surpreendeu.*

*Desde o início da guerra tenho sido constantemente da opinião de que "sua" Espanha, a Espanha da Revolução Falange, não poderia permanecer neutra até o fim da guerra, mas no momento certo mudaria para a não-beligerância e, finalmente, para a intervenção.*

*Se isso não acontecer, a Espanha se afastaria da história europeia, especialmente a história do futuro, que as duas potências vitoriosas do Eixo determinarão.*

*Além disso, ela não teria justificativa moral para a solução de suas questões africanas, e, deixe-me dizer-lhe, uma revolução vitoriosa deve estabelecer-se objetivos extremos de um tipo internacional, tais objetivos, portanto, como pode, em um dado momento, exigir a total atenção e o esforço total de um povo.*

*Está claro para mim que a Espanha, depois de três anos de guerra civil, precisava de um longo período de recuperação, mas os eventos não permitirão, e sua condição econômica doméstica não vai piorar quando você mudar de não-beligerância para intervenção.*

*Gostaria de lhe dizer, caro Franco, que eu, com estas minhas considerações práticas, não desejo apressá-lo no mínimo na decisão que você tem que tomar, pois tenho certeza de que em suas decisões você prosseguirá com base na proteção dos*

---

<sup>20</sup> The Spanish Government and the Axis: No. 3. Letter From Mussolini to General Franco. 25 ago. 1940. (tradução livre) Lillian Goldman Law Library, Yale Law School. Disponível em: <<https://avalon.law.yale.edu/wwii/sp04.asp>>.

*interesses vitais do seu povo e estou tão certo de que você não deixará essa oportunidade passar de dar à Espanha, seu Lebensraum africano.*

*Não há dúvida de que, depois da França, a Grã-Bretanha será derrotada; o regime britânico existe apenas em um único elemento: a mentira.*

*Eu certamente não preciso dizer que você, em suas aspirações, pode contar com a total solidariedade da Itália fascista.*

*Peço-lhe, querido Franco, que aceite minhas saudações mais cordiais e camaradas.*

**MUSSOLINI**

ANEXO 2 - TRECHOS RETIRADOS DO JORNAL CORREIO PAULISTANO SOBRE  
A NEUTRALIDADE ESPANHOLA

→ **CORREIO PAULISTANO, 20 nov. 1942, p. 1**

*A ALEMANHA QUERIA BASES AERO-NAVAIS NA ESPANHA  
NOTÍCIAS DE ANKARA, ENTRETANTO, DIVULGAM QUE O GENERAL FRANCO  
NÃO CEDEU ÀS EXIGENCIAS DE HITLER- VÁRIAS  
LONDRES 19 (U.P.)*

*Informam de Ankara, que o generalíssimo Franco rejeitou as exigências da Alemanha  
no sentido de ceder bases aéreas e navais espanholas ao “eixo”*

*Os motivos que obrigaram à mobilização*

*LONDRES, 19 (R.) – da A.F.I*

*- A mobilização espanhola, que acaba de ser decidida pelo general Franco, para a  
“proteção da neutralidade da Espanha”, é considerada nos meios espanhóis como  
justificada desde há muito tempo, em vista da situação internacional.*

*A situação espanhola atualmente é a seguinte: a Espanha se mobiliza quando os  
aliados prometeram respeitar a sua neutralidade, ao passo que o chanceler Hitler não  
o fez. A conclusão é fácil de deduzir.*

*Por outro lado, é também muito significativa a escolha do general Yague, -antigo  
chefe, extremamente energético, da legião espanhola em Melilla e muito mal visto  
pelos falangistas germanófilos- para comandar as tropas do Marrocos, que se  
compõem de algumas divisões.*

*Na fronteira com a Catalunha, está reunida uma divisão blindada alemã e a Espanha  
corre o risco de ver efetuar-se uma marcha fulminante de “Panzer” em direção a  
Gibraltar.*

*Na ideia dos alemães, a operação coincidiria com o levante apoiado por sobre certos  
elementos da Falange para derrubar Franco e o general Jordana, considerados como  
muito favoráveis aos aliados. Os alemães não esquecem o afastamento do Sr.  
Serrano Suner, que passava por fazer a sua política e deve-se talvez esperar uma  
reação brutal do eixo.*

*O fato de que as ilhas baleares tivessem sido sobrevoadas por aviões desconhecidos, provavelmente do “eixo”, inquieta particularmente o governo espanhol, o qual receia que o “eixo” se sirva das bases Malorca e Minorca e da base de Pollensa.*

*A mobilização espanhola tem pois, um duplo fim: assegurar a defesa da neutralidade e deter uma tentativa revolucionária preparada por elementos favoráveis ao “eixo”.*

*A opinião do exército é fiel ao general Franco e há inúmeros generais que jamais ocultaram a sua desaprovação ao regime nazista e aos métodos hitleristas.”*

#### **A GUERRA NAS FRONTEIRAS ESPANHOLAS**

*LONDRES (19)- A resolução adotada pelo generalíssimo Franco, ordenando a mobilização parcial da Espanha, representa apenas uma medida de precaução que as atuais circunstâncias excepcionais são mais do que o suficiente para justificar.*

*E que não somente o território francês do Marrocos, agora ocupado pelas tropas aliadas, fez fronteira com as possessões espanholas, como também porque as tropas nazistas estenderam o seu domínio sobre toda a fronteira norte da França, do Atlântico e do Mediterrâneo, estando agora a dois passos da própria Espanha.*

*Assim [...] era um dever elementar do governo, diante de tais circunstâncias, inteiramente anormais, de tomar todas as medidas essenciais que o próprio caso requeria, preparando-se convenientemente, como diz o decreto oficial, para a defesa de sua soberania e integridade territorial.*

*No entanto, convém salientar que a Espanha, tal como Portugal, recebeu as mais explícitas garantias da Inglaterra e dos Estados Unidos, de que as medidas de caráter militar que estavam sendo tomadas no norte da África não eram de forma alguma dirigidas contra as possessões e os interesses de ambos, nem contra o atual “modus vivendi” que prevalece em tanger”.*

*Essas garantias foram recebidas com a maior satisfação pelo governo espanhol, tendo tido a maior publicidade da imprensa madrilena.*

*Por outro lado, Informações recebidas de Madri adiantam que o governo alemão deu idênticas garantias no tocante à inviolabilidade do território espanhol. Todavia pouco depois outra notícia oficial desmentia que o governo do generalíssimo Franco tivesse recebido tais garantias de Berlim. Assim, não deve surpreender a ninguém a notícia adotada pelo governo espanhol em vista das circunstâncias. Com sua mobilização parcial, a Espanha passou a ter uma posição mais ou menos idêntica àquela em que se encontra a Turquia, cujo exército tem estado quase em pé de guerra desde os primeiros dias do atual conflito. O paralelo entre a atitude da Espanha e da Turquia*

*descansa em bases idênticas – a neutralidade e defesa da independência nacional – bem como sobre um perigo potencial igualmente muito semelhante -o da invasão pela potencia agressora. (a) Fargus J. Ferguson, chefe dos correspondentes diplomáticos da agencia Reuters.*

→ **CORREIO PAULISTANO, 5 fev. 1944**

#### *AS NAÇÕES UNIDAS DESEJAM UMA NEUTRALIDADE REAL DA ESPANHA*

*Segundo declarações do presidente Roosevelt, a Grã-Bretanha e os Estados Unidos trabalham ativamente para que a situação política espanhola se esclareça por completo - Acredita-se que o governo do general Franco não romperá suas relações com as potencias do eixo - outras notas a respeito*

*WASHINGTON 4 (r)- o presidente Roosevelt declarou hoje em sua conferência que a Grã-Bretanha e os EE UU. Trabalham conjuntamente no sentido de que a Espanha mantenha uma neutralidade real. Acrescentou o presidente não saber se os dois países seriam bem-sucedidos ou não, mas tem esperanças de que o seriam. “a situação - acrescentou o presidente - tem fornecido muitas dores de cabeça”.*

*MADRID 4 (U.P.)- todos os jornais publicam com destaques e com grandes títulos a notícia sobre a reunião extraordinária realizada ontem pelo conselho de ministro sob a presidência do general Franco.*

*O órgão falangista “arriba” expressa: o governo ratifica a posição da Espanha de estrita neutralidade. Não se cederá por nenhum conceito no caso de pressão contra o direito de manter tal posição. Estudam-se todas as medidas necessárias para fazer respeitar a nossa neutralidade. O conselho, presidido pelo caudilho, examinou a situação internacional.*

*MADRID 4 (U.P.) - os jornais desta capital afirmam, categoricamente, que a Espanha não romperá suas relações com as potencias do “eixo”.*

*Segundo alguns comentadores, o governo do general Franco resistirá a qualquer espécie de pressão por parte dos aliados no sentido de forçar o rompimento de Madrid e Berlim.*

*Coincidindo com as categóricas declarações dos jornais, o governo, após uma reunião do gabinete, revelou que Madrid continuará a seguir uma política de estrita neutralidade.*

### DECLARAÇÕES DO EMBAIXADOR BRITÂNICO EM MADRID

LONDRES 4 (R)- o embaixador da Grã-Bretanha em Madrid, Sr Samuel Hoare, teria declarado- segundo informa o correspondente do "Times" na capital espanhola:

*"Longe de desejar que a Espanha entre na guerra, os aliados desejam sincera e ardentemente ver a Espanha se manter neutra sempre."*

*E também claro, das declarações publicas e das garantias que teem dado, que o governo espanhol igualmente deseja o país dentro do "status" da neutralidade.*

*Si é assim, e se a Espanha se mantiver realmente neutra, não haverá nenhuma perturbação entre os aliados e a Espanha. Isso é tudo quanto desejamos- notadamente que a Espanha não seja usada pela Alemanha para atacar as nações unidas.*

*Sob esta base, acredito que as presentes divergências entre os governos aliados e o espanhol poderão ser satisfatoriamente resolvidas*

### O PROBLEMA DOS NAVIOS ITALIANOS

LONDRES 4 (R)- O problema dos navios italianos era uma das "questões pendentes" entre o governo da Grã-Bretanha e o governo da Espanha e tratada pelo Sr Samuel Hoare, embaixador britânico em Madrid, e o general Franco, na ultima semana.

*Ca referidos navios italianos, de guerra e mercantes estavam detidos em portos espanhóis apesar dos repetidos pedidos dos aliados para que se lhes concedessem "liberdade de movimento"*

### O INTERESSE DOS ALIADOS NA QUESTÃO ESPANHOLA

LONDRES 4 (R)- As conversações anglo-americanas com o governo espanhol parecem ter atingido um ponto em que ambos os lados concordam em em que é de seu interesse, que a Espanha permaneça neutra. A questão agora levantada é relativa a reconciliação da interpretação espanhola de neutralidade com os interesses aliados. Varios fatos, na Espanha, teem desapontado as nações unidas. A imprensa falangista, que é controlada, e a propaganda em geral, que sempre tem sido em favor do "eixo", se mostram, porem, desde recentemente, menos inamistosos com relação aos aliados.

*O assunto mais espinhoso é o que diz respeito aos agentes e simpatizantes do "eixo" O governo espanhol já avançou consideravelmente nessa direção, determinando que aos alemães não será permitido viver nos portos espanhóis logo após a descoberta de bombas de tempo em caixas de laranjas que eram consignadas a Inglaterra.*

*Em fontes altamente autorizadas, foi dito que os próprios espanhóis consideram que alguns funcionários espanhóis notadamente no Marrocos, se tem identificado intimamente com os representantes do “eixo”. Seria desejável que tais funcionários fossem removidos para outros postos, onde não pudessem causar nenhum dano aos aliados nem levantar suspeitas pelo seu procedimento.*

*Outro ponto refere-se à sorte dos 16 navios de guerra e mercantes italianos que se encontram internados nos portos espanhóis. Neste ponto, as considerações da lei internacional devem surgir, mas estas frequentemente tem aparecido mais do que elásticas, especialmente na América do Sul, onde os aliados tem sido beneficiados, quer na primeira guerra, quer na atual. Não estariam assim fora das vistas dos negociadores encontrar o caminho da libertação desses navios, tão cedo possam ser encontradas tripulações, combustível, e suprimentos para o mesmos.*

*Os representantes aliados também devem ter tido alguma coisa a dizer a respeito dos auxílios que a Espanha tem fornecido à Alemanha em minerais estratégicos e artigos de alimentação, tendo este último país dado à Espanha, no último outono, grande saldo de créditos em Berlim. Desde aquela época, entretanto, esses saldos tem ficaram substancialmente reduzidos.*

*Quanto à sua atitude a crédito dos aliados, pede a Espanha apontar muitos “itens”, o mais notável dos quais o que se refere ao grande numero de refugiados aliados, inclusive mulheres e soldados, aos quais deu permissão para atravessar a Espanha, vindos da Europa ocupada pelos alemães, ganhando assim a liberdade. Existem muitas indicações de que as conversações de Madrid estão sendo conduzidas com a máxima certeza e com bom humor de ambos os lados, subsistindo portanto, boas possibilidades de que as duas partes cheguem a um acordo sem perturbar a susceptibilidade espanhola.*

→ **CORREIO PAULISTANO, 20 dez. 1947**

**ACENTUA-SE, DIA A DIA, O ISOLAMENTO DA ESPANHA**  
**RAUL DE POLILLO**

*A Espanha é país europeu, à beira do mediterraneo, que mede 505.155 quilometros quadrados de area com população calculada, em 1944 de ... 26.761 302 almas. O*

*aumento do número de habitantes, por ano, se está processando agora, na proporção de 300.000 almas.*

*Poucos países do mundo tiveram, no passado, uma situação tão prospera e tão prestigiosa como a da Espanha, seja pelo alcance da sua navegação marítima, seja pelo tamanho das terras sob o seu controle, seja pela projeção de sua literatura, seja pela transcendência de suas artes. Com o correr dos séculos, porém, a Espanha foi sendo privada do domínio das terras de ultramar; e concomitantemente, o seu prestígio político e econômico foi sendo cada vez mais reduzido, a ponto de a Espanha, nos dias de hoje, não ter mais sequer a simples categoria de grande potência.*

*Por qualquer circunstância que ainda não foi esclarecida, a Espanha não tomou parte na guerra mundial número um, de 1914-1918. Seja pelas conveniências que lhe advinham da posição de neutralidade, que lhe permitia tirar proveito dos dois lados em luta – seja pelo nacionalismo acanhado de seus ministros de então, que obrigavam o país a isolar-se, a Espanha manteve-se à margem da tragédia. A princípio, isto lhe pareceu ser um bem, mas se verificou que, em última análise foi um mal, porque o mundo de após 1918 passou a ser moldado, tomou forma e evoluiu sem o concurso dos espanhóis.*

*Assim, o país ficou como que à margem do panorama universal.*

*Dezoito anos mais tarde, isto é, 19 de julho de 1936, a Espanha, depois de se transformar em República, se viu sacudida por uma revolução civil das mais violentas e das mais duradouras da história moderna. A revolução concluiu-se em 28 de março de 1939. Instalando-se no poder, por via de longa consequência, como chefe supremo do estado, o general Francisco Franco Behamonte, e como agremiação política única, o partido falangista.*

*Daí por diante, os gabinetes ministeriais sofreram várias recomposições: as leis sociais passaram por diversas fases inseguras: o Exército foi reorganizado: e tudo foi reconduzido a nação, cada vez mais resolutamente, para a categoria de Estado totalitário, de ordem preponderantemente nazifascista, com a instalação de tribunais políticos especiais., com o amordaçamento da imprensa e com a intervenção do governo na distribuição arbitrária e improdutiva de terras.*

*Em 1939, cinco meses após a conclusão da guerra civil espanhola, estourou a conflagração mundial número dois, que durou até 1945. A Espanha também se manteve oficialmente neutra nessa segunda conflagração, mas teve a infelicidade de*

*manter-se neutra com uma tintura de indisfarçável benevolencia para com o “eixo”, favorecendo Mussolini e Hitler, e chegando a manter até uma “divisão azul”, para combater as Nações Unidas ao lado dos alemães na frente oriental. Aconteceu que o “eixo” perdeu a parada – que o mundo se voltou decididamente contra os regimes totalitarios – e que o regime de Franco se tornou incompativel com os principios pelos quais a maioria das nações que havia combatido o “eixo”.*

*Na atualidade, a Espanha não se beneficia nem mesmo das divergencias entre o bloco ocidental das democracias, chefiado pela Inglaterra e pelos Estados Unidos, e o bloco oriental de outro genero de democracia chefiado pela União Sovietica. Vista com maus olhos visto com maus olhos pelo ocidente e pelo oriente – incapaz de restabelecer-se das devastações da guerra civil – não podendp elevar a produção interna de viveres e de materia primas a um nível que lhe proporcione projeção internacional – o regime falangista vai levando a Espanha para um isolamento universal que se acentua mais a cada dia que passa.*

*A Espanha sofre falta de materiais de construção – de ausencia de recursos financeiros para os adquirir no exterior – e de escassez de transportes marítimos para os ir buscar onde existem.*

*Há pouco tempo, realizou-se em Paris, uma conferencia europeia, destinada a estudar a aplicação daquilo que agora tem o nome diplomatico e jornalístico de “plano Marshall”, que consiste em distribuir-se fundos em dolares, por iniciativa dos Estados Unidos, a fim de que as nações empobrecidas pela guerra, vencidas ou vencedoras, entrem de novo em fase, se não de prosperidade, pelo menos de solvencia. Para esta conferencia, foram convidados todos os países europeus, menos a Alemanha, que não tem governo proprio que a represente, e a Espanha, que não é bem vista nem pelos governos de Londres, de Washington e de Paris, nem pelos governos enquadrados na esfera de influencia do Kremlin. As nações enquadradas na esfera de influencia do Kremlin não compareceram aquela conferencia. Contudo dezesseis outros países dela participaram, adotando um programa de ação que dentro de alguns meses, começará a ser posto em prática. Desse programa a Espanha está definitivamente excluida tanto direta como indiretamente. Diretamente, porque não receberá o recurso valioso de moeda estrangeira com que poderia adquirir, em outras nações, as utilidades de que precisa, e indiretamente, por que as nações que se beneficiarem com o “plano Marshall” não irão empregar os seus dolares na Espanha,*

*uma vez que outros intercâmbios lhes serão facilitados, economicamente, e aconselhados politicamente.*

*Desta maneira, o isolamento espanhol, que já é considerável, e que já prejudica sensivelmente a evolução do país devido ao tipo quase medieval da orientação aldeã de seu governo, tornar-se-á ainda mais prenunciado, com o sacrifício inegável da civilização espanhola – civilização esta que se irá aniquilando mais profundamente de dia para dia, desde que Madrid insista em persistir na diretriz falangista que coloca a nação à margem da história contemporânea.*

→ **CORREIO PAULISTANO, 23 de set. 1947**

**UM PROBLEMA INADIÁVEL PERANTE A O.N.U – A LIQUIDACÃO DO FRANQUISMO.**

*Escreve-nos a “Associação Brasileira dos amigos do povo espanhol”:*

*“No dia 12 de dezembro de 1946 assembleia Geral da O.N.U. Adotou uma importante resolução sobre a Espanha. Dizia num dos seus parágrafos: assembleia “recomenda que, se dentro do prazo razoável não tiver sido estabelecido um governo cuja autoridade provenha do consentimento dos governados, comprometido a respeitar a liberdade de palavra, religião, reunião e apronta celebração dos eleições nas quais o povo espanhol, livre de intimidação e pressão e sem distinção, de partido, posso expressar sua vontade, o Conselho de Segurança estudará as medidas adequadas a remediar a situação.*

*No dia 16 do corrente mês reuniu-se novamente assembleia da E na ordem do dia de suas sessões figura outra vez a questão espanhola.*

*Em virtude da resolução de dezembro, a três aspectos que a ONU necessita examinar:*

*1) se já está vencido “prazo razoável”; 2) Se foi ONU estabelecido na Espanha um governo no qual concorre os requisitos que naquela resolução se assinalaram; e 3) quais são as as “medidas adequadas” que urge aplicar agora.*

→ **CORREIO PAULISTANO, 4 jul. 1945**

*Não pode caber dúvidas de que o tempo transcorrido, desde que a resolução da ONU foi adotada, constitui um prazo mas o que “razoável”, excessivo. Cada dia que passou tem significado novas execuções de democratas espanhóis. Que o prazo já está vencido, demonstra-o Também o incessante clamor da opinião pública mundial pedindo a ONU energia e rapidez na suas decisões. E admitiu também o próprio Franco, pois ao mesmo tempo que simula desprezar e permanecer indiferente diante dos acordos das Nações unidas, se apressa a pôr em prática toda classe de manobras como a lei de sucessão e o “referendum” com intuito de adiantar-se ao vencimento do prazo subi entendido e produzir a falsa impressão de que adaptando-se as condições estabelecidas pela ONU seu regime rende culto ao sufrágio universal e se injeta cada dia de novas doses de democracia.*

*Não é menos evidente que as mudanças de governo e de regime exigidos do acordo da O. N. U., ainda não se verificaram. Nem a lei de sucessão nem o “referendum” tem conseguido convencer ninguém de que se tenham produzido na situação interna da Espanha mudanças políticas de importância. Milhões de seres de todos os países tem feito ouvir constantemente sua voz a favor da causa da Espanha. E essa vontade dos povos esteve presente nos debates de dezembro da O. N. U., sustentada por um importante número de países, ainda que outros, como atitude que não condiz com os compromissos e responsabilidades assumidas perante o mundo pelas nações democráticas, conseguiram demorar uma resolução definitiva. Demora que se persistir agravará o problema com a conseguinte prorrogação do martírio dos democratas espanhóis e daninha para os interesses democráticos de todos os povos. Daí que as forças democráticas deve fazer ouvir novamente sua voz ante a assembleia Geral da O. N. U. para que não seja adiada mais uma vez a solução do problema da Espanha, pois isso causaria um grande dano ao prestígio e autoridade desta organização, na qual todo mundo progressista depositava suas esperanças. Já é tempo de se fazer justiça ao povo espanhol e terminar o seu imerecido sofrimento. Para tranquilidade das nações civilizadas é necessário acabar com o regime de Franco, último satélite de Hitler na Europa. A O. N. U., surgida da luta contra o nazi-fascismo e para defender os ideais anti-fascistas, tem poder mais que suficiente para ajudar a solucionar rapidamente esse problema.*

*Nele estão interessados os democratas de todo mundo, e o estão sem nenhuma dúvida todos os democratas do nosso país. E a ele podemos contribuir eficazmente fazendo chegar esse desejo a assembleia da O.N.U. Através de mensagens, cartas, telegrama, etc., assinados ao maior número possível de pessoas e enviados de todos os lugares de nossa pátria.*

*Eis aí uma importante e urgente tarefa para tudo democrata sincero.*

→ **CORREIO PAULISTANO, 4 jul. 1945**

*A gratidão dos italianos para com os aliados libertadores*

*A rádio italiana anunciou no fim do mês d maio que em toda a península os cidadãos podem agora circular na mais ampla liberdade, Com a única exceção de duas pequenas localidades onde a prudência aconselhou se conservar sem medidas de segurança.*

*“As comunicações — acrescentou a Radio Roma — foram reabertas; cada um poderá ir onde quiser. Muitos torturados irmãos voltaram dos campos de concentração alemães; voltarão também outras vítimas da feroz tirania que jogou o país nesta injusta guerra. Os italianos que por anos seguidos foram sujeitos e humilhados, podem agora expressar livremente a sua gratidão para com os aliados que libertaram a pátria, podem orgulhar se por ter colaborado para a vitoria comum.”*